

Volin

A REVOLUÇÃO DESCONHECIDA (1)

*Nascimento, crescimento e triunfo
da revolução russa (1825 - 1917)*

coleção

40 bases

HISTÓRIA
HISTÓRIA
HISTÓRIA
HISTÓRIA
HISTÓRIA



Global editora

Volin

A REVOLUÇÃO DESCONHECIDA

(VOLUME 1)

**NASCIMENTO, CRESCIMENTO E TRIUNFO DA
REVOLUÇÃO RUSSA (1825-1917)**

Tradução de **Jaime de Almeida**

Título original: "**La Révolution Inconnue**"

Usada na tradução a edição francesa de Éditions Pierre Belfond,
Paris, 1972

e comparada com a edição castelhana de Editorial Americalee,
Buenos Aires, 1954.

A publicar:

Vol. II — Bolchevismo e Anarquia

Vol. III — As Lutas Pela Verdadeira Revolução Social: Cronstadt e
Ucrânia

Copyright © 1980

GLOBAL EDITORA E DISTRIBUIDORA LTDA.

Rua José Antonio Coelho, 814
CEP 04011 - São Paulo - S.P. - Tel.: 549-3137

Capa
Carlos Clémen

Revisão
Armandina Venâncio

N.º de Catálogo - 1198

Composto e Impresso na Editora Parma Ltda.
Rua da Várzea, 394
São Paulo - S.P.

ÍNDICE

NASCIMENTO, CRESCIMENTO E TRIUNFO DA REVOLUÇÃO RUSSA (1825-1917)

VOLIN, notas biográficas	7
PREFACIO	13
INTRODUÇÃO: esclarecimentos necessários	17

PRIMEIRA PARTE: O COMEÇO (1825-1905)

CAPÍTULO I — A Rússia no começo do séc. XIX. Nascimento da Revolução	21
— Visão geral, pág. 21 — Primeiro Movimento francamente revolucionário: Os Dezembristas (1825), pág. 23 — A Lenda do Tzar. O paradoxo russo, pág. 24.	
CAPÍTULO II — Repressão, Garrote e Bancarrota — Evolução (1825-1855)	26
— Criação definitiva de um Estado burocrático e policial, pág. 26 — Eferescência camponesa. Descontentamento Geral, pág. 27 — A Juventude intelectual, pág. 28 — O nihilismo, pág. 28 — Derrota do regime do garrote, pág. 32 — Evolução, pág. 33.	
CAPÍTULO III — As Reformas — A Revolução retorna — Fracasso do Tzarismo e fracasso revolucionário — A Reação (1855-1881)	36
— Um novo movimento revolucionário. A Narodnaia Volia. O Assassinato de Alexandre II, pág. 39 — O absolutismo, e lenda e o paradoxo sobrevivem, pág. 41.	
CAPÍTULO V — Fim do Século — O Marxismo — Rápida Evolução — Reação (1881-1900)	44
— Novo aspecto do movimento revolucionário: o marxismo e o partido social-democrático. Progressos culturais. Crescimento industrial. O absolutismo e a reação se afirmam contra essa evolução. — pág. 44.	
CAPÍTULO V — Século XX — Evolução acelerada — Progressos Revolucionários — Desvios (1900-1905)	48
— O absolutismo mantém-se em suas posições e procura sobreviver por quaisquer meios. A rápida evolução do país continua, pág. 48 — A situação política, econômica e social da população trabalhadora. Extensão da propaganda socialista revolucionária. Mais brutal repressão.	

A revolução começa a ganhar a rua, pág. 52.
 — Os partidos políticos: Social-democrático e Socialista Revolucionário. Os atentados, pág. 55 — Os anarquistas, pág. 56 — O governo tzarista procura canalizar o movimento operário para uma atividade "legal", pág. 57.

SEGUNDA PARTE: A COMOÇÃO (1905-1906)

CAPÍTULO I	— A epopéia Gaponista — Primeira greve geral ..	59
	— As "Seções Operárias". A agitação e a epopéia gaponistas. O pope Gapone: sua personalidade, sua obra, seu fim. O "Domingo Sangrento": 9-22 de janeiro de 1905. A "Lenda do tzar" destruída pelo tzar. Primeiro grande movimento de massas operárias. Primeira greve operária em São Petersburgo, pág. 59.	
CAPÍTULO II	— O Nascimento dos "Soviets"	81
	— O primeiro Soviet havia nascido, pág. 94.	
CAPÍTULO III	— A Guerra desastrosa — a Vitória de uma Greve Revolucionária	96
	— Efeitos fulminantes das graves derrotas na guerra russo-japonesa. Efervescência em todos os meios da sociedade. As "liberdades" tomadas de assalto. Agitação no Exército e na Marinha, pág. 96 — A greve geral de outubro. O governo vacila. O manifesto de 17 de outubro e seus efeitos, pág. 98.	
CAPÍTULO IV	— O fracasso da Revolução — O balanço da comoção	101
	— A Revolução é freitada. A "Duma". Os partidos políticos. O contato entre os círculos avançados e as massas se estabelece. O "Paradoxo Russo" começa a se apagar, pág. 101.	
CAPÍTULO V	— A "Pausa" (1905-1917)	113

TERCEIRA PARTE: A EXPLOSÃO (1917)

CAPÍTULO I	— Guerra e Revolução	119
	— O último choque entre o Tzarismo e a Revolução, pág. 119.	
CAPÍTULO II	— O Triunfo da Revolução	126
CAPÍTULO III	— Rumo a Revolução Social	129
	— O Governo Provisório e os problemas da Revolução, pág. 129.	
CAPÍTULO IV	— Rumo a um Governo Socialista? A Miséria do Socialismo	139
CAPÍTULO V	— A Revolução Bolchevique	149
	— A queda do Governo Kerensky. A vitória do Partido Bolchevique, pág. 149.	
NOTAS	155

VOLIN

Vsevolod Mikailovitch Eichenbaum, mais conhecido como Volin, nasceu na cidade de Voroneje a 11 de agosto de 1882.

De família abastada, o pai e a mãe eram médicos e lhe deram uma sólida instrução. Desde a infância, ele e seu irmão Bóris foram confiados a governantas que os familiarizaram com o francês e o alemão, que passaram a falar tão bem como o russo; tiveram assim uma educação rigorosa. Vsevolod ingressou no colégio de Voroneje, onde prosseguiu seus estudos até completar o curso médio, inscrevendo-se depois na Faculdade de Direito de São Petersburgo, que logo abandonou atraído pelas idéias socialistas revolucionárias que o impulsionaram a uma grande atividade nos acontecimentos de 1905.

No curso deste grande movimento popular Volin foi detido pela polícia czarista, encarcerado e finalmente deportado. Em 1907 conseguiu evadir-se e refugiar-se na França.

Em Paris completou seus conhecimentos sociais, enquanto freqüentava certos círculos de refugiados russos. Por influência de A. A. Karelin abandonou o partido socialista-revolucionário e se aproximou dos grupos de emigrados anarquistas russos.

Em 1913 foi membro do comitê de ação revolucionário e dedicou-se à propaganda, na França, contra a guerra que ameaçava. Sua atividade em 1915 foi tão intensa que atraiu a atenção do governo Viviani-Millerand, que decidiu detê-lo, interná-lo em um campo de concentração até o

final da guerra e mais tarde expulsá-lo. Volin, prevenido, escondeu-se e, com a ajuda de camaradas franceses chegou a Bordaux, onde conseguiu embarcar como carvoeiro em um navio que o conduziu aos Estados Unidos. Deixou na França sua companheira e seus quatro filhos.

Fazia alguns meses que Volin enviava correspondência de Paris ao semanário anarco-sindicalista Goloss Truda (A Voz do Trabalho), órgão oficial da poderosa Federação das Uniões Operárias russas nos Estados Unidos e no Canadá, que contava a essa época com mais de 10.000 membros.

Volin foi muito bem recebido, visto que a Federação carecia de conferencistas e propagandistas. Sua colaboração foi muito eficaz, pois era um excelente orador, como a imprensa russa já o havia assinalado durante os acontecimentos de 1905. Sua locução fácil, o tom persuasivo de suas palavras, a elegância de sua linguagem imaginosa e colorida, o vigor e a elevação de seu pensamento atraíram a atenção das massas que se acotovelavam para escutá-lo. Deixou uma lembrança inesquecível no ambiente operário dos Estados Unidos.

Em 1917 a redação do referido jornal e Volin regressaram à Rússia onde a revolução já estava em marcha, e instalaram-se em São Petersburgo.

Naquela época realizou-se um trabalho de unificação de todos os anarquistas russos que seguiam a orientação de Pedro Kropotkin; essa unificação se concretizou na União de Propaganda Anarco-Sindicalista de Petrogrado. Esta decidiu continuar publicando o jornal Goloss Truda; Volin foi designado redator. Após o golpe de estado de outubro, o periódico tornou-se diário, com um comitê de redação assessorando Volin. Mas depois da ruptura das negociações de paz de Brest-Litovsk, Volin deixou o jornal.

Nosso amigo dirigiu-se a Bobrov para encontrar sua companheira e seus quatro filhos, que não via desde sua fuga da França e que haviam conseguido, após mil peri-

pécias, voltar à Rússia. Em Bobrov, Volin trabalhou junto ao soviete da cidade, na educação popular, para levar à população a compreensão dos acontecimentos revolucionários. Pouco depois, passou ao jornal diário Nabate (A Campainha) da região, e se uniu aos organizadores da Conferência de Kursk, que o encarregaram de redigir as resoluções adotadas pela Conferência e de elaborar uma declaração que pudesse ser aceita por todas as tendências e matizes do anarquismo e que permitisse a todos trabalhar em uma organização unificada. Assim Volin formulou sua teoria da Síntese Anarquista, na qual cabiam o sindicalismo, o comunismo e o individualismo, visto que ele os considerava como os três aspectos do anarquismo. Depois da segunda Conferência, Volin abandonou Moscou e voltou a trabalhar no jornal Nabate de Kursk, que era o órgão central, pois havia várias edições regionais do mesmo. Estava-se então em um período de tolerância política e Volin, na redação do periódico, atuou intensa e eficazmente. Mas logo veio a reação bolchevique que suprimiu a imprensa livre e perseguiu e prendeu os anarquistas. Volin integrou-se então ao movimento makhnovista, na seção de cultura e educação, organizando reuniões, conferências, debates, conselhos populares, editando volantes, panfletos e todas publicações reclamadas pelos makhnovistas. Em 1919 Volin foi eleito presidente do Conselho Militar Insurrecional, no qual trabalhou intensamente durante seis meses. Suas atividades foram interrompidas quando contraiu tuberculose; foi então detido e levado a Moscou pela Tcheka. Graças a um acordo militar entre o governo bolchevique e Makhno, Volin foi libertado em outubro de 1920.

Transferiu-se a Kharkov, onde, com a Confederação Nabate, preparou um Congresso anarquista para o dia 25 de dezembro. Na véspera, os bolcheviques detiveram Volin e os anarquistas que haviam militado com Makhno. O movimento anarquista foi dizimado por uma repressão atroz e uma fração do exército de Makhno foi alcançada

pécias, voltar à Rússia. Em Bobrov, Volin trabalhou junto ao soviete da cidade, na educação popular, para levar à população a compreensão dos acontecimentos revolucionários. Pouco depois, passou ao jornal diário Nabate (A Campainha) da região, e se uniu aos organizadores da Conferência de Kursk, que o encarregaram de redigir as resoluções adotadas pela Conferência e de elaborar uma declaração que pudesse ser aceita por todas as tendências e matizes do anarquismo e que permitisse a todos trabalhar em uma organização unificada. Assim Volin formulou sua teoria da Síntese Anarquista, na qual cabiam o sindicalismo, o comunismo e o individualismo, visto que ele os considerava como os três aspectos do anarquismo. Depois da segunda Conferência, Volin abandonou Moscou e voltou a trabalhar no jornal Nabate de Kursk, que era o órgão central, pois havia várias edições regionais do mesmo. Estava-se então em um período de tolerância política e Volin, na redação do periódico, atuou intensa e eficazmente. Mas logo veio a reação bolchevique que suprimiu a imprensa livre e perseguiu e prendeu os anarquistas. Volin integrou-se então ao movimento makhnovista, na seção de cultura e educação, organizando reuniões, conferências, debates, conselhos populares, editando volantes, panfletos e todas publicações reclamadas pelos makhnovistas. Em 1919 Volin foi eleito presidente do Conselho Militar Insurrecional, no qual trabalhou intensamente durante seis meses. Suas atividades foram interrompidas quando contraiu tuberculose; foi então detido e levado a Moscou pela Tcheka. Graças a um acordo militar entre o governo bolchevique e Makhno, Volin foi libertado em outubro de 1920.

Transferiu-se a Kharkov, onde, com a Confederação Nabate, preparou um Congresso anarquista para o dia 25 de dezembro. Na véspera, os bolcheviques detiveram Volin e os anarquistas que haviam militado com Makhno. O movimento anarquista foi dizimado por uma repressão atroz e uma fração do exército de Makhno foi alcançada

e exterminada, sem que no entanto desaparecesse a resistência insurrecional durante cerca de dois anos ainda, sempre com o incapturável Makhno à sua frente. Os prisioneiros de Kharkov foram transferidos a Moscovo, e Volin esteve encarcerado em Butyrki e depois em Lefortovo. Em ambas as prisões todos conheceram as brutalidades da Tcheka, contra a qual protestaram por uma greve de fome que durou dez dias e meio e que terminou graças a uma intervenção inesperada: a dos delegados sindicais europeus que assistiam um Congresso do Profintern, que obtiveram a libertação de dez prisioneiros, entre os quais Volin, sob a condição de desterro perpétuo e ameaça de morte em caso de retorno. Todos puderam partir com suas famílias.

Na Alemanha Volin foi socorrido pela União Operária Livre de Berlim e trabalhou intensamente por ela, a qual publicou seu excelente folheto "A perseguição do anarquismo na Rússia Soviética". Traduziu também o livro de Pedro Archinoff: "História do Movimento Makhnovista", sem deixar de redigir o importante semanário russo O Operário Anarquista, de síntese ideológica.

Convidado por Sébastien Faure a voltar à França onde teria vida menos precária, Volin aceitou colaborar na Enciclopédia Anarquista que o velho militante e grande orador havia iniciado. Escreveu para essa obra alguns estudos notáveis, alguns dos quais foram reproduzidos em folhetos de propaganda e na imprensa estrangeira, especialmente na Espanha. Atendendo a uma proposta da C.N.T. espanhola, aceitou a redação de seu periódico em língua francesa "L'Espagne Antifasciste".

Deixou Paris, foi a Nimes e a Marselha, onde foi surpreendido pela segunda guerra mundial. Correu todos os riscos das conseqüências da invasão da França, sendo anarquista e russo e inimigo decidido do nazismo. Pode escapar a todos os perigos que o ameaçavam, mas não a todas as misérias da guerra: todo tipo de privações que o debilitaram até que foi vitimado pela tuberculose inexo-

rável, e morreu em Paris a 15 de setembro de 1945. Seus restos foram incinerados no Père Lachaise na presença de muitos amigos.

Durante sua longa permanência em Marselha, pôde terminar essa REVOLUÇÃO DESCONHECIDA, na qual pôs todo o seu saber. Nossa fidelidade fraterna nos permite apresentar essa obra, que nos parece magnífica.

OS AMIGOS DE VOLIN

PREFÁCIO

TODA REVOLUÇÃO é, em suas raízes, uma grande desconhecida, mesmo que seja estudada de perto por autores de diversas tendências e em diferentes épocas. Passam os séculos e, de vez em quando, outros homens perscrutam os vestígios de antigas e grandes agitações para descobrir fatos e documentos que não viram a luz. Tais descobertas modificam nossos conhecimentos e idéias que supúnhamos definitivos. Quantas obras sobre a Revolução Francesa de 1789 já existiam quando Kropotkin e Jaurès descobriram em seus escombros elementos até então ignorados que esclareceram aquela época! O próprio Jaurès reconheceu que os imensos arquivos da grande revolução ainda não haviam sido sistematicamente investigados.

Em geral, ainda não se sabe estudar uma revolução, como tampouco se sabe escrever a história de um povo. Ademais, mesmo autores experimentados e conscientes cometem erros e negligências que impedem a justa compreensão dos acontecimentos. Realiza-se um esforço para investigar a fundo e expor detalhadamente os fatos e os fenômenos surpreendentes que se desenvolveram em plena luz, na ruidosa manifestação revolucionária, mas despreza-se ou ignora-se os sucessos ocorridos no silêncio, nas profundezas da revolução, à margem do espetáculo. Às vezes eles são abordados ligeiramente com testemunhos vagos que são interpretados quase sempre com erro ou com má fé. E são precisamente esses fatos ocultos os realmente importantes para se descobrir o verdadeiro sentido de sua história e de sua época.

Além disso, a economia, a sociologia, a psicologia, consideradas como ciências-chave da revolução, são ainda incapazes, pela sua rusticidade, de compreender e explicar convenientemente o acontecido.

E mesmo quanto ao aspecto puramente informativo, quantas lacunas! No formidável torvelinho da revolução, muitos acontecimentos, nesse vai-vem incessante de eferescência, ficam talvez perdidos para sempre. Aqueles que vivem uma revolução, os milhões de indivíduos que, de uma forma ou de outra são arrastados pelo furacão, se preocupam muito pouco em anotar para as futuras gerações aquilo que viram, souberam, pensaram e viveram.

Com raras exceções, as poucas testemunhas que fornecem algum registro, assim como os senhores historiadores, são de uma parcialidade repugnante. Cada um busca e encontra à vontade em uma revolução elementos que possam apoiar uma tese pessoal, ou ser úteis a um dogma, a um partido, a uma casta, ocultando e separando cuidadosamente tudo o que pode ser contrário a tais propósitos parciais. Os próprios revolucionários, divididos por suas teorias, se esforçam em dissimular ou desfigurar aquilo que não concorde exatamente com tal ou qual doutrina. E isso sem considerar o número desconcertante de obras sem importância alguma e que são mesmo desnecessárias.

Quem poderia vangloriar-se de estabelecer a verdade inconfundível? Não é pois de estranhar que sobre uma revolução existam quase tantas versões como livros e que, no fundo, a verdadeira continua sendo desconhecida.

Não obstante, essa revolução oculta que leva em si os germes de futuras agitações, é necessário descobri-la. Quem quer que pense em revivê-la ativamente, ou queira simplesmente seguir os acontecimentos com discernimento, deve investigar o desconhecido. E o autor afirma que seu próprio dever o obriga a ajudar o investigador em sua busca.

* * *

Neste livro, a revolução desconhecida é a Revolução Russa, não a que foi tantas vezes descrita por políticos ou escritores oficiais mas sim aquela que foi por eles mesmos, descuidadamente ou habilmente velada e mesmo falsificada. Esta é a Revolução ignorada.

Basta folhear alguns livros sobre a Revolução Russa para ver que até agora todos tem sido escritos com interesse doutrinal, político ou pessoal. A verdade se disfarça de acordo com o escritor, e os fatos se modificam à medida em que um "branco", um democrata, um socialista, um estalinista ou um trotskista os relate. Cada um apresenta a seu gosto a realidade, de modo que quanto mais se procura, menos ela é encontrada, porque os autores silenciaram sistematicamente os fatos de maior importância quando esses não concordavam com suas próprias idéias, não lhes interessavam ou não lhes convinham.

Pois bem, esta documentação inédita e tão excepcionalmente edificante constitui precisamente a maior parte deste volume. Sem exagero e sem vaidade, o autor afirma: aqueles que não vierem a conhecer esse livro continuarão ignorando muitíssimos fatos de uma importância fundamental.

* * *

As revoluções precedentes nos legaram um problema importante, especialmente as de 1789 e 1917: iniciadas em escala de massa contra a opressão, animadas pelo poderoso alento da liberdade e proclamando-a como finalidade essencial, por que degeneraram em uma nova ditadura de outras classes dominantes privilegiadas e em uma nova escravidão das massas? Quais seriam as condições que permitiriam a uma revolução evitar um resultado tão deplorável? Seria essa conclusão, por muito tempo ainda, uma espécie de fatalidade histórica, cu seria o efeito de fatores acidentais ou simplesmente de erros e faltas que se possam corrigir a partir de agora? E nesse último caso,

que meios poderiam eliminar o perigo que ameaça já as futuras revoluções? Poder-se-ia ter alguma esperança nesse sentido?

O autor ratifica que são precisamente os elementos ignorados e dissimulados conscientemente aqueles que nos oferecem a chave do problema e os meios precisos para solucioná-lo. E é este propósito que há de toda a exposição de fatos incontestáveis que este livro contém.

* * *

O autor participou ativamente nas revoluções de 1905 e 1917 e jamais teria pensado em escrever este livro se não o guiasse o propósito de relatar os fatos autênticos com perfeita objetividade. Esta preocupação por um relato franco e de uma análise imparcial é favorecida pela posição ideológica daquele que escreve. Desde 1908 não pertence a nenhum partido político. Por suas convicções simpatiza com a tendência libertária. Pode-se permitir a uma completa imparcialidade porque, sendo libertário, não tem interesse algum em trair a verdade ou em disfarçá-la; não aspira ao poder, nem a um posto de dirigente, nem a privilégios, nem sequer ao triunfo a qualquer preço de uma doutrina. Busca essencialmente a verdade, porque somente ela é fecunda. Sua paixão, sua única ambição, é contribuir para a compreensão dos acontecimentos pelo conhecimento dos fatos exatos, porque somente assim se pode formular conclusões justas e úteis.

Como toda revolução, a Revolução Russa possui um tesouro de fatos ignorados e mesmo insuspeitados.

Este estudo pretende colocar-se ao lado da obra de autores que tenham querido, podido e sabido explorar estas grandes riquezas com toda honestidade e independência.

INTRODUÇÃO

ESCLARECIMENTOS NECESSÁRIOS

1.º — A Revolução Russa pode ser estudada desde a revolta dos dezembristas em 1825 até nossos dias, ou então nas revoluções de 1905 e 1917, ou unicamente na grande explosão de 1917. Em nossa exposição vamos considerar todo o processo histórico desde 1825, já que assim se compreenderá a relação total dos acontecimentos e a situação atual.

2.º — A história completa exigiria mais de um volume e seria uma obra de grande alento, reservada sobretudo para os historiadores do futuro. Nosso estudo se propõe a: a) relatar sucintamente os fatos revolucionários desde sua origem; b) esclarecer os elementos essenciais pouco conhecidos ou ignorados no estrangeiro; c) distinguir os julgamentos mais relevantes e estabelecer deduções lógicas.

Entretanto, o relato que faremos será cada vez mais amplo e detalhado. Sobre os acontecimentos de 1905 e 1917 mostraremos aspectos até agora desconhecidos e abundante documentação inédita.

3.º — É necessário compreender a diferença entre a evolução geral da Rússia e a da Europa Ocidental. Cremos que o estudo da Revolução Russa deveria ser precedido pelo estudo histórico de todo o país e nele enquadrado. Mas essa tarefa ultrapassaria os limites do tema. De toda a forma, introduziremos algumas noções históricas em todos os casos em que elas se tornem necessárias.

PRIMEIRA PARTE

O COMEÇO (1825-1905)

CAPITULO PRIMEIRO

A RÚSSIA NO PRINCÍPIO DO SÉCULO XIX NASCIMENTO DA REVOLUÇÃO

Visão geral — A grande extensão do país, sua população disseminada, desunida, portanto mais fácil de subjugar, a dominação mongólica durante mais de dois séculos, as guerras contínuas, as agitações e outros fatores desfavoráveis foram as causas de um grande atraso político, econômico, social e cultural da Rússia em relação aos outros países da Europa.

Politicamente, a Rússia entrou no século XIX sob um regime de monarquia absoluta, com seu autocrata apoiado em uma aristocracia latifundiária e militar, uma burocracia onipotente, um clero numeroso e cerca de 75 milhões de camponeses primitivos, analfabetos diante de seu **paizinho** o czar.

Economicamente, o país se encontrava em um estado de feudalidade agrária. As cidades, exceto São Petersburgo e Moscou, e algumas outras na região sul, eram pouco desenvolvidas. A verdadeira base da economia era a agricultura, da qual vivia 95% da população. Mas a terra era propriedade do Estado e dos grandes latifundiários. Os camponeses eram apenas os servos destes senhores que possuíam verdadeiros feudos herdados de seus antepassados, que por sua vez os haviam recebido do soberano, primeiro proprietário, em sinal de reconhecimento de serviços militares, administrativos ou outros. O senhor tinha direito de vida e morte sobre seus servos. Não somente os fazia trabalhar como escravos, como podia também ven-

dê-los, castigá-los, torturá-los e mesmo matá-los, sem quase nenhum empecilho. Esta servidão de 75 milhões de escravos era a base econômica do Estado.

Esta **sociedade** se compunha assim: acima, os senhores absolutos: o tzar, sua numerosa parentela, sua corte fastuosa, a nobreza e os magnatas da burocracia, da casta militar e do clero. Abaixo, os escravos: servos camponeses e a plebe das cidades, sem noção alguma de vida cívica, sem direitos, sem a menor liberdade. A classe média era composta de mercadorias, funcionários, empregados e artesãos, praticamente insignificante.

O nível cultural era pouco elevado, mas convém assinalar um notável contraste entre a simples população trabalhadora rural e urbana inculta e miserável, e as classes privilegiadas, cuja educação e instrução eram bastante avançadas.

A servidão camponesa era a chaga purulenta do país. Ao final do século XVIII, alguns homens de caráter nobre e elevado protestaram contra esse horror e pagaram cara essa audácia. Os camponeses se revoltavam mais e mais contra seus senhores em numerosas revoltas locais contra esse ou aquele senhor demasiadamente despótico. No século XVII, a sublevação de Razine e no século XVIII a de Pougatcheff, pela sua amplitude, mesmo que tenham fracassado, causaram graves transtornos ao governo tzarista e quase quebraram todo o sistema. Ambos os movimentos, espontâneos e sem finalidade, foram dirigidos sobretudo contra os inimigos imediatos: a nobreza latifundiária, a aristocracia urbana e a administração venal. Não foi formulada nenhuma idéia geral visando suprimir o sistema social e substituí-lo por um outro mais justo e mais humano. Mais tarde o governo conseguiu, empregando astúcia e violência, com a ajuda do clero e de outros elementos reacionários, subjugar os camponeses de maneira completa, inclusive psicologicamente, de uma forma tal que toda rebelião mais ou menos vasta tornou-se quase impossível por muito tempo.

Primeiro movimento francamente revolucionário: Os Dezembristas (1825)

Foi dirigido contra o regime, e seu programa ia, no terreno social, até a abolição da servidão, e no político, à instauração de uma república ou regime constitucional; produziu-se quando o imperador Alexandre I morreu sem deixar herdeiro direto. A coroa, recusada por Constantino, passou ao outro irmão do imperador falecido, Nicolau. O movimento não partiu das classes oprimidas, mas dos ambientes privilegiados. Os conspiradores, aproveitando a hesitação da dinastia, executaram seus projetos preparados a algum tempo e arrastaram alguns regimentos e alguns oficiais do exército imperial na rebelião, que estalou em São Petersburgo. Foi desbaratada após um breve combate na praça do Senado. As tropas fiéis ao governo sufocaram ainda algumas tentativas preparadas nas províncias.

O novo tzar, Nicolau I, muito impressionado pela rebelião, dirigiu pessoalmente o inquérito, que foi o mais minucioso possível. Fizeram-se diligências até descobrir os mais distantes simpatizantes platônicos do movimento. A repressão, em seu desejo de ser exemplar, definitiva, atingiu os limites da crueldade. Os cinco principais dirigentes morreram no patíbulo, e centenas de homens foram conduzidos ao presídio ou fugiram e se exilaram.

Esse motim do mês de dezembro deu a seus realizadores o nome de **dezembristas**. Quase todos pertenciam à nobreza ou a outras classes privilegiadas. A maioria havia recebido educação ou instrução superior. Homens inteligentes e sensíveis, sofriam ao ver o povo sob um regime de injustiça e arbítrio, na miséria, na ignorância e na escravidão. Fizeram seus os protestos de seus precursores do século XVIII e os traduziram em atos. O que proporcionou a alguns o ímpeto indispensável foi sua estadia na França depois da guerra de 1812, e a possibilidade de comparar assim o nível relativamente alto da civiliza-

ção na Europa com a barbárie da vida popular russa. Voltaram a seu país com a firme decisão de lutar contra o sistema político e social atrasado que oprimia seus compatriotas. Atraíram à sua causa homens de cultura. Um de seus adeptos, Pestel, desenvolveu em seu programa algumas idéias vagamente socialistas. O célebre poeta Puchkin (nascido em 1799) também foi um simpatizante do movimento.

Uma vez derrotada a rebelião, o novo Imperador Nicolau I, amedrontado, acentuou ao máximo o regime despótico, burocrático e policial do Estado russo.

A lenda do tzar. O paradoxo russo

Os levantes dos camponeses contra seus amos e opressores não impediam a veneração cega pelo paizinho Tzar. Os motins dirigiam-se sempre contra os opressores imediatos: proprietários, nobres, funcionários, polícia. A idéia de buscar o fundo do mal no próprio regime tzarista, no tzar, primeiro nobre e primeiro privilegiado, grande protetor de nobres e de privilegiados, não passava pela cabeça dos camponeses. Consideravam o tzar como um ídolo, um ser superior, colocado acima dos simples mortais, de seus pequenos interesses e debilidades, para conduzir a bom porto os graves destinos do Estado. As autoridades, os funcionários e, principalmente os padres, encarregavam-se de inculcar essa idéia; os camponeses acabaram por aceitar esta lenda, que se arraigou extremamente. “O tzar — diziam-se uns aos outros — quer o bem de **seus filhos**, mas os privilegiados, interessados em conservar seus direitos e vantagens, se interpunham entre ele e seu povo afim de impedir-lhe o conhecimento de suas misérias e impediam uma comunicação recíproca entre eles”. O povo estava persuadido de que se conseguisse falar diretamente ao tzar, este, momentaneamente enganado pelos privilegiados, compreenderia a verdade, dispensaria seus maus conselheiros e todos os interesseiros, e se inclinaria sobre as misérias dos camponeses, livrá-los-ia

do jugo, e os deixaria todas essas boas terras que deviam pertencer por direito aos que nelas trabalhavam. Assim, mesmo que revoltando-se contra seus amos mais cruéis, os camponeses esperavam, com esperança e resignação, o dia em que o muro edificado entre eles e o tzar caísse e a justiça social fosse estabelecida em acordo mútuo. Com a ajuda do misticismo religioso chegaram a considerar o período de espera e de sofrimento como algo imposto por Deus sob forma de castigo e de prova, e se resignavam com fatalismo primitivo.

A tendência dos camponeses russos era extremamente característica. Acentuou-se ainda mais ao longo do século XIX, apesar do descontentamento crescente e dos atos individuais ou locais de rebelião cada vez mais frequentes. **Os camponeses perdiam a paciência, mas esperavam com igual fervor o tzar "libertador".**

Esta lenda do tzar arraigou-se na vida popular russa do século XIX. Ignorando-a, não se chegará nunca a compreender os acontecimentos. Ela explica certos fenômenos que pareceriam misteriosos. O paradoxo russo chocou a mentalidade de muitos europeus e se manteve quase até a revolução de 1917. Por um lado, muita gente culta, instruída, avançada, que quer ver seu povo livre e feliz, segue as idéias da época e luta pela emancipação das classes trabalhadoras, pela democracia e pelo socialismo; e por outro lado este povo, que nada faz para se libertar, salvo algum motim sem importância, queda obstinadamente prostrado diante de seu ídolo e de seu sonho, e nem sequer compreende o gesto daqueles que se sacrificam por ele. Indiferente, cego a verdade, surdo a todas as incitações, espera o tzar libertador, como os primeiros cristãos esperavam o Messias.

CAPÍTULO II

REPRESSÃO, GARROTE E BANCARROTA EVOLUÇÃO (1825-1855)

Os anos de 1825 a 1855 são os do reinado de Nicolau I. Do ponto de vista revolucionário foram morosos, mas esses trinta anos foram significativos em alguns aspectos importantes.

Criação definitiva de um Estado burocrático e policial

Por ter ocupado o trono sob o signo da rebelião de-
zembrista, Nicolau I preocupou-se em garrotear o país e
afogar no ovo toda corrente liberal; agudizou o regime
absolutista e transformou a Rússia em um Estado buro-
crático e policial.

A recente Revolução francesa e os movimentos revo-
lucionários que sacudiram depois a Europa tornaram-se
para ele verdadeiros pesadelos; tomou assim medidas
extraordinárias de precaução.

Toda a população foi estreitamente vigiada. O arbí-
trio da burocracia, da polícia, dos tribunais, não conhecia
limites. Toda independência, toda tentativa de escapar ao
férreo punho policial, eram desapiedadamente reprimidas;
nem uma sombra de liberdade de palavra, de rebelião, de
organização... A censura atuava como nunca. Toda infra-
ção às leis era castigada com o maior vigor.

A sublevação da Polônia em 1831, afogada em sangue
com ferocidade, e a situação internacional, empurraram o
imperador a acentuar a militarização do país. A vida da

população era de caserna e um castigo severo recaía sobre quem quer que procurasse escapar à disciplina imposta.

Este soberano mereceu com justiça seu apelido: **Nicolau Garrote.**

Efervescência camponesa. Descontentamento geral

Por tais excessos e suas conseqüências desastrosas que o tzar em sua cegueira não compreendia, certos elementos da população não cessavam de manifestar em todas as ocasiões o seu descontentamento.

Além disso, a nobreza latifundiária particularmente protegida pelo tzar que via nela seu principal apolo, levava impunemente até o extremo a exploração e o tratamento abominável de seus servos; uma irritação surda mas cada vez mais viva se fazia sentir entre os camponeses. Os atos de rebelião contra os senhores e as autoridades locais se multiplicavam perigosamente; a repressão se revelava cada vez menos eficaz.

A venalidade, a incapacidade e a arbitrariedade dos funcionários públicos se faziam mais insuportáveis. O tzar, que necessitava de seu apoio e de sua força para manter atrelado o povo, não queria ver nem nada ouvir. O ódio dos que sofriam esta situação se fazia mais intenso.

As forças da sociedade permaneciam estacionárias. Somente a absurda e estéril rotina oficial era admitida.

Tal situação conduzia fatalmente a uma próxima decomposição de todo o sistema. Forte em aparência, o regime do chicote se decompunha em suas entranhas. O imenso império se convertia no "colosso de pés de barro".

A compreensão deste fato se estendia no seio da população; a oposição contra o regime inaceitável conquistava toda a sociedade. Nesse momento manifestou-se a magnífica evolução rápida e significativa da jovem geração intelectual.

A Juventude intelectual

Num país tão grande e prolífero como a Rússia, a juventude era numerosa em todas as classes da população. Qual era sua mentalidade em geral? A parte o camponato, as novas gerações mais ou menos instruídas professavam idéias avançadas. Os jovens de meados do século XIX dificilmente admitiam a escravidão dos camponeses. O obscurantismo czarista os sufocava. O estudo do mundo ocidental, que nenhuma censura conseguia impedir, tinha o sabor do fruto proibido e excitou seu pensamento. O surgimento das ciências naturais e do materialismo os impressionou fortemente. Além do mais, a literatura russa, inspirando-se em princípios humanitários, tomou grande vulto e exerceu poderosa influência sobre a juventude apesar da censura cuja vigilância ela sabia burlar com grande astúcia.

No terreno econômico, o trabalho dos servos e a ausência de toda liberdade não respondiam já as exigências incipientes da época.

A intelectualidade, especialmente a jovem, se mostrou ao final do reinado de Nicolau I emancipada teoricamente, e colocou-se decididamente contra a servidão e o absolutismo; nasceu a famosa corrente nihilista e em consequência, o agudo conflito entre os pais, mais conservadores, e os filhos resolutamente avançados que Turguenev descreveu magistralmente em sua novela **Pais e Filhos**.

O nihilismo

Um erro muito difundido e arraigado acompanha fora da Rússia esta palavra, nascida há uns 75 anos na literatura russa e transferida, em sua etimologia latina, a outras línguas. Na França e em outros países entende-se geralmente por **nihilismo** uma doutrina revolucionária, política e social, concebida na Rússia, que teve muitos par-

tidários organizados. Alude-se comumente ao **partido nihilista** e a seus membros **nihilistas**.

A verdade é que o termo nihilismo foi introduzido na literatura e logo na língua russa pelo célebre novelista Ivan Turguenev (1818-1883) em meados do século passado. Em uma de suas novelas, Turguenev qualificou assim a uma corrente de idéias, e não a uma doutrina, que se manifestou entre os jovens intelectuais russos pelo final de 1850, e a palavra entrou logo em circulação. Essa corrente teve um caráter essencialmente filosófico, e principalmente moral. Sua influência foi sempre restrita e nunca ultrapassou os limites da camada intelectual. Sua atitude foi sempre pessoal e pacífica, o que não significa que não fosse animada por um grande espírito de rebeldia individual, por um sonho de felicidade para toda a humanidade. Não se estendeu fora do domínio da literatura e dos costumes, visto que isso era impossível sob o regime da época. Mas não retrocedeu diante de nenhuma das conclusões lógicas que formulou e procurou aplicar individualmente como regras de conduta.

Nesses limites abriu-se o caminho a uma evolução intelectual que conduziu a juventude russa a concepções gerais muito avançadas e conseguiu, entre outras conquistas, a emancipação da mulher culta que progrediu muito na Rússia pelo final do século XIX.

Mesmo sendo estritamente filosófica e individual, esta corrente de idéias portava, graças à sua ampla tendência emancipadora, o germe de concepções sociais que a sucederiam e culminariam em um verdadeiro despertar revolucionário, político e social. O nihilismo preparou o terreno para as idéias espalhadas na Europa e para os acontecimentos que se seguiram. É comum confundir, fora da Rússia, o nihilista com os partidos ou grupos organizados, com um programa de ação e uma finalidade concreta.

A concepção filosófica do nihilismo tinha como base por um lado o materialismo, e por outro, o individualismo em sua acepção mais ampla, exagerada mesmo.

Força e matéria, a famosa obra de Buchner, o filósofo materialista alemão (1824-1899), aparecida nessa época, foi traduzida para o russo, litografada clandestinamente e distribuída com muito risco e grande êxito em milhares de exemplares. Este livro foi o novo evangelho da juventude russa. As obras de Moleschott, de C. Darwin e de vários escritores materialistas e naturalistas estrangeiros exerceram igualmente grande influência. O materialismo foi aceito como uma verdade indiscutível, absoluta.

Como materialistas, os nihilistas combateram a religião e tudo o que está além da razão pura ou da prova positiva, das realidades materiais ou dos valores úteis imediatos, contra tudo o que pertence ao domínio sentimental e idealista.

Desprezaram a estética, a beleza, o conforto, os prazeres refinados, o amor sentimental, a arte de vestir-se e o desejo de agradar. Negaram até mesmo a arte, considerando-a uma manifestação de idealismo. Seu grande ideólogo, o brilhante jornalista Pisareff, morto acidentalmente em plena juventude, lançou em um de seus artigos sua famosa comparação entre um operário e um artista. Nesse artigo afirmava que um sapateiro qualquer era infinitamente mais estimável e mais digno de admiração que Rafael, porque o primeiro produz objetos materiais úteis, enquanto que as obras do segundo não serviam para nada. O mesmo Pisareff empenhava-se em seus artigos em destronar o grande poeta Puchkin apoiando-se nos pontos de vista materialista e utilitário. "A natureza não é um templo, mas um laboratório, e o homem está nela para trabalhar" dizia o nihilista Bazarof na referida novela de Turguenev.

Como se vê, esta guerra foi literária e verbal. O nihilismo limitou sua atividade a uma propaganda velada de suas idéias, em algumas revistas e círculos intelectuais,

atividade já em si bastante perigosa pois a censura e a polícia czaristas encarniçavam-se contra as "heresias estrangeiras" e contra todo pensamento independente. As manifestações exteriores do nihilismo consistiam, antes de tudo, na forma simples de vestir-se e em uma conduta despreocupada; as mulheres nihilistas costumavam usar o cabelo muito curto, usavam óculos para aparentar feiura e sublinhar o desprezo pela beleza e pelo vedetismo; vestiam roupas ordinárias que desafiavam a moda e a elegância. Andavam com um jeito viril e fumavam para demonstrar a igualdade dos sexos e afirmar seu desprezo pelas regras das conveniências sociais. Essas extravagâncias não diminuíam em nada sua filosofia, e a impossibilidade de qualquer outro gênero de exteriorização as justificava amplamente. Os nihilistas praticaram seus costumes com um rigor absoluto.

A base principal do nihilismo foi seu **individualismo específico**. Tendo surgido como reação contra tudo o que esmagava na Rússia daquela época o pensamento livre e o indivíduo, chegou a negar em nome de uma liberdade individual absoluta toda coação, toda obrigação, toda pela, todas as tradições impostas ao homem pela sociedade, pela família, pelos costumes, hábitos, crenças e convenções estabelecidas.

Emancipação completa do indivíduo face a tudo que atente à sua independência ou a liberdade de seu pensamento; tal foi a idéia fundamental do nihilismo; defendia assim o direito do indivíduo a uma inteira liberdade e à inviolabilidade de sua existência, para ambos os sexos.

O termo **nihilismo** era exato. Os partidários dessa ideologia não admitiam **nada** (em latim **nihil**) de tudo o que era natural e respeitado como sagrado pelos demais: família, sociedade, religião, tradições. Se se perguntasse a um nihilista que admitia ele, que aprovava de tudo o que o rodeava e do meio que pretende ter direito e mesmo o dever de exercer sobre ele tal ou qual coação, este responderia: nada.

Apesar de seu caráter essencialmente individual e filosófico, pois defendia a liberdade do indivíduo de uma forma abstrata muito mais que contra o despotismo que reinava no momento, o nihilismo preparou a luta contra o obstáculo real e imediato, em favor de uma emancipação concreta: política, econômica e social. Que fazer para liberar efetivamente o indivíduo? O nihilismo colocou-se no terreno das discussões puramente ideológicas e das realizações morais. A ação imediata pela emancipação foi planejada pela geração seguinte no curso dos anos 1870-1880. Nessa época formaram-se os primeiros grupos revolucionários e socialistas na Rússia. A ação começou. Mas não tinha nada em comum com o nihilismo de antes, cujo nome permaneceu na língua russa como um termo histórico e uma lembrança ideológica dos anos 1860-1870. Chamar de nihilismo a todo o movimento revolucionário russo anterior ao bolchevismo e falar em um partido nihilista é pois um erro, uma prova de ignorância a respeito da verdadeira história revolucionária da Rússia.

Derrota do regime do garrote

O governo de Nicolau I, reacionário ao extremo, negava-se a tomar em conta as realidades e as agitações ideológicas; desafiava a sociedade ao criar uma polícia secreta — a famosa Okhrana — e um destacamento especial de gendarmaria, com a finalidade expressa de destruir a tendência revolucionária.

As perseguições políticas foram uma verdadeira praga; o jovem Dostolewsky escapou por um triz da execução capital e foi condenado a trabalhos forçados por aderir a um grupo de estudos sociais absolutamente inofensivo animado por Petrachewski; o grande crítico e publicista russo Belinski mal conseguia se fazer ouvir; outro grande publicista, Herzen, teve de expatriar-se, e poderíamos continuar a lista sem para isso incluir os revolucionários atuantes propriamente ditos, como Bakunin e outros.

Toda essa repressão foi incapaz de acalmar a excitação, cujas causas eram demasiadamente profundas, nem muito menos de melhorar a situação. Nicolau I preocupava-se exclusivamente em apertar o torniquete burocrático e policial.

A guerra da Criméia (1854-55) para a qual a Rússia foi arrastada produziu a catástrofe. As peripécias militares evidenciavam a bancarrota do regime e a debilidade real do império. Os “**pés de argila**” se romperam, mas a lição não bastou para por a nu as chagas políticas e sociais do Estado.

Nicolau I morreu em 1855, às vésperas de perder a guerra, perfeitamente consciente de sua derrota mas incapaz de fazer-lhe frente. É possível que as preocupações morais tenham precipitado sua morte. Chegou-se a pensar em suicídio por envenenamento, mas não há provas decisivas.

Evolução

Apesar de todas as debilidades e obstáculos, o país realizou rapidamente consideráveis progressos técnicos e culturais.

Com base em uma série de necessidades econômicas imperiosas, nasceu uma indústria **nacional** e, conseqüentemente, a classe do **proletariado**. Ergueram-se importantes fábricas em algumas cidades, criaram-se novos portos, surgiram novas minas de carvão, ouro, etc.; as vias de comunicação se multiplicaram e foram aperfeiçoadas. Construiu-se a primeira ferrovia de grande velocidade entre São Petersburgo e Moscou, um verdadeiro prodígio técnico. A região entre as duas cidades, topograficamente imprópria para tal tipo de construção, dado seu solo pouco firme e freqüentemente pantanoso, prestava-se muito mal a sustentar uma via férrea. A distância de São Petersburgo a Moscou é de cerca de 640 km a vôo de pássaro. Numa construção econômica e racional não se podia pensar em

um traçado reto. Mas Nicolau I, que se interessava pessoalmente pelo projeto, que ele mesmo fez construir, encarregou vários engenheiros de alguns planos. Estes, aproveitando as circunstâncias, apresentaram ao Imperador projetos complicados. Nicolau I apenas os folheou,

tomou lápis e papel, marcou dois pontos. Uniu-os por uma linha reta e disse: "A distância mais curta entre dois pontos é a reta". Dava assim uma ordem formal, sem apelação possível. Os construtores foram obrigados a executá-la, e cumpriram uma verdadeira proeza. Resultou um trabalho gigantesco realizado com esforços incriveis e sacrifícios desumanos de milhares de operários. Desde então, a ferrovia "Nicolaievskia" é uma das mais famosas do mundo. Representa cerca de 650 km de via férrea em linha reta.

A classe operária em formação conservava todavia estreitas relações com o campo de onde saía e para onde voltava quando o trabalho se acabava. Os camponeses presos à terra de seus senhores não podiam abandoná-la definitivamente. Para empregá-los em obras industriais era necessário recorrer a acordos especiais com seus donos. Os verdadeiros operários das cidades, que eram artesãos ambulantes, constituíam um contingente muito reduzido. Não se podia ainda falar de um proletariado organizado, mas o movimento inicial necessário já estava em marcha. A necessidade de mão-de-obra constante foi uma das razões econômicas urgentes que levaram à abolição. Faltavam duas ou três gerações para que a classe dos assalariados, o verdadeiro proletariado industrial sem nenhuma ligação com a terra, aparecesse na Rússia.

Um rápido progresso se verificou igualmente no terreno da cultura. Os pais mais ou menos abastados queriam que seus filhos se instruissem. O número crescente de colegiais e estudantes obrigou o governo a aumentar os estabelecimentos escolares, secundários e superiores. As necessidades econômicas e técnicas, a evolução geral do país o exigiam de forma decisiva. Ao fim do reinado

de Nicolau I, a Rússia possuía seis universidades em Moscou, Dorpat, Kharkov, Kazan, São Petersburgo e Kiev, por ordem de antiguidade, e mais uma dezena de escolas superiores técnicas ou especiais.

Embora a crença seja muito difundida, a Rússia não era naquela época um país inculto, bárbaro, quase selvagem; somente a população camponesa, em regime de escravidão, permanecia ignorante. Mas os habitantes das cidades não tinham, no campo cultural, nada a invejar de seus colegas do ocidente, exceto algum detalhe estritamente técnico. A juventude intelectual estava inclusive mais avançada que a de outros países da Europa em alguns aspectos.

Vimos assim a enorme e paradoxal diferença entre a existência e a mentalidade de um povo escravizado e o nível cultural das classes privilegiadas.

CAPÍTULO III

AS REFORMAS — A REVOLUÇÃO RETORNA

FRACASSO DO TZARISMO E FRACASSO REVOLUCIONÁRIO

A REAÇÃO (1855-1881)

O filho e sucessor de Nicolau I, o imperador Alexandre II, foi obrigado a encarar a situação difícil do país e do regime. O descontentamento geral, a pressão dos intelectuais avançados, o medo de uma revolta dos camponeses e, por fim, as necessidades econômicas, forçaram-no a soltar lastro e a tomar resolutamente o caminho das reformas, apesar da resistência dos círculos reacionários. O novo imperador decidiu-se a por fim ao regime burocrático e arbitrário, absoluto, dos poderes administrativos. Realizou uma importante modificação do sistema judicial e, principalmente, preocupou-se com a questão da servidão dos camponeses.

A partir do ano de 1860, as reformas se sucederam em ritmo veloz e ininterrupto. As mais importantes foram: a abolição da escravidão em 1861, a constituição de tribunais judiciais com jurados eleitos em 1864, em substituição aos antigos tribunais estatais compostos de funcionários; a criação, em 1864, nas cidades e no campo, de unidades de auto-administração local, uma espécie de municípios urbanos e rurais com direito de auto-governo em alguns aspectos da vida pública, alguns setores do ensino, higiene, vias de comunicação, etc.

Todas as forças e em particular os intelectuais se precipitaram nesta atividade tornada possível a partir de então. As municipalidades se consagraram com muita energia na criação de uma extensa rede de escolas primárias de tendência leiga, embora vigiadas pelo governo. O ensino da religião era obrigatório, e o **pope** era muito importante nessas escolas. Apesar de tudo, gozavam de certa autonomia. O corpo docente era recrutado entre os intelectuais avançados, pelos conselhos urbanos e rurais.

Melhorou o estado sanitário das cidades, o das vias de comunicação e outros ramos. O país respirava melhor assim.

Por assim importantes que fossem em relação à situação anterior, as reformas de Alexandre II não deixavam de ser tímidas e muito incompletas face às aspirações dos avançados e às verdadeiras necessidades do país. Para serem eficientes e infundir ao povo um verdadeiro impulso, deveriam ter sido completadas ao menos com a outorga de algumas liberdades e direitos cívicos: liberdade de imprensa e de palavra, direito de reunião e de organização, etc., mas quanto a esse lado nada mudou. A censura apenas foi menos absurda. No fundo, a imprensa e a palavra continuaram reprimidas, nenhuma liberdade foi concedida; a nascente classe operária não tinha nenhum direito; a nobreza, os proprietários da terra e a burguesia continuaram sendo as classes dominantes e, sobretudo, **o regime absolutista se conservou intacto**. Foi justamente o medo de um possível desmoronamento que, ao mesmo tempo que incitou Alexandre II a lançar ao povo o osso das **reformas**, impediu que ele as aprofundasse. Essas reformas foram insuficientes para dar uma satisfação verdadeira ao povo.

As condições em que foi abolida a servidão oferecem a melhor ilustração para essas considerações que adiantamos e constituem o ponto mais débil das reformas.

Os proprietários rurais, após terem lutado em vão contra todos os ataques à situação existente, tiveram de

Inclinar-se diante da decisão suprema do tzar, forçada pela pressão enérgica dos elementos mais progressistas, não sem fazer o possível para que esta reforma fosse reduzida ao máximo, o que conseguiram facilmente, pois Alexandre II não queria lesar em nada os interesses **sagrados** de "seus queridos nobres". Foi especialmente o temor de uma revolução que finalmente o levou a ceder. Ele sabia que os camponeses estavam informados de suas intenções e da luta que se desenrolava ao redor do trono, que a paciência dos camponeses chegara ao máximo limite, que eles esperavam a libertação e que se a reforma fosse adiada uma agitação capaz de arrastá-los a uma imensa e terrível rebelião se desencadearia. Nas derradeiras discussões com os adversários da reforma, o tzar pronunciou esta famosa sentença, que expressa bastante a respeito de seus verdadeiros sentimentos: "Mais vale outorgar a liberdade de cima para baixo que esperar que venham a tomá-la de baixo para cima". Paralelamente, fez todo o possível para que essa **liberdade**, isto é, a abolição da servidão, causasse os menores prejuízos aos senhores latifundiários. "Finalmente a corrente de ferro se rompeu". escreveria um dia o poeta Nekrasoff em um poema célebre. "Sim, ela se rompeu e golpeou com uma das pontas ao senhor e com a outra ao camponês".

Efetivamente, os camponeses obtiveram enfim sua liberdade individual, mas tiveram de pagá-la muito caro. Receberam lotes de terra verdadeiramente irrisórios. Era impossível **libertá-los** sem conceder-lhes pedaços de terra suficientes ao menos para que não morressem de fome. Além disso, estavam obrigados a pagar durante muito tempo e além dos impostos devidos ao Estado, uma forte indenização pelas terras cedidas pelos antigos proprietários.

75 milhões de camponeses receberam ao todo pouco mais de um terço do solo. Outro terço foi conservado pelo Estado e quase um terço continuou em mãos dos lati-

fundiários. Essa proporção condenava antecipadamente a massa camponesa a uma existência de fome, sujeita no fundo à mercê dos poderosos e dos fazendeiros enriquecidos.

Em todas as reformas, Alexandre II guiou-se pelo princípio de ceder o mínimo possível; o estritamente necessário para evitar uma catástrofe que se anunciava iminente. As insuficiências e os defeitos dessas reformas começaram a se fazer sentir por volta de 1870.

A população trabalhadora das cidades não tinha defesa contra a exploração crescente. A ausência de toda liberdade de imprensa ou de palavra, bem como a proibição absoluta de organizar-se em tendências políticas e sociais, tornavam impossível toda circulação de idéias, críticas, propaganda ou atividade social, e em suma, qualquer progresso.

O povo compunha-se exclusivamente de súditos da arbitrariedade absolutista que, apesar de se ter tornado menos feroz que sob Nicolau II, não era menos dura.

Um novo movimento revolucionário. A Narodnaïa Volia.

O assassinato de Alexandre II

Os melhores representantes da juventude intelectual compreenderam esta situação lamentável, tanto mais que os países ocidentais gozavam já de um regime político e social relativamente avançado. Nos anos da década de 1880, a Europa ocidental se encontrava em meio a grandes lutas sociais; o socialismo começava sua intensa propaganda e o marxismo abordava a tarefa de organizar a classe trabalhadora em um poderoso partido político.

Como de costume, desafiando e enganando a censura (os funcionários careciam muito de instrução e de inteligência para compreender a sutileza e a variedade dos procedimentos), os melhores publicistas da época, como Tchernychevski, que finalmente pagou sua audácia com trabalhos forçados, lograram propagar as idéias socialis-

tas entre os meios intelectuais por meio de artigos de revistas escritos de forma convencional. Eles instruíam assim a juventude, colocando-a regularmente a par dos movimentos ideológicos e dos acontecimentos políticos e sociais do exterior. Ao mesmo tempo mostravam habilmente o que se escondia por trás das chamadas **reformas** de Alexandre II, seus verdadeiros motivos, sua hipocrisia e sua insuficiência.

Assim é natural que por esse tempo tenham sido formados grupos clandestinos para lutar ativamente contra o regime abjeto e, antes de tudo, para estender a idéia da libertação política e social entre as classes laboriosas. Estes grupos se compunham de jovens de ambos os sexos que se dedicaram inteiramente, com grandes sacrifícios, à tarefa de "despertar a consciência das massas trabalhadoras".

Formou-se assim um vasto movimento da juventude intelectual russa, que, em número considerável, abandonando família, bem-estar e carreira, dirigiu-se **ao povo**, afim de contribuir em seu esclarecimento.

Certa atividade terrorista contra os principais servidores do regime tomou impulso. Entre 1860 e 1870 se cometeram alguns atentados contra altos funcionários, inclusive alguns, fracassados, contra o czar.

O movimento se frustrou. Quase todos os propagandistas foram descobertos pela polícia, muitas vezes por indicação dos próprios camponeses, e presos, enviados ao cárcere, ao exílio ou a trabalhos forçados. O célebre processo monstro dos 193 coroou essa repressão.

De dia a dia ficava mais evidente que o tzarismo era um obstáculo **intransponível** à educação do povo. Portanto, a conclusão lógica se impunha: uma vez que o tzarismo era o obstáculo, era forçoso suprimi-lo primeiro.

A juventude desesperada formou um grupo que assumiu como missão imediata o assassinato do czar. Algumas outras razões apoiaram esta decisão. Tratava-se de castigar **publicamente** o homem que, com suas pretensas

reformas, enganava o povo. Interessava também mostrar a farsa ao povo, chamar a atenção deste por um ato formidável e demonstrar-lhe com a supressão do tzar a fragilidade, a vulnerabilidade e o caráter fortuito e passageiro do regime.

Esperava-se dessa forma assestar um golpe decisivo, de uma vez por todas, à **lenda do tzar**. Alguns iam mais longe e admitiam que o assassinato do tzar poderia servir de ponto de partida para uma grande revolta que, na desordem generalizada, conduziria a uma revolução e à queda imediata do tzarismo.

O grupo se denominou **Narodnaïa Volia** (Vontade do Povo). Após minuciosa preparação, o grupo levou a cabo seu projeto: a 1.º de março de 1881, o tzar Alexandre II foi morto em São Petersburgo, em uma de suas saídas. Duas bombas foram lançadas pelos terroristas. A primeira destruiu a carruagem imperial, a segunda arrancou as pernas do imperador que morreu em consequência dos ferimentos.

A ação não foi compreendida pelas massas. Os camponeses somente liam revistas, quando não liam nada. Ignorantes, à margem de toda propaganda, estavam fascinados há mais de um século pela idéia de que o tzar queria o bem deles, e que unicamente a nobreza se opunha por todos os meios às suas boas intenções. Eles viam outra prova daquele sentimento na resistência oposta pela nobreza à supressão da servidão e também na obrigação de pagar pesados tributos pelos seus lotes de terreno recém-adquiridos, obrigação que eles atribuíam às Intrigas daquela classe. Os camponeses acusaram-na então de ter assassinado o tzar para vingar-se da abolição da escravidão e com esperanças de restaurá-la.

O absolutismo, a lenda e o paradoxo sobrevivem

O tzar foi morto, mas a lenda não. A história se encarregou de destruí-la 24 anos mais tarde. Mas na épo-

ca o povo não compreendeu nem se agitou. A imprensa servil vociferou contra os criminosos ignóbeis, os horríveis traidores, os loucos...

A corte não manifestou tanta desolação. O jovem herdeiro Alexandre, primogênito do imperador assassinado, subiu imediatamente ao trono. Os chefes do partido **Narodnaïa Volia**, os organizadores e os executantes do atentado, foram rapidamente localizados, detidos, julgados e executados. Um deles, o jovem Grinévetzki — que havia lançado justamente a segunda bomba decisiva — morreu quase no ato, ferido ele também pelos estilhaços. Foram enforcados Sofia Perovskaia, Jeliaboff, Kibalchich — o famoso técnico do partido que fabricou as bombas, Mikhailoff e Ryssakoff.

Medidas persecutórias e de repressão, excepcionalmente extensas e severas, reduziram prontamente o partido à completa impotência. Tudo voltou à ordem.

O novo imperador Alexandre III, vivamente impressionado pelo atentado, não encontrou nada melhor que retomar o caminho apenas abandonado da reação integral. As reformas tão insuficientes de seu pai lhe pareceram excessivas. Julgou-as deslocadas e perigosas e chegou a considerá-las como um erro deplorável. Ao invés de compreender que o atentado fora uma conseqüência de sua estreiteza e que era preciso ampliá-las, viu nelas ao contrário a causa da desgraça. Com o pretexto do assassinato de seu pai combateu-as de toda forma. O imperador procurou alterá-las e limitar seus efeitos por uma série de leis reacionárias. O estado burocrático e policial retomou seus direitos. Toda propaganda liberal foi sufocada. O czar não podia restabelecer a escravidão, mas as massas trabalhadoras estavam condenadas a permanecer mais que nunca numa situação de rebanho obscuro, para ser explorado e privado de todo direito.

O menor contato entre as classes cultas e o povo voltou a ser suspeito e impossível. O paradoxo russo entre o nível cultural e suas aspirações por um lado, e a

existência sombria e Inconsciente do povo, pelo outro, permaneceu intacto.

Nenhuma atividade social foi admitida, e aquilo que subsistia da tímida reforma de Alexandre II se reduziu a uma caricatura.

Nessas condições, a atividade revolucionária teria que renascer, o que ocorreu pouco mais tarde. Mas o aspecto e a tendência destas atividades se transformaram totalmente, sob a influência de novos fatores econômicos, sociais e psicológicos.

CAPÍTULO IV

FIM DO SÉCULO — O MARXISMO — RÁPIDA EVOLUÇÃO

REAÇÃO (1881-1900)

**Novo aspecto do movimento revolucionário:
o marxismo e o partido social-democrático.
Progressos culturais. Crescimento industrial.
O absolutismo e a reação se afirmam contra
essa evolução**

Depois do fracasso da Narodnaïa Volia em sua campanha violenta contra o tzarismo, outros acontecimentos contribuíram para a transformação fundamental do movimento revolucionário russo. O mais importante deles foi a aparição do marxismo, que trouxe uma nova concepção da luta de classes integrada a um programa concreto de ação revolucionária e a formação de um partido político operário chamado partido social-democrático nos países da Europa ocidental.

Apesar de todos os obstáculos, as idéias socialistas de Lassalle, o marxismo e seus primeiros resultados concretos foram conhecidos, estudados e praticados clandestinamente na Rússia. A literatura legal, por sua parte, ocupava-se do socialismo empregando uma linguagem figurada. Naquela época reapareceram as famosas revistas onde colaboravam os melhores jornalistas e escritores e que se dedicavam regularmente aos problemas sociais, às doutrinas socialistas e aos meios de aplicá-las.

A importância destas publicações sobre a vida cultural do país foi excepcional. Nenhuma casa de intelectuais podia ignorá-las. Nas bibliotecas era necessário inscrever-se antecipadamente para obter o mais cedo possível as novas edições. Várias gerações russas receberam sua educação social por meio daquelas revistas e a completava com a leitura de todo tipo de publicações clandestinas. Assim foi que a ideologia marxista, apoiando-se unicamente sobre a **ação organizada** do proletariado, substituiu as aspirações frustradas dos círculos conspirativos dos anos anteriores.

O segundo acontecimento de grande alcance foi a evolução cada vez mais rápida da indústria e da técnica e suas conseqüências.

A rede ferroviária, as outras vias e meios de comunicação, a produção mineral, a exploração do petróleo, as indústrias metalúrgicas, têxteis, mecânicas, etc., todo este conjunto de atividades produtivas se desenvolveu em grande escala, recuperando o tempo perdido. Regiões industriais surgiam em várias áreas do país. Numerosas cidades mudavam rapidamente de aspecto com o surgimento de fábricas novas e de uma população operária cada dia mais significativa.

Este crescimento industrial era amplamente suprido em mão-de-obra uma vez que grandes massas de camponeses na miséria eram obrigados a abandonar para sempre suas insuficientes parcelas de terra ou a procurar um trabalho complementar durante o inverno. Como em todos os países, evolução industrial significava evolução da classe operária. Da mesma forma, como sempre, essa classe fornecia os novos contingentes do movimento revolucionário.

A difusão das idéias marxistas e o crescimento do proletariado industrial — sobre o qual os marxistas pretendiam apoiar-se — foram os elementos fundamentais que determinaram a nova situação.

Os progressos da indústria, o nível cada vez mais elevado de vida em geral, exigiam em todos os domínios homens instruídos, profissionais, técnicos, operários qualificados. O número de escolas de todo o tipo, oficiais, municipais e privadas, aumentava sem cessar nas cidades e no interior; universidades, escolas superiores e especiais, liceus, colégios, escolas primárias, cursos profissionais, etc., surgiam por toda parte. Em 1875, 79% dos recrutas eram analfabetos; em 1898, 55%.

A evolução se fazia à margem e inclusive contra o regime político absolutista que se obstinava em manter sobre o organismo vivo do país uma carapaça rígida, absurda e incômoda. Dessa forma, apesar da repressão cruel, o movimento anti-monárquico e a propaganda revolucionária e socialista tomavam amplitude. Mesmo a população camponesa, a mais atrasada e a mais subjugada, começava a agitar-se impelida tanto pela miséria e pela exploração desumana como pelo eco da efervescência geral. Esse eco era trazido, antes de tudo, pelos numerosos intelectuais que trabalhavam nas assembléias provinciais administrativas (**zemstvos**), pelos operários com laços de parentesco no campo, pelos trabalhadores temporários e pelo proletariado agrícola. Contra essa propaganda o governo era impotente.

Pelo fim do século, duas forças claramente definidas se opunham face a face, inconciliáveis: a da velha reação, que reunia em torno do trono as altas classes privilegiadas: nobreza, burocracia, latifundiários, militares, clero, burguesia nascente; a outra era a da jovem revolução, representada nos anos 1890-1900 sobretudo pelos estudantes, mas que começava a estender-se em meio à juventude operária das cidades e regiões industriais.

Em 1898 a corrente revolucionária de tendência marxista logrou organizar o partido social-democrático operário russo; o primeiro grupo social-democrático havia sido fundado em 1883 com o nome de Emancipação do Trabalho. Entre as duas forças nitidamente opostas a que alu-

dimos colocava-se um terceiro elemento timidamente liberal, que compreendia especialmente os representantes da classe média e um certo número de intelectuais de renome: professores universitários, advogados, escritores, médicos, etc. Mesmo apoiando clandestinamente e com uma extrema prudência a atividade revolucionária, seus integrantes preferiam concentrar suas esperanças em reformas, confiando em poder, com a ameaça de uma revolução iminente como sob Alexandre II, arrancar ao absolutismo algumas concessões importantes e avançar assim em direção a um regime constitucional.

Só os camponeses permaneciam ainda em seu conjunto fora de qualquer agitação. O imperador Alexandre III morreu em 1894. Cedeu o trono a seu filho Nicolau, o último dos Romanoff.

Uma vaga lenda pretendia que Nicolau professava idéias liberais. Dizia-se inclusive que ele estava disposto a outorgar a seu povo uma constituição que limitasse seriamente o poder absoluto dos tzares. Tomando seus desejos como realidades, alguns conselhos municipais liberais apresentaram ao jovem tzar algumas tímidas reivindicações relativas a certos direitos representativos.

Em janeiro de 1895, por ocasião do casamento de Nicolau II, várias delegações da aristocracia, dos corpos militares e dos conselhos municipais foram solenemente recebidas pelo tzar em São Petersburgo. Para enorme estupefação dos delegados municipais, o novo amo, ao responder às suas felicitações, encolerizou-se de repente e, golpeando o chão com sua bota, gritou histericamente e intimou os delegados a renunciar para sempre a seus sonhos insensatos. Esta intimação foi logo confirmada por medidas de repressão contra alguns instigadores de atitudes subversivas dentro dos conselhos. Assim, o absolutismo e a reação se afirmavam uma vez mais, a despeito da evolução geral do país.

CAPÍTULO V

SÉCULO XX — EVOLUÇÃO ACELERADA — PROGRESSOS

REVOLUCIONÁRIOS — DESVIOS (1900-1905)

O absolutismo mantém-se em suas posições e procura sobreviver por quaisquer meios.

A rápida evolução do país continua

Os fenômenos e os traços característicos que acabamos de assinalar se acentuaram mais ainda a partir de princípios do século XX.

O absolutismo, ao invés de ir ao encontro das aspirações da sociedade, decidiu manter-se por qualquer meio e suprimir não apenas todo movimento revolucionário, mas até mesmo todas as manifestações de oposição. O governo de Nicolau II recorreu a uma forte propaganda anti-semita e logo instigou e mesmo organizou massacres de judeus para desviar o descontentamento da população.

A evolução econômica do país se acelerava cada vez mais. Em cinco anos (1900-1905), a indústria e o progresso técnico deram um salto prodigioso. A produção de petróleo na bacia de Baku, a de carvão de pedra na bacia de Donetz, a produção de metais, etc., acercavam-se rapidamente do nível alcançado pelos países industriais. As vias e meios de comunicação, ferrovias, tração mecânica, transporte fluvial e marítimo, se multiplicavam e modernizavam. Importantes fábricas de equipamentos mecânicos empregavam milhares e dezenas de milhares de

operários. Elas surgiam e cresciam nos arredores das capitais. Regiões Industriais nasciam do nada enquanto outras se estendiam. As grandes fábricas Putiloff; os importantes estaleiros Nevsky; a grande fábrica Báltica e várias outras igualmente grandes, todas em São Petersburgo; os bairros Industriais da capital moscovita com suas dezenas de milhares de operários: Kolpino, Chukhovo, Sestrorestszk e outros; numerosas e importantes fábricas na Rússia meridional, em Kharkov, em Ekaterinoslav e outras cidades, tudo isso demonstra rápidos progressos que permaneciam ignorados no estrangeiro, exceto nos círculos diretamente interessados. Ainda hoje há muita gente que crê que antes do estabelecimento do bolchevismo a Rússia não possuía quase nenhuma indústria e que esta foi inteiramente criada pelo governo bolchevique. Sem nenhuma dúvida, sua importância era considerável, não somente do ponto de vista industrial, mas também de um ponto de vista social. Ao industrializar-se, o país multiplicava seus elementos proletários. Segundo as estatísticas da época, pode-se calcular o número total de operários na Rússia, por volta de 1905, em cerca de três milhões.

Ao mesmo tempo o país continuava sua ascensão cultural. A partir de 1890, o ensino, a instrução e a educação da juventude haviam feito grandes progressos. A instrução dos adultos se expandia igualmente. Em 1905 existiam na Rússia umas trinta universidades e escolas superiores para ambos os sexos. Quase todas essas instituições dependiam do Estado com exceção de uma ou outra mantida pela iniciativa e capital das municipalidades. Seguindo uma velha tradição, e em particular em consequência das reformas de Alexandre II, os estatutos dessas escolas conservavam uma tendência liberal, que resultava numa autonomia interna bastante pronunciada. Alexandre III e Nicolau II tentaram reduzir essa independência, mas cada tentativa provocava graves distúrbios. Por fim, o governo renunciou a seus projetos. Os profes-

sores das universidades e das escolas superiores eram nomeados entre os graduados conforme um processo especial de seleção. Quase todas as cidades, mesmo as de pouca importância, possuíam liceus e colégios para jovens de ambos os sexos. As escolas secundárias eram fundadas pelo Estado, por particulares ou pelos conselhos municipais. Nos três casos, o Estado estabelecia os programas e o ensino era quase idêntico. O ensino religioso era obrigatório.

O corpo docente das escolas secundárias era selecionado especialmente entre os graduados da Universidade, salvo para os cursos de menor importância. O curso inteiro, cujo diploma dava acesso à Universidade, durava oito anos. O número de escolas secundárias nas cidades e de escolas primárias no campo aumentava. Uma surgiam graças à iniciativa do Estado, outras à das municipalidades e aos conselhos. O Estado estabelecia os programas e vigiava sua aplicação. O ensino primário era gratuito, mas não obrigatório. A religião e o catecismo eram impostos. Os professores e professoras das escolas primárias deviam possuir um diploma de pelo menos quatro anos de escola secundária. As crianças consideradas pouco preparadas deviam freqüentar o curso preparatório de um ano antes de ingressar na escola.

Em todas as grandes cidades funcionavam cursos noturnos para adultos e universidades populares bem organizadas e muito freqüentadas. As municipalidades e principalmente os particulares se ocupavam delas com grande entusiasmo. Os filhos de operários e camponeses eram uma exceção nas escolas secundárias e superiores. O custo do ensino era muito elevado. No entanto, contrariamente a uma crença muito difundida, o acesso a essas escolas não estava proibido nem aos filhos de operários nem aos de camponeses. O maior contingente de alunos era fornecido pelas famílias de intelectuais com profissões liberais, de funcionários públicos, e de burgueses.

Os meios intelectuais eram liberais. Em numerosas escolas e instituições municipais e populares se fazia uma propaganda de idéias mais ou menos avançada ao lado do ensino propriamente dito, com relativa liberdade apesar da vigilância da polícia.

Os conferencistas das universidades populares e o corpo docente das escolas primárias vinham freqüentemente dos círculos revolucionários. Os diretores, quase sempre de tendência liberal, os toleravam. Nessas condições as autoridades eram quase incapazes de impedir a propaganda.

A propaganda verbal se completava com a educação por escrito. Uma quantidade enorme de folhetos para consumo popular foi divulgada. Quase todos esses folhetos eram redigidos por intelectuais ou compilados dentre os melhores escritores, e se referiam a todas as ciências e aos problemas políticos e sociais com orientação ideológica muito avançada. A censura revelou-se incapaz de conter este entusiasmo educativo. Os autores e editores esmeravam-se em contornar a vigilância das autoridades. Ademais, a difusão de literatura clandestina revolucionária e socialista entre os intelectuais e operários demonstra a extensão do movimento de educação e de preparação que caracterizou os anos de 1900 a 1905 e assegurou os avanços revolucionários posteriores.

As aspirações políticas e sociais se completavam com uma excepcional evolução ética. A juventude se emancipava de todos os preconceitos religiosos, nacionais, sexuais e outros. Em certos aspectos, os círculos russos de vanguarda eram desde muito tempo mais avançados que os dos países ocidentais. O princípio de igualdade entre as raças, nações e sexos, a união livre, a negação da religião, foram verdades admitidas e praticadas desde o tempo dos nihilistas. Os ensaístas russos (Belinski, Herzen, Tchernichevski, Dobroluboff, Pissareff, Mikhailovski) realizaram uma obra de grande alcance. Conduziram várias gerações de intelectuais à emancipação ideológica,

apesar da influência oposta exercida pelo sistema tzarista de ensino secundário.

Essa tendência liberadora converteu-se em uma verdadeira razão vital já bem arraigada entre os jovens, que escapavam à férula do ensino oficial imposto logo que adquiriam seus diplomas.

"Não vão à Universidade!" — gritava o bispo de nossa diocese em discurso pronunciado na solenidade de distribuição de diplomas — "porque a Universidade é um antro de sediciosos..." mas, onde então poderia ir?... Ele sabia que, salvo algumas exceções, todos os jovens estudantes, rapazes ou moças, se transformavam em novos revolucionários. Para a população, **estudante** era o mesmo que **amotinado**.

Mais tarde, muitos desses rebeldes, esmagados pelas exigências e baixezas da vida, esqueciam e renegavam freqüentemente seus primeiros impulsos idealistas. Mas em geral, a liberdade, a oposição ao regime se fortaleciam. A brasa entre as cinzas estava pronta a reacender-se à primeira oportunidade.

**A situação política, econômica e social da população trabalhadora. Extensão da propaganda socialista revolucionária. Mais brutal repressão.
A revolução começa a ganhar a rua**

A situação política, econômica e social da população trabalhadora permanecia estável. Privados de qualquer meio de defesa, expostos à exploração crescente do Estado e da burguesia, sem direito de se organizarem, de se entenderem e de fazer valer suas reivindicações, de lutar, de declarar-se em greve, os operários continuavam perdidos na escravidão.

No campo, a pauperização e o descontentamento cresciam. Os camponeses — 140 milhões de homens, mulheres e crianças — eram considerados gado humano. Os

castigos corporais mantiveram-se de fato até 1904, embora tivessem sido abolidos pela lei de 1863. Falta de cultura geral e de instrução elementar; maquinaria primitiva e insuficiente; carência de crédito, proteção e socorro; impostos exageradamente elevados; tratamento arbitrário, depreciativo e implacável por parte das autoridades e das classes dominantes; redução contínua das parcelas de terra em conseqüência do crescimento das famílias; concorrência entre os camponeses ricos (kulaks) e os proprietários de terras, tais eram as múltiplas causas dessa miséria. Até mesmo a comunidade camponesa, o famoso **mir**, não conseguia mais manter seus membros. O governo de Alexandre III e o de seu sucessor Nicolau II fizeram o possível para reduzir o **mir** a uma simples unidade administrativa estreitamente vigiada e dirigida a chicote pelo Estado, entidade útil sobretudo para recolher, ou melhor, arrancar à força os impostos e taxas.

A propaganda e a atividade socialistas e revolucionárias se estendiam. O marxismo, propagado clandestinamente com energia, encontrava diversos adeptos entre a juventude estudantil e nos meios operários. A influência do partido social-democrático, fundado em 1898, fazia-se sentir em numerosas cidades e em certas regiões, apesar de atuar na clandestinidade.

O governo exercia sua maior brutalidade contra os militantes. Os processos políticos eram incontáveis. As medidas de repressão administrativa e policial alcançavam implacavelmente a milhares de **súditos**. As prisões, os lugares de desterro e os campos de trabalhos forçados se enchiam. Mas, embora conseguisse reduzir a um mínimo a atividade e a influência do partido, as autoridades nunca chegaram a sufocá-lo inteiramente como haviam conseguido anteriormente com as primeiras organizações políticas.

Desde 1900, apesar dos esforços das autoridades, o campo revolucionário se ampliou consideravelmente. As manifestações de universitários e operários tornaram-se

logo fatos corriqueiros; as universidades permaneciam fechadas durante meses em consequência dessas manifestações políticas. Reagindo contra essa repressão, os estudantes apoiados pelos operários organizavam grandes manifestações nas praças públicas. Em São Petersburgo a praça da catedral de Kazan converteu-se no local clássico de reunião em que essas manifestações populares de estudantes e operários desembocavam, entoando cânticos revolucionários e levando às vezes bandeiras vermelhas desfreadas. O governo enviava destacamentos de polícia e de cossacos a cavalo, que limpavam a praça e as ruas vizinhas a golpes de sabre e de chicote.

A revolução ganhava a rua.

O panorama aqui exposto até agora é exato, mas seria parcial se não considerarmos a todo o país e a todo o povo. Correríamos o risco de cair em exageros, fazendo apreciações gerais errôneas que impediriam a compreensão dos acontecimentos posteriores. Com efeito, dentre os 170 milhões de habitantes, os grupos atingidos pelas idéias revolucionárias eram ínfimos: alguns milhares de intelectuais, de estudantes e operários nos grandes centros urbanos. O restante da população: o grande contingente de camponeses, a maioria dos cidadãos e da classe operária, permaneciam ainda alheios, indiferentes e até mesmo hostis à agitação revolucionária. É certo que os meios avançados ampliavam rapidamente os seus efeitos; desde 1900, o número de operários ganhos para a causa crescia continuamente; a efervescência revolucionária alcançava também as massas camponesas cada vez mais miseráveis. Mas, ao mesmo tempo, a massa profunda do povo, aquela cuja agitação determina em definitivo as grandes mudanças sociais, conservava ainda a sua mentalidade primitiva. O paradoxo russo permanecia quase intacto, e a lenda do czar continuava a seduzir milhões e milhões de homens. Diante dessa massa, o movimento era uma pequena agitação de superfície. Apenas quatro

operários participaram do congresso social-democrático de Londres, em 1903.

Nessas condições, todo contato entre a vanguarda, situada muito à frente, e o grosso da população, extremamente atrasada, era impossível.

É necessário levar rigorosamente em conta esta particularidade para compreender o curso dos acontecimentos.

Os partidos políticos: Social-democrático e Socialista Revolucionário. Os atentados

A partir do ano 1901 a atividade revolucionária se enriqueceu com novos elementos. Ao lado do partido social-democrático nasceu o partido socialista revolucionário. A propaganda desse novo partido revelou-se imediatamente muito eficaz.

Três pontos importantes diferenciavam os dois partidos:

1.º — No terreno da filosofia e da sociologia, o partido socialista revolucionário estava em desacordo com a doutrina marxista.

2.º — Em consequência de seu antimarxismo, ele indicava para o problema camponês, que era o mais importante na Rússia, uma solução diversa daquela do partido social-democrático: este se baseava somente sobre a classe operária e não contava com o grosso da classe camponesa, da qual esperava uma rápida proletarianização e por isso não desenvolvia grande propaganda no campo; o partido socialista revolucionário, ao contrário, acreditava na possibilidade de ganhar a massa camponesa para a causa socialista. Considerando vão esperar sua proletarianização, desenvolvia intensa atividade de propaganda em meios rurais. Na prática o partido social-democrático não previa em seu programa agrário imediato nada mais que um aumento dos lotes de terreno pertencentes aos camponeses e algumas outras reformas de

pouca importância, enquanto que o partido socialista revolucionário incluía em seu programa mínimo a socialização imediata e completa do solo.

3.º — Em perfeita concordância com sua doutrina, o partido social-democrático, que confiava essencialmente na ação de massas, rejeitava toda ação de terrorismo, todo atentado político. Ao contrário, o partido socialista revolucionário atribuía certa utilidade pública aos atentados contra os altos funcionários tzaristas demasiadamente ativos e cruéis. Criou a Organização de Combate, encarregada de preparar e executar os atentados sob o controle de seu comitê central.

Afora essas diferenças, o programa político e social mínimo de ambos os partidos era quase o mesmo: uma república democrático-burguesa que preparasse a evolução para o socialismo.

De 1901 a 1905 o partido socialista revolucionário realizou vários atentados célebres: em 1902 um jovem militante do partido, o estudante Balmachef, assassinou Sipiaguin, ministro do Interior; em 1904, outro socialista revolucionário, o estudante Sazonoff, matou von Plehve, o famoso e cruel sucessor de Sipiaguin; em 1905, o socialista revolucionário Kaliayef executou o gran-duque Sergio, governador de Moscou.

Os anarquistas

Simultaneamente existia uma agitação anarquista. Muito débil, totalmente desconhecida pela maioria da população, era representada por alguns grupos de intelectuais e operários (e por camponeses no Sul) sem um contacto permanente. Havia uma ou duas organizações anarquistas em São Petersburgo e em Moscou; algumas no Sul e no Oeste. Sua atividade se limitava a uma fraca propaganda em condições muito difíceis e a atentados contra os servidores demasiadamente zelosos do regime e a ações de expropriação individual. A literatura libertária

chegava clandestinamente do estrangeiro. Eram distribuídos principalmente os textos de Kropotkin que, obrigado a emigrar depois da derrota da **Narodnaïa Volia**, se estabelecera na Inglaterra.

O governo czarista procura canalizar o movimento operário para uma atividade "legal"

A rápida expansão da atividade revolucionária a partir de 1900 preocupava bastante ao governo, principalmente quando esta começou a despertar simpatia no seio da classe operária. Apesar de não terem existência legal, os dois partidos socialistas possuíam nas grandes cidades seus respectivos comitês, círculos de propaganda, imprensa clandestina e ativos grupos de ativistas. O partido socialista revolucionário lograva realizar atentados que, por sua repercussão, atraía a atenção e mesmo a admiração em todos os meios. O governo julgou insuficientes os meios de defesa e de repressão tais como a vigilância, a espionagem, a provocação, o cárcere e os assassinatos. As autoridades conceberam um plano maquiavélico afim de eliminar a influência dos partidos socialistas e de toda atividade revolucionária sobre a massa trabalhadora: criar uma organização proletária **legal, autorizada**, cuja direção e orientação dependeriam naturalmente de suas ordens. O czarismo ensaiava assim um jogo duplamente ofensivo: atrairia para si as simpatias e o reconhecimento dos trabalhadores ao desviá-los dos partidos revolucionários, e conduziria a classe operária na direção que mais lhe conviesse, vigiando-a de perto.

A tarefa era delicada: era necessário atrair os operários a esses organismos de Estado, vencendo sua desconfiança; era necessário interessá-los, seduzi-los, adulá-los e enganá-los sem que eles se dessem conta da manobra; fingir em suma que se marchava ao encontro de suas próprias aspirações... O objetivo era eclipsar os partidos, neutralizar sua propaganda e ultrapassá-los, especial-

mente pelas ações concretas. Para assegurar o êxito do plano, o governo estava disposto a outorgar certas concessões de cunho econômico e social.

A execução de semelhante **programa** exigia homens de absoluta confiança, e mais: hábeis, sagazes, conhecedores da psicologia operária, audazes, capazes de ganhar a confiança e de se impor. Após minuciosa seleção, o governo se decidiu finalmente por dois agentes da polícia política secreta, a Okhrana. Um deles foi Zubatoff, que deveria executar o plano em Moscou; o outro, sacerdote e capelão de uma das prisões de São Petersburgo, era o padre Gapone.

Assim o governo do tzar queria brincar com o fogo, mas não tardou a sentir os cruéis efeitos das queimaduras.

SEGUNDA PARTE
A COMOÇÃO (1905-1906)

CAPÍTULO I

A EPOPÉIA GAPONISTA — PRIMEIRA GREVE GERAL

As "Seções Operárias". A agitação e a epopéia gaponistas.
O pope Gapon: sua personalidade, sua obra, seu fim.
O "Domingo Sangrento": 9-22 de janeiro de 1905.
A "Lenda do tzar" destruída pelo tzar.
Primeiro grande movimento de massas operárias.
Primeira greve operária em São Petersburgo

Em Moscou, Zubatoff foi logo desmascarado e não pode levar avante seu projeto. Mas em São Petersburgo, Gapon, muito hábil, trabalhando à sombra, soube ganhar a confiança e mesmo a afelção dos meios operários. Com talento de agitador e de organizador, pôs em funcionamento as chamadas **Seções operárias**, que ele guiava e animava com grande atividade. Até fins de 1904, estas Seções chegaram a onze, em diversos bairros da capital, com alguns milhares de afiliados; eram muito concorridas por entusiastas que ali iam afim de falar de seus assuntos, ouvir alguma palestra e ler jornais. A entrada era vigiada pelos operários gaponistas e os militantes dos partidos políticos eram excluídos, ou, se logravam entrar, eram habitualmente descobertos e expulsos.

Os trabalhadores de São Petersburgo levavam muito a sério suas Seções. Tendo inteira confiança em Gapone, contavam-lhe suas desgraças e suas aspirações; discutindo com ele os meios de melhorar sua situação, examinavam projetos de luta contra os patrões. Filho de um pobre camponês, tendo vivido entre os trabalhadores, Gapone compreendia perfeitamente a psicologia de seus confidentes. Sabia fingir admiravelmente sua aprovação e suas vivas simpatias pelo movimento operário. Essa era, inclusive, de certa forma, a sua missão oficial, sobretudo na fase inicial.

A tese que o governo esforçava-se de impor aos operários em suas seções era essa: "Operários, vós podeis melhorar a vossa situação atuando de forma metódica, dentro das formas legais, no seio de vossas seções. Para esse fim, não há nenhuma necessidade de atuação política. Ocupai-vos de vossos interesses pessoais concretos, e logo chegareis a uma existência mais feliz. Os partidos e as lutas políticas, os remédios propostos pelos maus pastores — os socialistas e os revolucionários — não vos conduzirão a nada de bom. Ocupai-vos de vossos interesses econômicos imediatos. Isso é permitido, e é por essa via que atingireis uma melhoria real de vossa situação. O governo, que se preocupa muito por vós, vos apoiará". Essa era também a tese que Gapone e seus acessores recrutados dentre os próprios operários, pregavam e desenvolviam no interior das seções.

Os operários responderam ao convite sem tardar. Começaram a preparar uma ação econômica. Eles elaboraram e formularam suas reivindicações, aprovados por Gapone. Esse, em sua situação mais que delicada, teve que prestar-se a isso. Se ele não o fizesse provocaria imediatamente um descontentamento entre os operários, e seria mesmo certamente acusado de trair seus interesses e de sustentar o partido dos patrões, perdendo assim sua popularidade. Suspeitas ainda mais graves poderiam nascer contra ele. Em conseqüência, sua obra desmoronaria. Ora,

em seu jogo duplo, Gapone devia antes de tudo e a todo preço conservar as simpatias que grangeara até então. Ele compreendia bem a situação e fingia apoiar inteiramente a causa operária, esperando poder guardar um controle sobre o movimento, manejando as massas a seu modo, dirigindo, modelando e canalizando sua ação.

O que se produziu, foi exatamente o contrário. O movimento ultrapassou rapidamente os limites que lhe eram impostos, tomou logo uma amplitude, um vigor e uma forma imprevisas, embaralhando todos os cálculos, desarticulando todas as maquinações e seus autores; em breve transformou-se verdadeira tempestade que transbordou e carregou o próprio Gapone em suas vagas.

Em dezembro de 1904, os operários da fábrica Putiloff, uma das mais importantes de São Petersburgo e onde Gapone tinha numerosos adeptos e amigos, decidiram-se a começar a ação. Em acordo com Gapone, redigiram e entregaram à direção da fábrica uma lista de reivindicações de tipo econômico, por sinal bastante moderadas. Pelo fim do mês, foram informados de que a direção "não acreditava que fosse possível atender às reivindicações" e que o governo não dispunha de poderes para forçá-la a isso. Além disso, a direção da fábrica despediu alguns operários considerados líderes do movimento. Os operários exigiram imediatamente a readmissão de seus colegas. A direção recusou.

A indignação, a cólera dos operários foram sem limites; primeiro, porque seus longos e trabalhosos esforços não tinham levado a nada; e principalmente, porque haviam sido convencidos de que esses esforços seriam recompensados. E eis que o primeiro passo no bom caminho da legalidade, encorajado por Gapone em pessoa que os enchera de esperanças, redundava num fracasso vergonhoso que não merecia nenhuma justificativa. Os operários sentiram-se "enrolados" e viram-se moralmente obrigados a agir em favor de seus camaradas expulsos da fábrica.

Os olhares se dirigiram naturalmente em direção de Gapone. Esse, procurando salvaguardar seu prestígio e sua função, simulou uma indignação superior à de todos e estimulou os operários da fábrica Putiloff a reagir vigorosamente, o que não tardou a ser feito. Sentindo-se protegidos, limitando-se sempre a reivindicações puramente econômicas, cobertos pelas seções e por Gapone, os operários decidiram, em meio a várias reuniões tumultuadas, de passar à greve. O governo não intervinha, confiando em Gapone. E é dessa forma que a greve das fábricas Putiloff, a primeira greve operária importante na Rússia, foi desencadeada em dezembro de 1904.

Mas o movimento não parou aí. Todas as seções operárias vibraram e se puseram em marcha para apoiar a ação grevista. O fracasso do primeiro movimento reivindicatório foi compreendido como uma derrota coletiva. Naturalmente, Gapone foi forçado a concordar com as seções. Ele visitava a todas, uma após a outra, de noite, pronunciando sempre discursos inflamados em apoio aos grevistas da Putiloff, convidando todos os operários a dar-lhes algum tipo de ajuda eficaz.

Passaram alguns dias. Uma agitação extraordinária sacudia as massas operárias da capital. As oficinas se esvaziavam espontaneamente. Sem palavras de ordem precisas, sem preparação nem direção, a greve da Putiloff tornava-se uma greve quase geral dos trabalhadores de São Petersburgo.

E a tempestade se manifestou. Os grevistas em massa se precipitaram em direção das seções, desprezando as formalidades, forçando todos os controles, reclamando uma ação imediata e poderosa.

Na realidade, a greve não bastava por si só. Era forçoso agir, **fazer alguma coisa**: algo de grande, de imponente, de decisivo. Esse era o sentimento generalizado.

Foi então que surgiu — não se soube jamais exatamente de onde nem como — a idéia fantástica de **re-**dirigir, em nome dos operários e camponeses infelizes **de**

todas as Rússias, uma "petição" ao tzar; de reunir-se em grande massa para apoiá-la, diante do Palácio de Inverno; de entregar a petição, por intermédio de uma delegação com Gapone à cabeça, ao tzar em pessoa, e de pedir-lhe que desse ouvidos às misérias de seu povo. Por ingénua, por paradoxal que fosse, essa idéia se espalhou como um rastilho de pólvora entre os operários de São Petersburgo. Ela uniu, inspirou e entusiasmou; ela deu um sentido, um objetivo preciso ao movimento dos operários.

As seções seguiram o movimento da massa, e decidiram-se a organizar a ação. Gapone foi encarregado de redigir a petição. Inclinando-se ainda uma vez à vontade da massa, ele tornava-se assim pela força das circunstâncias o líder de um importante, de um histórico movimento de massas.

Nos primeiros dias do mês de janeiro de 1905 o texto ficou pronto. Simples, tocante, a petição tinha um estilo cheio de emoção, de entusiasmo e de confiança. As misérias do povo aí estavam expostas com muito sentimento e sinceridade. O tzar era instado a voltar-se para essas misérias, a dar seu consentimento a reformas eficazes e a zelar por sua realização.

Coisa estranha, mas incontestável: a petição de Gapone era uma obra de grande inspiração, verdadeiramente patética.

As medidas a seguir consistiam em fazê-la ser aprovada por todas as seções, de levá-la ao conhecimento das grandes massas e de organizar a marcha em direção ao Palácio de Inverno.

Nesse meio tempo um fato novo se manifestou. Os revolucionários filiados aos partidos políticos (que haviam se mantido até então totalmente à margem do "gaponismo") se aproximaram de Gapone. Eles procuraram em primeiro lugar influenciá-lo afim de que sua atitude, sua petição e sua ação tomasse um caráter menos "rastejante", mais digno e firme, numa palavra, mais revolucionário. Os meios operários avançados exerceram a mesma

pressão sobre Gápone, que reagiu favoravelmente. Os socialistas revolucionários sobretudo tornaram-se próximos de Gápone. Em acordo com esses, ele reelaborou o texto da petição primitiva, aumentando-a consideravelmente e atenuando bastante seu espírito de fidelidade devota ao tzar.

Em sua forma definitiva, a "petição" foi o maior paradoxo histórico que jamais existiu. Aí seus signatários se dirigiam mui lealmente ao tzar para pedir-lhe nem mais nem menos que autorizar — e mesmo de realizar — uma revolução radical que, em última análise, suprimiria seu próprio poder. Com efeito, o programa mínimo completo dos partidos revolucionários estava ali apresentado. Exigia-se principalmente, como medidas de toda urgência: a liberdade integral de imprensa, de palavra, de consciência, etc.; a liberdade absoluta para todas as associações e organizações; o direito operário à sindicalização e à greve; leis agrárias tendendo à expropriação dos grandes proprietários em benefício das comunidades camponesas, e enfim, a convocação imediata de uma Assembléia Constituinte eleita à base de uma lei eleitoral democrática. Tratava-se literalmente de um convite ao suicídio.

Eis aqui o texto integral e definitivo da "petição" (traduzido do russo):

"Senhor!

Nós, trabalhadores de São Petersburgo, nossas mulheres, nossos filhos e nossos pais — velhos sem recursos, nos dirigimos a Ti, ó Tzar, para pedir-te justiça e proteção.

Estamos reduzidos à mendicidade. Somos oprimidos, esmagados sob o peso de um trabalho esgotador, cobertos de ultrajes. Nós não somos considerados seres humanos, mas tratados como escravos condenados a suportar em silêncio um triste destino. Temos enfrentado com paciência tudo isso. Mas eis que agora nos precipitam ao

fundo do abismo onde nada mais que a arbitrariedade e a ignorância nos serão reservadas. Estão a sufocar-nos sob o peso do despotismo e de um tratamento contrário a todas as leis humanas.

Já não podemos mais agüentar, ó Tzar! Chegou o momento decisivo em que, de fato, melhor vale a morte que a continuação de nossos sofrimentos intoleráveis. Eis aí porque cessamos o trabalho e informamos a nossos patrões que não o retomaremos sem que eles tenham atendido às nossas justas reivindicações.

Aquilo que lhes pedimos é pouca coisa, e no entanto, sem esse mínimo, nossa vida não é uma vida e sim um inferno, uma tortura sem fim.

Nosso primeiro requerimento pedia a nossos patrões que se dignassem a tomar conhecimento de nossas necessidades. E eles se recusaram a isso! O próprio direito de discutir nossas necessidades nos foi contestado sob o pretexto de que a lei não nos reconhece esse direito.

A reivindicação da jornada de trabalho de oito horas foi também rejeitada como ilegal.

Nós reivindicamos em seguida a fixação dos salários em comum acordo; a arbitragem nos casos de mal-entendidos entre nós e a administração interior da fábrica; a elevação para um rublo do salário diário dos operários de ambos os sexos, a supressão das horas-extras; uma renovação das instalações das oficinas, para que o trabalho não provoque mais a morte em consequência das correntes de ar, da chuva e da neve... Nós pedimos também mais cuidados para aqueles que caem doentes; e também, que as ordens não nos sejam dadas em meio a injúrias.

Todas essas reivindicações foram rejeitadas como contrárias à lei. O fato mesmo de as ter formulado foi interpretado como um crime. O desejo de melhorar nossa situação é considerado por nossos patrões como uma insolência de nossa parte.

Ó Imperador! Nós somos aqui mais de 300.000 seres humanos. E no entanto, todos nós somos seres humanos

apenas em aparência. Porque, na realidade, não temos nenhum direito humano. É-nos proibido falar, pensar, nos reunir para discutir nossas necessidades, tomar medidas para melhorar nossa situação. Qualquer um de nós que ouse elevar a voz em defesa da classe operária é lançado no cárcere ou no exílio. Ter um bom coração, uma alma sensível, é considerado um crime. Demonstrar sentimentos de fraternidade com relação a um infeliz, a um abandonado, a uma vítima, a alguém que caiu, é um crime abominável.

Ó Tzar! Estará tudo isto conforme aos mandamentos de Deus em virtude do qual Tu reinas? Vale a pena viver sob tais leis? Não seria preferível para nós todos, trabalhadores russos, de morrer deixando os capitalistas e os funcionários apenas a viver e a gozar da existência?

Tal é, Senhor, o futuro que nos espera. E essa é a razão de nossa presença diante dos muros do Teu palácio. Nós queremos encontrar, nós esperamos aqui a última tábua de salvação. Não Te recuses a ajudar Teu povo a sair do abismo dos fora-da-lei onde não há senão miséria e ignorância. Dá-lhe uma chance, um meio de realizar seu verdadeiro destino. Livra-o da intolerável opressão dos burocratas. Põe abaixo a muralha que Te separa dele e chama-o a governar o país em associação contigo.

Tu foste enviado a esse mundo para conduzir o povo à felicidade. Mas, farrapo após farrapo, a felicidade nos é arrancada por teus funcionários que só nos reservam a dor e a humilhação.

Examina com atenção e sem cólera nossos pedidos. Eles foram formulados não para o mal, mas para o bem, para nosso bem, Senhor, e para o Teu. Não é a insolência que fala por nós, mas a consciência da necessidade geral de acabar com o atual e insuportável estado de coisas.

A Rússia é grande demais, suas necessidades são muito variadas para que ela possa ser dirigida por um governo composto de burocratas unicamente. É absoluta-

mente necessário que o povo participe do governo, pois somente ele conhece suas necessidades.

Não recuses pois de socorrer Teu povo. Dá, sem perda de tempo, ordens para que os representantes de todas as classes do país se reúnam. Que os capitalistas e os operários sejam representados. Que os funcionários, os padres, os médicos e os professores escolham também seus delegados. Que todos sejam livres para eleger o candidato que mais agrade a cada um. Para tanto, autoriza a eleição de uma Assembléia Constituinte sob o regime do sufrágio universal.

Esta é nossa principal reivindicação, da qual tudo depende. Esse seria o melhor, o único verdadeiro bálsamo para nossas feridas abertas. Sem a aplicação desse bálsamo, elas nunca cicatrizarão e nos levarão à morte.

Não existe nenhuma panacéia para todos os nossos males. Vários remédios são necessários. Vamos agora enumerá-los. Nós Te falaremos francamente, Senhor, de coração aberto, como a um pai.

As medidas seguintes são indispensáveis.

No primeiro grupo figuram aquelas que corrigem a ausência de todos direitos e a ignorância que o povo russo sofre. Essas medidas compreendem:

1.º A liberdade e a inviolabilidade da pessoa: liberdade da palavra, da imprensa, de associação, de consciência em matéria de religião; separação entre a Igreja e o Estado.

2.º Instrução geral e obrigatória gratuita.

3.º Responsabilidade dos ministros diante da nação; garantias para a legalidade dos métodos administrativos.

4.º Igualdade de todos os indivíduos diante da lei, sem exceção.

5.º Libertação imediata de todos aqueles que tenham sofrido por suas convicções.

No segundo grupo estão as medidas contra a pobreza:

1.º Abolição dos Impostos Indiretos. Imposto sobre a renda, direto e progressivo.

2.º Anulação das taxas relativas ao resgate de terras. Crédito barato. Entrega gradual da terra ao povo.

O terceiro grupo reúne as medidas contra o esmagamento do trabalho pelo capital:

1.º Proteção do trabalho pela lei.

2.º Liberdade das uniões operárias estabelecidas para a cooperação e para a regulamentação de questões profissionais.

3.º Jornada de trabalho de oito horas; limitação das horas-extras.

4.º Liberdade de luta entre o trabalho e o capital.

5.º Participação de representantes das classes trabalhadoras na elaboração de uma lei de seguros e pensões do Estado para os trabalhadores.

6.º Salário normal.

Aí estão, Senhor, nossas principais necessidades. Ordena que elas sejam satisfeitas. Jura-nos que elas o serão, e Tu farás a Rússia feliz e gloriosa, e Teu nome será inscrito para sempre em nossos corações, nos corações de nossos filhos e nos corações dos filhos de nossos filhos.

Mas se Tu não nos deres Tua promessa, se Tu não aceltas nossa petição, nós estamos decididos a morrer aqui, nesta praça, diante de Teu palácio, pois não temos nenhum lugar onde ir, nem nenhuma razão para sair daqui. Para nós, só há dois caminhos: um que conduz à liberdade e à felicidade, e o outro que conduz à tumba. Indica-nos um

desses dois caminhos, Tzar e nós o seguiremos, mesmo que ele nos leve à morte.

Que nossas vidas sejam um holocausto pela Rússia agonizante: não lamentaremos o sacrifício. Nós as oferecemos com alegria."

Deve-se observar que, apesar de tudo o que havia de paradoxal na situação criada, a ação que se preparava não era outra coisa que a conseqüência lógica da pressão combinada de diversas tendências reais: uma espécie de "síntese" natural dos diferentes elementos em presença.

Por um lado, a idéia da gestão coletiva junto ao Tzar foi, no fundo, manifestação da fé ingênua das massas populares em sua boa vontade. (Já falamos da força profunda da "lenda do Tzar" entre as massas). Assim os operários que, na Rússia, não rompiam nunca seus laços com o campo, retomaram por um momento a tradição camponesa para ir pedir ao "paizinho" ajuda e proteção. Aproveitando a ocasião única que lhes era oferecida, levados por um impulso espontâneo irresistível, eles tentaram sem dúvida sobretudo indicar a ferida, obter uma solução concreta e definitiva. Mesmo que esperando, no fundo de suas almas simples, um êxito parcial ao menos, eles queriam principalmente saber com quem é que contavam.

Por outro lado, a influência dos partidos revolucionários, forçados a se manter a certa distância, incapazes de impedir o movimento ou, menos ainda, de substituí-lo por um outro mais revolucionário, revelou-se entretanto suficientemente forte para lograr uma certa pressão sobre Gápone e obrigá-lo a "revolucionarizar" seu ato.

Esse ato foi dessa maneira o produto bastardo, mas natural, das forças contraditórias em movimento.

Quanto aos meios intelectuais e liberais, não participaram a não ser como testemunhas impotentes dos acontecimentos em desenvolvimento.

A conduta e a psicologia de Gapone mesmo, por paradoxais que possam parecer, encontram no entanto uma explicação fácil. Simples ator inicialmente, agente a soldo da polícia, ele foi progressivamente arrastado pela vaga, formidável do movimento popular que o empurrava mais e mais para adiante. Ele terminou cedendo a essa força. Os acontecimentos o colocaram, contra a sua vontade, à frente das multidões que o idolatravam. Espírito aventureiro e romanesco, deixou-se tomar pela ilusão. Percebendo instintivamente a importância histórica dos acontecimentos, ele deve ter cometido um erro de avaliação. Ele via já o país inteiro em revolução, o trono em perigo, e ele, Gapone, chefe supremo do movimento, ídolo do povo, elevado aos pináculos da glória dos séculos. Fascinado por esse sonho que a realidade parecia querer justificar, ele se deu finalmente de corpo e alma ao movimento desencadeado. A partir daí, seu papel de policial não o interessava mais. Nem mesmo se lembrava disso durante esses dias febris, deslumbrado pelos relâmpagos da tempestade terrível, inteiramente absorvido por sua nova função que devia sentir quase como uma missão divina. Essa era, muito provavelmente, a psicologia de Gapone em princípios de janeiro de 1905. Pode-se supor que nesse momento, e nesse sentido, o homem era sincero. Pelo menos esta é a impressão pessoal do autor destas linhas que veio a conhecer Gapone alguns dias antes dos acontecimentos e o viu em ação.

Mesmo o fenômeno mais estranho — o silêncio do governo e a ausência de qualquer intervenção policial ao longo dessas jornadas de preparação febril — se explica com facilidade. A polícia não compreendeu a nova situação psicológica de Gapone. Tomando sua ação como uma manobra habilidosa, ela confiou nele. E quando enfim ela percebeu a mudança e o perigo iminente, já era muito tarde para canalizar e controlar os acontecimentos desenfiados. A princípio um tanto desconcertado, o governo tomou finalmente a decisão de esperar o momento favo-

rável para esmagar o movimento com um só golpe. Enquanto não recebia nenhuma diretiva, a polícia não se mexia. Acrescentemos que esse fato incompreensível, misterioso, encorajou as massas, aumentou as esperanças. "O governo não ousa opor-se ao movimento: ele se inclinará", era a opinião geral.

A marcha em direção ao Palácio de Inverno foi fixada para o domingo 9 de janeiro de manhã (conforme o velho calendário). Os últimos dias foram consagrados sobretudo à leitura pública da "petição" em todas as "seções". O procedimento era mais ou menos idêntico em todos os locais. Durante o dia o próprio Gapone — ou um de seus amigos — lia e comentava a petição para as massas operárias que lotavam os locais por turnos. Logo que o recinto estava repleto, fechava-se a porta e a petição era apresentada; os operários assinavam uma folha especial e evacuavam a sala, que se enchia imediatamente de novo pela multidão que aguardava pacientemente sua vez na rua, e a cerimônia recomeçava. Isso continuava assim em todas as seções até a meia-noite ou mais.

A nota trágica desses últimos preparativos era o apelo supremo do orador e o juramento solene, selvagem da multidão em resposta a esse apelo: "Camaradas operários, camponeses e outros! — dizia o orador — Irmãos de miséria! Sejam todos fiéis à causa e a nosso compromisso. Domingo pela manhã, venham todos à praça defronte ao Palácio de Inverno. Toda desistência é uma traição à nossa causa. Mas venham serenos, pacíficos, dignos da hora solene que vivemos. O padre Gapone já preveniu o tzar e lhe garantiu, sob sua responsabilidade pessoal, que ele estará em segurança entre nós. Se permitirmos um ato abusivo qualquer, a responsabilidade cairá sobre o padre Gapone. Já ouviram a petição. Nós pedimos coisas justas. Não podemos mais continuar nessa existência miserável. Vamos então até o tzar com os braços abertos, os corações cheios de amor e de esperança. Ele só poderá nos receber com a mesma atitude e dar ouvidos à

nossa petição. Gapone em pessoa vai entregar-lhe a petição. Tenhamos confiança, camaradas, irmãos, que o tzar nos acolherá, nos ouvirá e atenderá as nossas legítimas reivindicações. Mas, meus irmãos, se por acaso o tzar, ao invés de nos acolher, opuser contra nós os fuzis e os sabres, então, meus irmãos, que a desgraça caia sobre sua cabeça! **Nesse caso, não teremos mais tzar! Nesse caso então, que seja maldito para sempre, ele e toda sua dinastia!**... Jurem todos, camaradas, irmãos, simples cidadãos, jurem que nesse caso não esqueceremos jamais a traição. Jurem que nesse caso procurarão destruir o traidor por todos os meios...". E a assembléia inteira, levada por um impulso extraordinário, respondia erguendo o braço: "Nós o juramos"!

Quando o próprio Gapone lia a petição — e ele a leu ao menos uma vez em cada seção — ele acrescentava: "Eu, padre Jorge Gapone, pela vontade de Deus, vos desligo então do juramento feito ao tzar, e abençoo antecipadamente aquele que o destruirá. Porque **nesse caso não teremos mais tzar!**..." Pálido de emoção, ele repetia duas, três vezes essa frase diante do auditório silencioso e emocionado.

"Jurem que me seguirão, jurem pela cabeça de seus parentes, de seus filhos!" — "Sim, pai, sim! Nós o juramos pela cabeça de nossos filhos!" era a resposta invariável.

A noite do 8 de janeiro tudo estava pronto para a marcha. Tudo estava pronto também do lado do governo. Alguns círculos intelectuais e literários foram informados de que a posição do governo já estava decidida: não permitir em nenhum caso que a multidão se aproximasse do Palácio; se ela insistisse, atirar sem piedade. Uma delegação foi enviada às pressas junto às autoridades a fim de tentar evitar o derramamento de sangue. Em vão; todas as disposições já estavam tomadas. A capital estava nas mãos de tropas armadas até os dentes.

A seqüência é conhecida. Domingo nove de janeiro, desde o amanhecer uma imensa multidão composta sobretudo de operários (muitos com suas famílias) e também de elementos dos mais diversos meios se pôs em movimento em direção ao Palácio de Inverno. Dezenas de milhares de homens, de mulheres e crianças, partindo de todos os pontos da capital e dos subúrbios, marcharam para o ponto de encontro.

Por toda parte havia barragens de tropas e da polícia que abriram um fogo cerrado contra essa maré humana. Mas a pressão de tal massa compacta de homens — pressão que aumentava de minuto a minuto — foi tamanha que, por todos os tipos de vias oblíquas, a multidão afluía mesmo assim e sem cessar em direção à praça, ocupando e engarrafando as ruas próximas. Milhares de homens, dispersados pelos disparos, dirigiam-se com obstinação em direção ao objetivo fixado, tomando ruas adjacentes, movidos pelo impulso, pela curiosidade, pela cólera, pela necessidade imperiosa de gritar bem alto sua indignação e seu horror. Numerosos eram aqueles que guardavam ainda, apesar de tudo, uma centelha de esperança, acreditando que se chegassem a atingir a praça, diante do palácio do Tzar, esse viria a eles, os acolheria e arranjaria as coisas. Alguns supunham que, diante do fato consumado, o tzar não poderia mais resistir e seria obrigado a ceder. Outros, os últimos ingênuos, imaginavam que o tzar não estava ao par do que se passava, que ele nada tinha a ver com a carnificina, e que a polícia, tendo cuidadosamente encoberto os acontecimentos desde o início, queria agora impedir que o povo entrasse em contato com o "paizinho". Era preciso chegar ao Palácio a todo o preço... E depois, haviam jurado chegar lá... E, enfim, o padre Gapone talvez tivesse conseguido chegar lá de qualquer maneira...

As vagas dessa maré humana, infiltrando-se por todos os lados, invadiram finalmente os arredores imediatos da praça do Palácio e alcançaram a seguir a praça propriamente dita. Nessa contingência, o governo não encontrou

nada de melhor que fazer varrer a tiros essa multidão desarmada, desamparada, desesperada.

Foi uma cena de horror difícil de se imaginar, única na História. Metralhada à queima-roupa, urrando de medo, de dor, de ódio, essa multidão imensa, sem poder avançar nem recuar, impedida de todo movimento pela sua própria massa, passou por aquilo que foi chamado mais tarde "o banho de sangue". Rechaçada ligeiramente por cada salva como por um golpe de vento, parcialmente pisoteada, sufocada, esmagada, ela se refazia imediatamente junto aos cadáveres, sobre os agonizantes, os feridos, empurrada pelas outras multidões que chegavam, chegavam por trás... E novas salvas de disparos sacudiam, de tempo em tempo, essa massa viva num estremecimento de morte... Isso durou muito tempo: até o momento em que a multidão pode fugir pelas ruas adjacentes enfim transitáveis.

Centenas de homens, mulheres e crianças pereceram na capital naquele dia. Os soldados haviam sido copiosamente embriagados para perder toda a consciência, todo escrúpulo. Alguns dentre eles, totalmente inconscientes, instalados em um jardim próximo à praça do Palácio, divertiam-se "derrubando" a tiros as crianças que haviam trepado nas árvores para ver melhor...

Ao cair da tarde, "a ordem foi restabelecida". Nunca se soube, mesmo por aproximação, o número de vítimas. Mas o que se soube, é que durante a noite, longos trens cheios de cadáveres carregavam para fora da cidade todos esses pobres corpos para os enterrar aos montes nos campos e bosques dos arredores.

Soube-se também que o czar nem mesmo se encontrava na capital naquele dia. Após ter dado carta branca às autoridades militares, ele se havia refugiado em uma de suas residências de verão: em Tzarskoïé-Sielo, perto de São Petersburgo.

Quanto a Gápone, ele conduzira, rodeado de carregadores de ícones, e de imagens do czar, uma multidão con-

siderável que se dirigia ao Palácio pela Porta de Narva. Como em toda parte, essa multidão foi dispersada pelas tropas nas proximidades da Porta. Gapone escapou por um triz. Aos primeiros disparos, ele se deitou por terra e não se mexeu mais. Por um momento, pensou-se que estava morto ou ferido. Seus amigos o conduziram rapidamente para um lugar seguro. Cortaram seus longos cabelos de padre e vestiram-no com trajes civis.

Algum tempo depois, ele já estava no estrangeiro e fora de perigo.

Deixando a Rússia, ele lançou um breve apelo aos operários nesses termos:

"Eu, pastor, maldigo a todos aqueles, oficiais e soldados, que massacram nessa hora seus irmãos inocentes, mulheres e crianças. Amaldiçoo todos os opressores do povo. Minha bênção vai para os soldados que ajudam o povo em seu esforço pela liberdade. Eu os desligo do juramento de fidelidade prestado ao tzar — ao tzar traidor cujas ordens fizeram correr o sangue do povo."

Mais tarde, ele redigiu uma nova proclamação onde dizia entre outras coisas:

"Camaradas operários, não há mais tzar! Entre ele e o povo russo, correram hoje torrentes de sangue. Chegou o tempo dos operários russos empreenderem sem ele a luta pela liberdade do povo. Vocês têm minha bênção para esses combates. Amanhã eu estarei entre vocês. Hoje, estou trabalhando pela causa."

Esses apelos foram divulgados em grande número de cópias em todo o país.

Torna-se necessário esclarecer aqui como terminou a trajetória de Gapone.

Salvo por seus amigos, o ex-padre fixou-se definitivamente no estrangeiro. Os socialistas-revolucionários ajudaram-no. Seu futuro não dependia agora senão de si próprio. Colocaram à sua disposição os meios necessários para romper definitivamente com seu passado, completar sua instrução e determinar sua posição ideológica: em uma palavra, para que ele pudesse tornar-se um verdadeiro homem de ação.

Mas Gapone não tinha t \hat{e} mpera para isso. O fogo sagrado que por acaso a florou uma vez em sua alma tenebrosa n \hat{a} o era outro sen \hat{a} o um fogo de ambi \hat{c} o e de satisfa \hat{c} o pessoal que logo se apagou. Em lugar de se dedicar a um trabalho de auto-educa \hat{c} o e de se preparar para uma atividade conseq \hat{u} ente, Gapone deixou-se ficar na inatividade, a m \hat{a} e do t \hat{e} dio. O trabalho lento e paciente n \hat{a} o lhe interessava. Ele sonhava com um prosseguimento imediato e glorioso de sua ef \hat{e} mera aventura. Ora, na R \hat{u} s \hat{s} ia os acontecimentos se arrastavam. A grande Revolu \hat{c} o n \hat{a} o chegava. Ele se aborrecia cada vez mais. Logo procurou esquecer tudo na libertinagem. O mais das vezes, passava seu tempo em cabar \hat{e} s duvidosos onde, meio b \hat{e} bado em companhia de mulheres de vida f \hat{a} cil, ele chorava suas ilus \hat{o} es perdidas. A vida no estrangeiro n \hat{a} o lhe ia bem, a saudade o martirizava. Queria voltar a qualquer pre \hat{c} o \hat{a} R \hat{u} s \hat{s} ia.

Assim, Gapone concebeu a id \hat{e} la de se dirigir ao governo russo, de pedir perd \hat{a} o e a autoriza \hat{c} o para voltar e retomar suas fun \hat{c} oes. Ele escreveu \hat{a} pol \hat{i} cia secreta e restabeleceu as rela \hat{c} oes com ela.

Seus antigos chefes acolheram sua proposta de forma favor \hat{a} vel, mas exigiram antes de tudo uma prova material de seu arrependimento e de sua boa vontade. Conhecendo suas rela \hat{c} oes com membros influentes do partido socialista-revolucion \hat{a} rio, pediram-lhe indica \hat{c} oes precisas que lhes permitisse desfechar um golpe decisivo contra esse partido. Gapone aceitou o neg \hat{o} cio.

Nesse mesmo tempo, um dos membros influentes do partido, amigo íntimo de Gapone, o engenheiro Rutemberg, foi informado das novas relações de Gapone com a polícia. Ele transmitiu um relatório ao Comitê Central do partido, que o encarregou — Rutemberg em pessoa relata isso em suas memórias — de fazer o possível para desmascarar Gapone.

Rutemberg foi obrigado a fazer jogo duplo. Conseguiu convencer Gapone de que estava disposto a trair seu partido por uma grande soma de dinheiro. Gapone caiu em seu jogo, passaram a discutir o preço da traição: Rutemberg forneceria à polícia os segredos do partido através de Gapone.

Essa discussão sobre a recompensa — simulada e lentamente conduzida por Rutemberg, dirigida por Gapone em contato com a polícia — terminou em solo russo onde Gapone e Rutemberg puderam um dia se reunir.

O último ato do drama se passou em São Petersburgo. Logo após sua chegada, Rutemberg preveniu alguns operários, amigos fiéis de Gapone, que se recusavam a crer em sua traição, de que ele estava em condições de lhes fornecer uma prova irrefutável. Decidiu-se que os operários gaponistas assistiriam às ocultas ao último encontro entre Gapone e Rutemberg; entrevista onde o preço da pretendida traição de Rutemberg deveria ser definitivamente fixado.

O encontro se realizou em uma casa de campo deserta, nas imediações da capital. Os operários, escondidos em uma peça contígua àquela em que se passaria a entrevista, deveriam assim assistir sem ser vistos, para se convencerem do verdadeiro papel de Gapone e poderiam desmascará-lo em público posteriormente.

Mas os operários não conseguiram suportar a cena. Desde que se convenceram da traição de Gapone, irromperam na sala onde os dois homens discutiam. Eles se precipitaram sobre Gapone, agarraram-no e, apesar de suas súplicas (ele se arrastava de joelhos implorando per-

dão em nome de seu passado), executaram-no brutalmente, e depois lhe passaram uma corda pelo pescoço e o penduraram no teto. O cadáver foi descoberto por acaso algum tempo depois, ainda nessa posição.

Assim terminou a epopéia pessoal de Gápone.

Em suas memórias, geralmente sinceras, ele se esforça — bem desajeitadamente em verdade — de justificar, explicando à sua maneira, as suas relações com a polícia antes do nove de janeiro de 1905. Sobre esse ponto, é possível que ele não tenha dito toda a verdade.

Quanto ao movimento, ele seguiu seu caminho.

Os acontecimentos do nove de janeiro tiveram uma enorme repercussão em todo o país. Nos rincões mais afastados, a população ouvia, com espanto e indignação, que ao invés de dar ouvidos ao povo que viera pacificamente ao Palácio para lhe contar suas misérias, o Tzar havia dado com toda frieza a ordem de atirar contra ele. Durante muito tempo, camponeses enviados pelos seus vilarejos visitavam clandestinamente São Petersburgo com a missão de informar-se com exatidão sobre a tragédia.

Essa verdade foi logo divulgada em toda parte. **Nesse momento, a “lenda do Tzar” desapareceu.**

Mais um paradoxo histórico! Em 1881, os revolucionários assassinam o tzar para matar a lenda. Ela sobrevive. Vinte e quatro anos mais tarde, é o tzar em pessoa que a mata.

Em São Petersburgo, os acontecimentos do nove de janeiro provocaram a generalização da greve, que tornou-se total. Segunda-feira dez de janeiro nenhuma fábrica, nenhuma construção funcionou. Um movimento surdo de revolta grassava. A primeira grande greve revolucionária dos trabalhadores russos — a dos operários de São Petersburgo — tornou-se um fato consumado.

Uma constatação importante se destaca de tudo o que foi dito até aqui. Ela:

Foi necessária uma experiência histórica vivida, palpável e de GRANDE ENVERGADURA para que o povo começasse a compreender a verdadeira natureza do tzarismo, o conjunto da situação e as verdadeiras tarefas da luta. Nem a propaganda nem o sacrifício dos mais exaltados não puderam, por si sós, atingir esse resultado.

CAPÍTULO II

O NASCIMENTO DOS "SOVIETS"

Chegamos agora a um dos pontos mais importantes da Revolução russa: **a origem e a primeira atividade dos "Soviets"**.

Ainda um fato paradoxal: é ao mesmo tempo um dos pontos menos conhecidos e dos mais desfigurados da Revolução.

Em tudo o que apareceu até hoje sobre a origem dos "Soviets" — falo não somente dos estudos estrangeiros, mas também da documentação russa — existe uma lacuna que salta aos olhos do leitor interessado: **ninguém pôde ainda estabelecer com precisão quando, onde e como foi criado o primeiro "Soviet" operário.**

Até o momento, quase todos os escritores e historiadores, tanto os burgueses quanto os socialistas ("mencheviques", "bolcheviques" e outros) situavam o nascimento do primeiro "Soviet operário" pelo fim do ano de 1905, no curso da greve geral de outubro, do famoso Manifesto czarista de 17 de outubro e dos acontecimentos subseqüentes. Ora, isso é falso. Lendo essas páginas compreender-se-á o porquê dessa lacuna.

É certo que alguns autores — principalmente P. Miliukov em suas memórias — referem-se vagamente a um esboço dos futuros "Soviets" em princípios de 1905. Mas nenhuma precisão é dada. E quando tentam, eles se enganam. Assim, Miliukov acredita ter encontrado o berço dos Soviets na "Comissão Chidlovsky". Essa foi uma incla-

tiva oficial — semi-governamental, semi-liberal — que tentou em vão resolver, após o nove de janeiro de 1905, certos problemas sociais com a colaboração de alguns delegados operários oficiais. Conforme Miliukov, havia entre esses delegados um intelectual, um certo **Nossar**, que mais tarde formou com alguns outros delegados um "Soviet" à margem da Comissão — o primeiro Soviet operário do qual o mesmo Nossar tornou-se animador e presidente. Isso é vago. E sobretudo, não é exato. Quando Nossar — o leitor o verá logo a seguir — se apresentou à "Comissão Chidlovsky", ele era já membro — e mesmo presidente — do primeiro Soviet operário que havia sido criado antes dessa "Comissão" e não tinha nenhuma relação com ela. Outros autores cometem erros análogos.

Os social-democratas pretendem certas vezes considerar-se como os verdadeiros instigadores do primeiro Soviet. Os bolcheviques se esforçam muito para arrebatá-lhes essa honra.

Todos se enganam, desconhecendo a verdade que é muito simples: nenhum partido, nenhuma organização estável, nenhum líder inspirou a idéia do primeiro Soviet. **Esse surgiu espontaneamente, em consequência de um acordo coletivo no seio de um pequeno agrupamento fortuito e de caráter absolutamente privado.**⁽²⁾

O que o leitor encontrará aqui sobre esse assunto é inteiramente inédito e constitui um dos capítulos mais inesperados da "Revolução Desconhecida". Já é tempo de reconstituir a verdade histórica. Inclusive porque essa verdade é suficientemente sugestiva.

O leitor me desculpará por ser obrigado a falar aqui de minha própria pessoa. Estive envolvido de perto com o nascimento do primeiro "Soviet de representantes operários", criado em São Petersburgo não ao final, mas em **janeiro-fevereiro** de 1905.

Hoje, devo ser provavelmente o único a poder relatar e fixar esse episódio histórico, a menos que algum dos

operários que tomaram parte na ação naquela época esteja ainda em vida e em condições de contá-la um dia.

Diversas vezes já tive o desejo de contar os fatos. Folheando a imprensa — russa e estrangeira — relativa aos acontecimentos de 1905 e aos Soviets, ali constatei sempre a mesma lacuna: nenhum autor estava em condições para dizer exatamente onde, quando e como surgiu o primeiro Soviet operário na Rússia. Tudo o que se sabia, tudo o que se sabe até o momento, é que esse Soviet nasceu em São Petersburgo em 1905, e que seu primeiro presidente foi um amanuense petersburguês, Nossar, mais conhecido no Soviet sob o nome de **Khroustaleff**. Mas de onde vinha ele, de que partido era? Qual foi a composição ela lançada, em que circunstâncias foi ela adotada e aplicada? Como e por que Nossar tornou-se presidente? De onde vinha ele, que partido era? Qual foi a composição desse primeiro Soviet? Qual foi sua primeira função? Todas essas questões interessantes à História restam ainda sem resposta.

Note-se que essa lacuna é compreensível. O nascimento do primeiro Soviet foi um acontecimento de ordem absolutamente privada. Ela se deu em um ambiente de muita intimidade, longe de toda publicidade, à margem de qualquer campanha ou ação de envergadura.

O leitor pode obter pessoalmente uma prova indireta disso. Na imprensa que aborda esse ponto da Revolução russa, ele encontrará seguramente o nome de **Nossar-Khroustaleff**, por sinal citado quase por acaso. Mas o leitor constatará logo esse fato estranho: ninguém diz nunca onde nem como apareceu em cena esse homem, por que e em que circunstâncias tornou-se ele presidente do primeiro Soviet, etc. No que concerne a imprensa socialista, ela revela mesmo um certo incômodo por dever referir-se a Nossar. Ela cita seu nome quase que com má vontade. Não podendo silenciar o fato histórico (o que ela preferiria), ela balbucia sobre Nossar e seu papel algumas palavras incompreensíveis ou inexatas e se apressa em pas-

sar à atividade dos Soviets ao final de 1905, quando Leon Trotsky tornou-se o presidente do Soviet de São Petersburgo.

Compreende-se facilmente essa discreção, esse incômodo e essa pressa. Primeiro, nem os historiadores, nem os socialistas (Trotsky inclusive), nem os partidos políticos em geral, **não souberam absolutamente nada sobre a verdadeira origem dos Soviets**, e isso é, convenhamos, incômodo de se confessar. Em segundo lugar, mesmo se os socialistas viessem a conhecer os fatos e quisessem tomá-los em consideração, seria-lhes necessário reconhecer que **não tiveram a menor participação nesse acontecimento** e que eles souberam somente aproveitá-lo bastante tempo mais tarde. Eis aí porque, conhecendo ou não a verdade, eles tentarão sempre que possível de omitir esse fato e de apresentar as coisas à sua maneira.

O que me impediu até agora de contar os acontecimentos⁽³⁾ é, antes de tudo, o mal-estar que me provoca falar de mim mesmo. Por outro lado, nunca tive a ocasião de falar dos Soviets na grande Imprensa, mesmo porque não colaboro com ela. O tempo passou sem que eu me tenha decidido a romper o silêncio sobre a origem dos Soviets, a combater os erros e as lendas, a patentear a verdade.

Uma vez entretanto, vivamente impressionado pelas alusões pretensiosas e mentirosas de certos artigos de revistas, fui, há muitos anos, ver M. Melgounoff, editor de uma revista histórica russa em Paris. Eu lhe propus de fazer, a título puramente de documentação, o relato exato da aparição do primeiro Soviet operário. A proposição não vingou: de um lado porque o editor não quis aceitar a priori minha condição de que nada fosse alterado do original; de outra parte, porque compreendi que aquela revista estava longe de ser uma publicação histórica imparcial.

Forçado a falar dos Soviets, revelarei aqui os fatos tal como eles se produziram. E se a imprensa — histórica ou outra — tem interesse, encontrará aqui a verdade.

No ano de 1904 eu me encontrava absorvido por um trabalho intenso de ensino e cultura entre os operários de São Petersburgo. Desempenhava sozinho minha tarefa, seguindo meus próprios métodos. Não pertencia a nenhum partido político apesar de ser intuitivamente revolucionário. Eu tinha, aliás, apenas 22 anos e acabara de deixar a Universidade.

Pelo final do ano, o número de operários que estudavam sob minha orientação ultrapassava uma centena. Entre meus alunos havia uma jovem que, como seu marido, participava de uma das "Seções operárias" de Gapone. Até esse momento, eu tinha pouquíssimas informações a respeito de Gapone e de suas "seções". Uma noite, minha aluna levou-me à seção de nosso bairro, querendo que eu me interessasse a essa obra e, particularmente, à pessoa de seu animador. Gapone devia assistir pessoalmente à reunião daquela noite.

A essas alturas, ainda não se conhecia o verdadeiro papel de Gapone. Os operários de vanguarda, mesmo desconfiando um pouco de sua obra — porque ela era legal e emanava do governo — explicavam-na à maneira deles. A conduta bastante misteriosa do padre parecia confirmar essa versão. Eles tinham a opinião de que, sob a cobertura sólida da legalidade, Gapone preparava na verdade um vasto movimento revolucionário. (Aí está uma das razões pelas quais muitos operários se recusaram mais tarde a acreditar na função de policial do homem. Quando essa função foi definitivamente esclarecida, alguns operários, amigos íntimos de Gapone, se suicidaram).

Em fins de dezembro conheci Gapone. Sua personalidade me intrigou vivamente. Por sua parte, ele pareceu — ou quis parecer — interessar-se por minha obra de educação.

Ficou combinado que nos veríamos novamente para conversar mais a fundo, e para isso Gapone me deu seu cartão de visita com seu endereço.

Alguns dias mais tarde começou a famosa greve da fábrica Putiloff. E logo depois, exatamente a seis de janeiro (1905) à noite, minha aluna extremamente emocionada veio dizer-me que os acontecimentos tomavam uma configuração extremamente grave; que Gapone desencadeava um formidável movimento das massas operárias da capital; que ele estava percorrendo todas as seções, discursando para a multidão e chamando para uma concentração diante do Palácio de Inverno no domingo 9 de janeiro para entregar uma "petição" ao tzar; que ele já havia redigido o texto dessa petição e que ele ia ler e comentar esse texto em nossa Seção no dia seguinte à noite, 7 de janeiro.

A notícia me pareceu difícil de acreditar. Decidi passar pela Seção na noite seguinte para tirar minhas próprias conclusões. No dia seguinte, fui à Seção. Uma multidão considerável aí estava, enchendo a sala e a rua apesar do frio intenso. Estavam todos sérios e silenciosos. Além dos operários, havia lá muitos elementos de todas as origens: intelectuais, estudantes, militares, agentes de polícia, pequenos comerciantes do bairro, etc. Havia também muitas mulheres. Nenhum serviço de ordem.

Entre na sala. O "padre Gapone" chegaria a qualquer momento. Ele não tardou a chegar. Abriu rapidamente um caminho até o estrado através de uma massa compacta de homens, todos de pé, apertados uns contra os outros. A sala devia ter cerca de mil pessoas.

Fez-se um silêncio impressionante. E imediatamente, sem nem mesmo se desembaraçar de seu longo capote que ele mal desabotoou, deixando ver a batina e a cruz de prata, seu grande capuz de inverno tirado com um gesto brusco e decidido deixando cair em desordem seus longos cabelos, Gapone leu e explicou a petição a essa multidão atenta e emocionada desde as primeiras palavras.

Apesar de uma forte rouquidão — ele falava sem interrupção há já alguns dias — sua voz lenta, quase solene mas ao mesmo tempo simples, calorosa e visivelmente sincera ia direta ao coração de todas aquelas pessoas que respondiam em delírio a seus juramentos e a seus apelos.

A impressão era de fascínio. Sentia-se que algo de imenso, de decisivo estava por acontecer. Lembro-me que eu tremia com uma emoção extraordinária durante todo o tempo de seu discurso.

Mal terminara de falar, Gapon desceu do estrado e partiu precipitadamente rodeado de alguns fiéis, convidando a multidão que esperava de fora a ouvir a leitura da petição por um de seus colaboradores.

Separado dele por tanta gente, vendo-o apressado, absorto, esgotado por esse esforço sobre-humano e rodeado de amigos, não procurei aproximar-me dele. Era inútil de qualquer forma. Eu compreendera que aquilo que minha aluna dizia era verdadeiro: um formidável movimento de massas de uma gravidade excepcional ia explodir.

Na noite seguinte, oito de janeiro, voltei à Seção. Eu queria ver o que se passava ali. E principalmente, procurava tomar o contato com as massas, envolver-me na ação, e definir minha linha de conduta pessoal. Vários alunos meus me acompanhavam.

Aquilo que encontrei na Seção ditou o meu dever. Vi inicialmente, como antes, uma multidão silenciosa esperando na rua. Fui informado de que um membro da Seção estava lendo a "petição". Esperei.

Alguns momentos depois, a porta se abriu estrepitosamente. Um milhar de pessoas saiu da sala. Um outro milhar aí entrou às pressas; entrei com os outros. Logo que a porta se fechou de novo, um operário gaponista sentado sobre o estrado começou a divulgar a petição.

Lamentável! Com uma voz fraca e monótona, sem entusiasmo, sem a menor explicação ou conclusão. O homem resmungava o texto diante da massa atenta e ansio-

sa. Dez minutos lhe bastaram para terminar sua soporífica leitura. Logo a sala foi esvaziada para receber um novo milhar de pessoas.

Consultei rapidamente meus alunos. Nossa decisão foi tomada. Precipitei-me em direção à tribuna. Até esse dia, eu nunca havia falado diante das massas. Mas não hesitei. Era urgente mudar a qualquer preço a forma de informar e de sublevar o povo.

Aproximei do operário que se preparava para retomar sua labuta. Você deve estar cansado demais, deixe-me substituí-lo...". O homem me encarou surpreso, confuso. Ele nunca me vira antes. "Não tenha medo, continuei: sou um amigo de Gapone. Eis aqui uma prova...". Apresentei-lhe o cartão de visita do padre. Meus amigos confirmaram o que eu dizia.

O homem terminou aceitando. Ele se levantou, passou-me a petição e se retirou. Imediatamente, comecei a leitura, depois continuei interpretando o documento sublinhando especialmente as passagens essenciais: as reivindicações e os protestos, insistindo particularmente na certeza de que o tzar recusaria a petição.

Li dessa forma a petição muitas vezes, até uma hora muito avançada da noite. E dormi na Seção com meus amigos, sobre tábuas que aproveitamos como camas.

Na manhã seguinte — o famoso nove de janeiro — devo ter ainda lido a petição uma ou duas vezes. Em seguida saímos para a rua. Uma multidão enorme nos esperava, pronta para se por em movimento ao primeiro sinal. Pelas nove horas, meus amigos e eu formamos as 3 primeiras fileiras dando-nos os braços e convidamos a massa a nos seguir e a nos dirigir para o Palácio. A multidão moveu-se e nos seguiu organizada em fileiras compactas.

Inútil dizer que não conseguimos alcançar a praça do Palácio. Forçados a atravessar o rio Neva, nos chocamos com uma barreira de tropas nas proximidades da ponte chamada "Troïsky". Depois de algumas advertências às quais não obedecemos, atiraram contra nós várias vezes.

Sob a segunda salva, particularmente mortífera, a multidão parou e se dispersou deixando cerca de trinta mortos e de sessenta feridos. É preciso dizer entretanto que muitos soldados atiraram para o alto: várias vidraças de andares superiores das casas voaram em pedaços sob as balas.

Passaram alguns dias. A greve continuava quase geral em São Petersburgo. Deve-se observar que essa grande greve surgira espontaneamente. Ela não fora desencadeada por nenhum partido político, por nenhum organismo sindical (por essa época, não havia sindicatos na Rússia), nem mesmo por algum comitê de greve. Por sua própria conta, e num impulso inteiramente livre, as massas operárias abandonaram fábricas e construções. Os partidos políticos nem mesmo souberam aproveitar a ocasião para apoderar-se, como têm hábito, da direção do movimento. Eles ficaram inteiramente à margem.

Entretanto, uma questão crucial preocupava os operários: Que fazer nesse momento?

A miséria batia à porta dos grevistas. Era necessário tomar uma atitude sem demora. Por outro lado, uma pergunta circulava por toda parte: de que maneira os operários deveriam e poderiam continuar a luta. As "Seções", privadas de seu chefe, estavam desamparadas e quase impotentes. Os partidos políticos não davam sinal de vida. E no entanto se fazia sentir a necessidade de um organismo que coordenasse e conduzisse a ação.

Não sei como estavam sendo vistos e resolvidos esses problemas em vários quarteirões da cidade. Provavelmente algumas "Seções" organizaram ao menos uma ajuda material aos grevistas de suas regiões. Quanto ao bairro onde eu habitava, os acontecimentos aí tomaram um encaminhamento particular. E como o leitor verá, **eles conduziram mais tarde a uma ação generalizada.**

Todos os dias, havia reuniões de uns quarenta operários de meu bairro em minha casa. A polícia nos deixava em paz por um tempo. Desde os últimos aconteci-

mentos ela guardava uma neutralidade misteriosa. Nós aproveitávamos essa neutralidade, buscando meios de agir. Estávamos às vésperas de tomar certas decisões. Meus alunos decidiram, em acordo comigo, de liquidar nosso círculo de estudos, de aderir individualmente aos partidos revolucionários e de passar assim à ação. Porque todos considerávamos os acontecimentos como indícios de uma revolução iminente.

Uma noite — cerca de oito dias após o nove de janeiro — alguém bateu à porta de meu quarto. Eu estava só. Um homem entrou: jovem, alto, de aparência franca e simpática.

— Você é fulano? — perguntou. E, vendo meu gesto afirmativo, ele prosseguiu:

— Estou procurando por você há já alguns dias. Finalmente ontem fiquei sabendo o seu endereço. Eu sou Jorge Nossar, amanuense. Vou dizer-lhe logo o motivo dessa visita. Eis do que se trata. Assisti, no dia oito de janeiro, à sua leitura da "Petição". Vi que você tinha muitos amigos, muitas relações nos meios operários. E tenho a impressão de que você não pertence a nenhum partido político.

— É exato!

— Então, ouça. Eu também não me filio a nenhum partido, porque não tenho confiança. Mas, pessoalmente, sou revolucionário, simpatizo com o movimento operário. Mas, até agora, não conheço ninguém entre os operários. Em contrapartida, tenho grande número de relações nos meios burgueses liberais da oposição. Tenho então uma idéia. Eu sei que milhares de operários, suas mulheres e crianças estão sofrendo privações terríveis em razão da greve. Eu conheço burgueses ricos que gostariam muito de socorrer esses infelizes. Assim, eu poderia fazer uma coleta de fundos bem importante para os grevistas. É necessário preparar uma forma de organização para distribuir esses fundos com justiça e de forma conseqüente. Para isso, é preciso ter relações no seio da massa ope-

rárla. Porisso pensei em você. Você não poderia, juntamente com os seus melhores amigos operários, encarregar-se de receber e de distribuir entre os grevistas e as famílias das vítimas do nove de janeiro o dinheiro que eu providenciaria?

Aceitei imediatamente a proposição. Entre meus amigos havia um operário que podia usar a caminhonete de seu patrão para ir visitar os grevistas e distribuir o socorro.

Na noite seguinte reuni meus amigos. Nossar estava presente. Ele já nos trazia alguns milhares de rublos. Nossa atividade começou imediatamente.

Durante algum tempo, nossos dias foram inteiramente tomados por essa atividade. De noite eu recebia das mãos de Nossar os fundos necessários, dos quais lhe passava um recibo, e organizava o programa de minhas visitas. E no dia seguinte, ajudado por meus amigos, eu distribuía o dinheiro aos grevistas. Nossar travou assim amizade com os operários que vinham me ver.

Entretanto, a greve chegava ao fim. Todos os dias grupos de operários retomavam o trabalho. Ao mesmo tempo, os donativos diminuiam. Então a grave questão voltou: **Que fazer? Como continuar a ação? E como ela seria possível a partir de agora?**

A perspectiva de nos separar para sempre sem tentar prosseguir uma ação comum nos parecia difícil e absurda. A decisão de aderir individualmente ao partido que escolhessemos já não nos satisfazia mais. Estávamos à procura de outra coisa.

Nossar costumava participar de nossas reuniões.

Foi então que uma noite onde, como de hábito, havia em minha casa muitos operários — Nossar estava presente — surgiu dentre nós a idéia de criar um organismo permanente: uma espécie de comitê ou melhor, de conselho, que vigilaria o desenvolvimento dos acontecimentos, servindo de ligação entre todos os operários,

informando-os sobre a situação e que poderia, em caso de necessidade, reunir em torno dele as forças operárias revolucionárias.

Não me lembro exatamente como é que essa idéia brotou. Mas tenho a impressão de que foram os operários mesmos que a lançaram.

A palavra **Soviet** que significa exatamente **conselho** em russo foi pronunciada com esse sentido específico pela primeira vez nessa reunião. Tratava-se, em suma, nesse primeiro esboço, de uma espécie de **permanência social operária**.

A idéia foi adotada. A reunião prosseguiu tentando fixar as bases da organização e do funcionamento desse "Soviet". O projeto tomou então rapidamente uma grande envergadura.

Decidiu-se que os operários de todas as grandes fábricas da capital seriam informados, e que se procederia à eleição dos membros do organismo que foi designado, pela primeira vez, **Conselho (Soviet) dos Representantes Operários**. Essas eleições seriam realizadas sem grande alarde.

Ao mesmo tempo, foi colocada uma outra questão: Quem dirigiria os trabalhos do Soviet? Quem seria colocado à sua direção? Os operários presentes propuseram, sem nenhuma hesitação, o meu nome.

Muito emocionado pela sua confiança, recusei todavia a proposta com energia. Eu disse a meus amigos: "Vocês são **operários**. Vocês querem criar um organismo que deverá se ocupar dos interesses **operários**. Aprendam então desde o princípio a cuidar **vocês mesmos** dos seus negócios. Não confiem o seu destino a pessoas que não pertencem ao seu meio. Não venham escolher novos senhores: eles acabarão por dominá-los e por traí-los. Estou convencido de que no que toca as lutas e a emancipação de vocês, ninguém, exceto vocês mesmos, poderá jamais

alcançar um resultado verdadeiro. **Por vocês, por cima de vocês, no lugar de vocês**, ninguém fará nada, nunca. Vocês devem achar o presidente, o secretário e os membros da comissão administrativa **em suas próprias fileiras**. Se vocês precisarem de informações, esclarecimentos, de certos conhecimentos especiais, enfim, de uma ajuda intelectual e moral baseada em uma instrução aprofundada, vocês poderão se dirigir a intelectuais, a pessoas instruídas que deverão sentir-se felizes não de vos dirigir como senhores, mas de vos trazer seu auxílio sem se meter nas questões da organização de vocês. É dever deles prestar-lhes esse concurso, pois não é por culpa de vocês que lhes falta a instrução indispensável. Esses amigos intelectuais poderão mesmo assistir às reuniões — com voz consultativa, sem mais."

Acrescentei uma outra objeção: "Como querem vocês que eu seja membro da organização de vocês, se não sou operário? De que forma poderia eu entrar nela?"

A essa última pergunta, foi-me respondido que não havia nada mais fácil: poderiam obter para mim uma carta de identidade de operário e eu faria parte da organização sob um nome falso.

Protestei violentamente contra um tal procedimento. Eu o julguei não somente indigno de mim mesmo e dos operários, mas perigoso, nefasto. "Em um movimento operário, tudo deve ser franco, direto, sincero."

Apesar de minhas sugestões, os amigos não se sentiram suficientemente fortes para poder dispensar um "guia". Ofereceram então o posto de presidente do Soviet a Nossar. Este, não tendo os mesmos escrúpulos que eu, aceitou.

Alguns dias mais tarde, conseguiram-lhe uma carta de operário com o nome de **Khroustaleff**, representante de uma usina. Logo os delegados de várias fábricas de São Petersburgo realizaram sua primeira reunião.

Nossar-Khroustaleff foi nomeado presidente da reunião e logo se tornou presidente do Soviet, posto que conservou até o seu aprisionamento.

O primeiro Soviet havia nascido

Pouco tempo depois, o Soviet de São Petersburgo foi completado por outros representantes de fábricas. Seu número tornou-se imponente.

Durante várias semanas o Soviet funcionou bem regularmente, às vezes abertamente, às vezes clandestinamente. Ele publicava uma folha de informações operárias: **As Notícias (Izvestia) do Soviet dos Representantes Operários**. Ao mesmo tempo, ele dirigia o movimento operário da capital. Nossar foi, por um momento, à "Comissão Chidlovsky" citada acima, como delegado desse primeiro Soviet. Desiludido, ele a abandonou.

Um pouco mais tarde, perseguido pelo governo, esse primeiro Soviet teve que interromper quase totalmente suas reuniões.

Durante o movimento revolucionário de outubro de 1905, o Soviet, inteiramente reorganizado, retomou suas reuniões públicas. É a partir desse momento que sua existência foi largamente conhecida. E é assim que se explica, em parte, o erro usual relativo às suas origens. Ninguém poderia conhecer aquilo que se passou na intimidade de meu quarto. Nossar — o leitor encontrará noutro local algumas palavras sobre sua trajetória pessoal — nunca se referiu a isso com ninguém. De toda forma, pelo que eu saiba, ele nunca relatou publicamente esses fatos. E quanto aos operários a par da questão, nenhum deles teve certamente a idéia de comunicá-la à imprensa.⁽⁴⁾

O partido social-democrático terminou conseguindo penetrar nesse Soviet e a conquistar um posto importante dentro dele. O social-democrata Trotsky, o futuro comissário bolchevique, entrou nele e se fez nomear secretário.

A seguir, quando Khroustaleff-Nossar foi preso, Trotsky tornou-se o presidente.

O exemplo dado pelos trabalhadores da capital em janeiro de 1905 foi seguido pelos de várias outras cidades. Soviets operários foram criados em toda a parte. Porém sua existência — nessa época — foi breve: eles foram logo localizados e extintos pelas autoridades locais.

Contrariamente aos outros, o Soviet de São Petersburgo se manteve durante algum tempo. O governo central, em muito má situação após o nove de janeiro, e sobretudo em consequência das derrotas desastrosas em sua guerra contra o Japão, não ousou tocar nele. Limitou-se inicialmente ao aprisionamento de Nossar.

De qualquer forma, a greve de janeiro se extinguiu sozinha; na ausência de um movimento de mais vasta envergadura, a atividade daquele primeiro Soviet se viu logo reduzida a tarefas insignificantes.

Bem ao final de 1905, o Soviet de São Petersburgo foi suprimido igualmente. Nesse momento, o governo czarista retomou o terreno, "liquidou" os últimos vestígios do movimento revolucionário de 1905, prendeu Trotsky e centenas de revolucionários, e fracionou todas as organizações políticas de esquerda.

O Soviet de São Petersburgo (que passou a se chamar Petrogrado) reapareceu durante a Revolução decisiva de fevereiro-março de 1917, quando se criaram Soviets em todas as cidades e localidades importantes do país.

CAPÍTULO III

A GUERRA DESASTROSA

A VITÓRIA DE UMA GREVE REVOLUCIONÁRIA

Efeitos fulminantes das graves derrotas na guerra russo-japonesa. Efervescência em todos os meios da sociedade. As “liberdades” tomadas de assalto. Agitação no Exército e na Marinha.

A agitação provocada pelos acontecimentos de janeiro de 1905 não iria se acalmar tão rapidamente. Dessa vez o país inteiro foi sacudido.

Por outro lado, desde a primavera de 1905, a situação geral do tzarismo tornava-se mais e mais difícil. A razão principal estava no fracasso vergonhoso da Rússia tzarista na guerra contra o Japão.

Essa guerra — começada em fevereiro de 1904 com muito orgulho e, em grande parte, com o fim de reaquecer os sentimentos nacionalistas, patrióticos e monarquistas — estava irremediavelmente perdida. O exército e a frota russos foram derrotados em toda a linha.

A opinião pública imputava abertamente a derrota à incapacidade das autoridades e à podridão do regime. Não somente as massas operárias mas todos os meios da sociedade foram ganhos rapidamente por uma cólera e um espírito de revolta que se agravavam dia após dia. O efeito das derrotas — que se sucediam sem descanso — foi

fulminante. Logo as paixões se desencadearam; a indignação ultrapassou os limites; a efervescência generalizou-se.

O governo, consciente de sua derrota, calava-se.

Aproveitando-se da situação, os meios liberais e revolucionários desencadearam uma violenta campanha contra o regime; a imprensa e a palavra tornaram-se livres por conta própria. Foi uma verdadeira tomada de assalto das **liberdades políticas**. Jornais de todas as tendências, mesmo revolucionárias, apareciam e eram vendidos sem censura e sem controle. O governo e todo o sistema eram energicamente criticados.

Até os tímidos liberais passaram à ação; fundaram numerosas uniões profissionais. A "**União das Uniões**", espécie de comitê central que dirigia a atividade de todas as uniões; a "**União da Libertação**", organismo político clandestino. Por outro lado procederam rapidamente à organização formal de um partido político, o "**Partido Constitucional Democrata**". O governo viu-se obrigado a tolerar tudo isso, como já havia tolerado a greve de janeliro, as deliberações do Soviet, etc.

Os atentados políticos se sucediam com freqüência progressiva. Violentas demonstrações e mesmo graves rebeliões surgiam em diferentes cidades. Em certos lugares apareciam barricadas. Em muitas províncias os camponeses se revoltavam, desencadeando verdadeiras represálias, queimando castelos, apoderando-se de terras, expulsando e até mesmo assassinando os proprietários. Foi criada a **União dos Camponeses** cujo programa era socialista.

Os inimigos do regime se tornavam bastante numerosos e bem audaciosos. E sobretudo, eles estavam com a razão.

A derrota militar do governo e sua deplorável situação "moral" não explicava tudo. Faltava o meio mais importante para combater a revolução: dinheiro. Os contatos no estrangeiro — na França principalmente — com vistas

a obter um empréstimo, se prolongavam por falta de confiança.

O verão e o outono de 1905 trouxeram graves perturbações no exército e na marinha. A revolta e a epopéia do couraçado **Príncipe Potenkin**, uma das mais potentes unidades da frota do Mar Negro, foi o episódio que mais se salientou. O último baluarte dos regimes decadentes, a força armada, abalada; o país inteiro se erguia mais e mais resolutamente contra o tzarismo.

Em agosto de 1905, cedendo a certas solicitações, o imperador se decidiu enfim a reconhecer, **post factum** — e, naturalmente, por hipocrisia — certas "liberdades". Prometeu assim convocar uma espécie de Assembléia Nacional representativa ("Duma"), com direitos muito limitados e segundo um sistema eleitoral extremamente restritivo. O ministro do Interior Bulyguin foi encarregado de prepará-la e de realizá-la. Mas esse passo, muito tímido, tardio e manifestamente hipócrita, não satisfaz a ninguém. A agitação e as revoltas continuaram e a "Duma Bulyguin" não veio jamais à luz. Bulyguin terminou sendo "demitido" (pelo fim de agosto) e substituído por Witte, que convenceria Nicolau II a aceitar concessões mais sérias.

A greve geral de outubro. O governo vacila. O manifesto de 17 de outubro e seus efeitos

Enquanto isso, a inatividade e a impotência reconhecidas do governo encorajaram as forças da oposição e da Revolução. Desde o começo de outubro, falou-se de uma greve geral em nível nacional como o prelúdio de uma revolução decisiva.

Esta greve que se estendeu por todo o país — greve formidável, única na história moderna — teve lugar em meados de outubro. Ela foi menos espontânea que a de Janeiro. Planejada e preparada com muita antecedência, foi organizada pelo Soviét, pela "União das Uniões" e,

principalmente, por numerosos comitês de greve. Fábricas, estaleiros, oficinas, lojas, bancos, administrações, estradas de ferro e todas as vias de comunicação, correios e telégrafos — tudo, absolutamente tudo parou. A vida do país foi suspensa.

O governo perdeu o pé e cedeu. A 17 de outubro (1905) o czar lançou um manifesto — o famoso “Manifesto de 17 de outubro” — onde declarava solenemente ter decidido conceder a seus “queridos e fiéis súditos” todas as liberdades políticas e convocar, o mais rapidamente possível, uma espécie de Estados Gerais: “a Duma de Estado”. (O termo **Duma** foi tomado de empréstimo aos séculos longínquos onde dava-se o nome de **Duma-boiarskaia** a uma espécie de Conselho de Estado ou de Câmara dos Nobres (Boiardos), uma instituição destinada a auxiliar o czar em suas funções. Mais tarde, nos séculos XVI e XVII, denominavam-se **Zemskaja Duma** as assembléias onde se reuniam os representantes de diversas classes: assembléias comparáveis aos Estados Gerais da antiga monarquia francesa. Enfim, na época da qual falamos, “**Gorodskaja Duma**” significava: Conselho Municipal — “**Gorode**” significando “cidade”. A palavra **Duma** em si significava “pensamento”. Nos termos do Manifesto, essa nova **Duma** deveria assessorar o governo.

Era, enfim, a nebulosa promessa de um vago regime constitucional. Alguns círculos tomaram-na a sério. Criou-se logo um partido “outubrista” que declarava aceitar, aplicar e defender as reformas anunciadas pelo Manifesto.

Na realidade, esse ato do governo e do czar visavam dois objetivos que nada tinham em comum com uma “Constituição”:

1.º Produzir um efeito no estrangeiro; dar a impressão de que a Revolução terminara e que o governo retomava o controle da situação; influir vantajosamente sobre

a opinião pública, particularmente sobre os círculos financeiros franceses, a fim de reativar o projeto do empréstimo;

2.º Enganar as massas, acalmá-las, barrar o caminho da Revolução.

Os dois objetivos foram atingidos. A greve extinguiu-se, o impulso revolucionário se rompeu. A Imprensa no estrangeiro foi inteiramente favorável. Compreendeu-se que, apesar de tudo, o governo do tzar era ainda suficientemente forte para manter em xeque a Revolução. O empréstimo estava assegurado.

Evidentemente, os partidos revolucionários não se deixaram enganar nessa manobra. Viram claramente no "Manifesto" uma simples jogada política e passaram imediatamente a explicá-la às massas trabalhadoras. Inclusive, as massas não manifestaram também nenhuma confiança excessiva. A greve cessou, é certo, **como se** algum êxito tivesse sido alcançado, **como se** houvesse alguma confiança. Mas esse fato revelou simplesmente a falta de fôlego da Revolução e significava que ela não podia ainda ir mais longe. Nenhuma expressão de uma satisfação real se fez ouvir. A população não se apressava de modo algum em fazer uso de seus "novos direitos", sentindo intuitivamente a trapaça. Logo se obteve uma prova disso. Em algumas cidades, as manifestações públicas pacíficas, organizadas para celebrar "a vitória" e o "novo regime" prometido pelo tzar foram dispersadas pela polícia e seguidas de pogroms contra os judeus... a despeito do "Manifesto" colado nos muros.

CAPÍTULO IV

O FRACASSO DA REVOLUÇÃO

O BALANÇO DA COMOÇÃO

A Revolução é freiada. A "Duma". Os partidos políticos. O contato entre os círculos avançados e as massas se estabelece. O "Paradoxo Russo" começa a se apagar

Pelo final de 1905, a burguesia francesa se decidiu e as altas finanças concederam o empréstimo. Essa "transusão de sangue" salvou o moribundo: o regime czarista.

Por outro lado, o governo conseguiu por fim à guerra com um tratado de paz que não foi excessivamente humilhante.

A partir daí, a reação retomou o terreno. Acenando ao povo com os futuros benefícios, ela combateu e pôs um freio à Revolução, que na verdade se enfraquecia espontaneamente. A greve de outubro marcara seu esforço supremo, seu ponto culminante. Agora ela tinha ao menos de "respirar", de fazer uma "pausa". Pelo menos, ela podia contar com a possibilidade de um novo surto mais tarde, talvez sob o impulso de uma Duma de esquerda.

Enquanto isso, as liberdades, tomadas de assalto e prometidas **post factum** pelo czar em seu Manifesto, foram simplesmente suprimidas. O governo voltou a proibir a imprensa revolucionária, reestabeleceu a censura, realizou prisões em massa, liquidou todas as organizações operárias ou revolucionárias que lhe caíram nas mãos, supri-

miu o Soviet, encarcerou Nossar e Trotsky e enviou tropas com o fim de cassar e de distribuir punições exemplares nas regiões onde haviam ocorrido distúrbios importantes. Os efetivos militares e policiais foram reforçados por toda a parte.

Afinal, restava uma única coisa que o governo não ousou tocar: a **Duma**, cuja convocação se aproximava.

Entretanto, a Revolução teve ainda dois sobressaltos vigorosos em resposta ao fortalecimento da reação.

O primeiro foi uma nova revolta na frota do Mar Negro, sob a direção do tenente Schmidt. A sedição foi esmagada e Schmidt passado pelas armas.

O segundo episódio foi a insurreição armada dos operários de Moscou, em dezembro de 1905. Ela afrontou as forças governamentais durante vários dias.

Para liquidá-la, o governo foi forçado a chamar as tropas de São Petersburgo e a recorrer à artilharia.

Enquanto durava essa insurreição, tentou-se provocar uma nova greve geral do país. Se essa greve tivesse sido um êxito, a insurreição poderia ter vencido. Mas, dessa vez, mesmo que a organização preliminar tenha sido semelhante àquela de outubro, o entusiasmo necessário faltou. A greve não chegou a se generalizar. O serviço dos correios funcionou. As estradas de ferro também. O governo pôde transportar suas tropas e manteve o inteiro controle da situação. Incontestavelmente, a Revolução não tinha mais fôlego.

Assim, ao final de 1905, a tempestade se acalmara, sem que o obstáculo fosse derrubado. Mas ela realizou uma obra importante, indispensável: ela varreu e preparou o terreno. Deixou marcas inapagáveis, tanto na vida do país quanto na mentalidade da população.

Vejamos qual foi o "balanço" definitivo do choque.

Que podemos encontrar no "haver" dessa conta?

No domínio concreto, havia antes de tudo, a **Duma**.

Pelo momento, o governo viu-se obrigado a elaborar uma lei eleitoral para a Duma, bem ampla a fim de evitar

decepções muito amargas e muito rápidas. Ele ainda não se sentia inteiramente à vontade; precisava também "respirar" e fazer uma "pausa".

A população inteira punha as maiores esperanças na Duma. As eleições, realizadas na primavera de 1906, provocaram uma atividade febril no país. Enquanto que os partidos de esquerda desenvolviam agora sua propaganda eleitoral abertamente, legalmente (o governo só podia criar-lhe obstáculos por meio de regulamentos complementares à lei e de artimanhas traiçoeiras), as prisões estavam lotadas de membros desses mesmos partidos, presos na época da repressão ao movimento; a imprensa e a palavra continuavam amordaçadas; as organizações operárias continuavam proibidas.

Esse paradoxo era apenas aparente, e se explica facilmente. E essa explicação nos permitirá compreender de qual maneira o governo imaginava o funcionamento da Duma.

Apesar de uma certa liberdade que fora obrigado a conceder a seus súditos em função das eleições, o governo, como é natural, estava muito pouco inclinado a interpretar a Duma como uma instituição chamada a se levantar contra o absolutismo. Em sua opinião, a Duma devia ser apenas um órgão auxiliar puramente consultativo e subordinado, útil para assistir as autoridades em algumas de suas funções. Se bem que obrigado a tolerar alguma agitação eleitoral dos partidos de esquerda, o governo estava bem decidido desde o princípio a não permiti-la além de uma certa medida e de reagir contra toda tentativa dos partidos, dos eleitores ou da própria Duma, de tomar uma atitude de contestação. Era então perfeitamente lógico que o governo mantivesse os revolucionários em prisão visto que a seus olhos a Duma não tinha nada em comum com a Revolução.

Um outro fato concreto, inteiramente novo na vida russa foi precisamente a formação e a atividade legais —

mesmo que apenas em certa medida — de diversos partidos políticos.

Até os acontecimentos de 1905, não havia senão dois partidos políticos no país, ambos clandestinos e antes revolucionários que verdadeiramente "políticos". Eram o partido social-democrático e o partido socialista-revolucionário.

O manifesto de 17 de outubro, as poucas liberdades admitidas em consequência dele e em vista das eleições, e sobretudo, a campanha eleitoral em si mesma, fizeram nascer logo uma ninhada de partidos políticos legais e semi-legais.

Os monarquistas inveterados criaram a "União do Povo Russo", partido ultra-reacionário e "progromista" cujo "programa" propunha a supressão de todas as "concessões prometidas sob a ameaça de motins criminosos", inclusive a Duma, e a erradicação total das últimas marcas dos eventos de 1905.

Os elementos menos ferozmente reacionários, ou seja, a maioria dos altos funcionários, grandes industriais, banqueiros, comerciantes, proprietários rurais, etc., se agruparam em torno do "Partido Outubrista" (dito "União do 17 de outubro"), do qual já falamos.

O peso político desses dois partidos de direita era insignificante. Eram antes motivo de risos em todo o país.

A maioria das classes abastadas e médias, assim como os intelectuais famosos se organizaram definitivamente em um grande partido político de centro, cuja direita se aproximava dos "outubristas" e cuja esquerda chegava a demonstrar tendências republicanas. A maioria do partido elaborou o programa de um sistema constitucional pondo fim ao absolutismo: o monarca seria mantido, mas seu poder seria profundamente limitado. O partido tomou o nome de "Partido Constitucional-Democrático" ("Ca-Det"). Tinha ainda outro nome: "Partido da Liberdade do Povo". Seus líderes se recrutavam principalmente entre os figurões municipais, os advogados, médi-

cos, profissionais liberais, professores da Universidade. Muito influente e bem colocado, dispondo de fundos consideráveis, esse partido desenvolveu desde sua criação uma atividade extensa e enérgica.

A extrema-esquerda se encontravam: o "Partido Social-Democrático (cuja atividade eleitoral era, como o dissemos, mais ou menos legal e aberta, apesar de seu programa nitidamente republicano e sua tática revolucionária) e, enfim, o "Partido Socialista-Revolucionário" (seu programa e sua tática diferenciavam-se pouco — a questão agrária à parte — daqueles do Partido Social-Democrático) que para poder agir sem obstáculo conduzia sua campanha eleitoral e apresentava seus candidatos à Duma sob o nome de "Partido Trabalhista" (que tornou-se mais tarde um partido distinto). É natural que esses dois últimos partidos representassem sobretudo as massas operárias e camponesas e a maioria da camada dos trabalhadores intelectuais.

É indispensável fornecer aqui certas precisões sobre os programas e a ideologia desses partidos.

Fora da questão política, o ponto mais importante dos programas de todos os partidos era incontestavelmente o **problema agrário**. Sua solução eficaz se impunha com toda urgência. Com efeito, o crescimento da população camponesa era tão rápido que os lotes de terra concedidos aos camponeses emancipados em 1861, insuficientes mesmo naquela época, reduziram-se extremamente em conseqüência das divisões contínuas durante um quarto de século. "Não se sabe nem mesmo onde deixar correr um pinto", diziam os camponeses. A imensa população dos campos aguardava cada vez mais impacientemente uma solução justa e efetiva desse problema. Todos os partidos tinham consciência de sua importância.

No momento, três soluções eram apresentadas, a saber:

1.º O partido constitucional-democrático propunha o aumento dos lotes por meio de uma desapropriação de parte das grandes propriedades privadas e do Estado: desapropriação a ser gradualmente paga pelos camponeses, com a ajuda do Estado, segundo uma estimativa oficial e "justa".

2.º O partido social-democrático preconizava uma desapropriação pura e simples, sem pagamento, das terras indispensáveis aos camponeses. Essas terras constituiriam um fundo nacional a ser distribuído na medida das necessidades ("nacionalização" ou "municipalização" das terras).

3.º Enfim, o partido socialista-revolucionário apresentava a solução mais radical: confiscação imediata e total das terras de propriedade privada; supressão imediata de toda propriedade fundiária (privada ou estatal); colocação de todas as terras à disposição das coletividades camponesas, sob o controle do Estado ("socialização" das terras).

Antes de abordar qualquer outra questão, a Duma teria de se preocupar com esse problema urgente e complexo.

Ainda algumas palavras sobre a **ideologia geral** dos dois partidos de extrema-esquerda (social-democrático e socialista-revolucionário) por essa época.

Já em 1900, uma importante divergência de pontos de vista se manifestou no seio do Partido social-democrático russo. Uma parte de seus membros, agarrando-se ao "programa mínimo", estimava que a Revolução russa, iminente, seria uma revolução burguesa, bastante moderada em seus resultados. Estes socialistas não acreditavam na possibilidade de passar de um salto da monarquia "feudal" ao regime socialista. Uma república democrática **burguesa**, abrindo as portas a uma rápida evolução capitalista que lançaria as bases do socialismo futuro, tal era sua idéia fundamental. Em sua opinião, uma "revolução social" na Rússia era coisa impossível pelo momento.

Numerosos membros do partido tinham, entretanto, outra opinião. Para eles, a Revolução a vir tinha já todas as chances de tornar-se uma "Revolução Social", com suas implicações lógicas. Estes socialistas renunciavam ao "programa mínimo" e se preparavam para a conquista do poder pelo partido e para a luta **imediate e decisiva contra o capitalismo**.

Os líderes da primeira corrente eram Plekhanov, Martoff e outros. O grande inspirador da segunda foi Lenin.

A cisão definitiva entre os dois campos se deu em 1903, no Congresso de Londres. Os social-democratas de tendência leninista aí se encontraram em maioria. "Maioria" significando em russo **bolchinstvo**, os partidários dessa tendência foram chamados **bolcheviki** (em português, diríamos **majoritários**). "Minoria" significando **menchinstvo**, os outros foram denominados **mencheviki** (em português: **minoritários**). E quanto às próprias tendências, uma se designou **bolchevismo** (tendência da maioria), a outra **menchevismo** (tendência da minoria).

Após sua vitória em 1917, os "bolcheviki" constituíram-se no "Partido Comunista", enquanto os "mencheviki" conservaram para si o título de "Partido Social-Democrático". O Partido Comunista no poder considerou o "menchevismo" contra-revolucionário e o esmagou.

No que concerne o Partido socialista-revolucionário, ele também se dividiu em dois partidos distintos: um dos socialistas-revolucionários "de direita" que, semelhantemente aos "mencheviki", afirmava a necessidade de passar, antes de tudo, por uma república democrática burguesa, e outro dos socialistas-revolucionários "de esquerda", que pretendia, paralelamente ao bolchevismo, que a Revolução devia ser empurrada o mais avante possível, eventualmente até à supressão imediata do regime capitalista e à instauração do socialismo (espécie de República social).

(Em 1917, os bolcheviques no poder esmagaram os socialistas-revolucionários de direita como contra-revolucionários. Quanto aos socialistas-revolucionários de esquerda, o governo bolchevista colaborou inicialmente com eles. Mais tarde, aparecendo graves divergências entre os dois partidos, os bolcheviques romperam com seus aliados. Finalmente, colocaram-nos fora da lei e os aniquilaram).

Durante a Revolução de 1905, a influência prática dessas duas correntes dissidentes (o bolchevismo e o socialismo-revolucionário de esquerda) foi insignificante.

Para completar a exposição das diversas correntes de idéias que se manifestaram na época dessa Revolução, assinalemos que o Partido socialista-revolucionário deu nascimento ainda a uma terceira tendência que, afastando-se do Partido, adotou a idéia de dever suprimir, na Revolução em curso, não somente o Estado burguês, mas **todo Estado em geral** (em tanto que instituição política). Essa corrente de idéias era conhecida na Rússia pelo nome de **maximalismo** porque seus partidários, tendo rejeitado o programa mínimo, romperam mesmo com os socialistas-revolucionários de esquerda e proclamaram a necessidade de lutar imediatamente pela realização total do **programa máximo**, isto é, pelo socialismo integral, edificado sobre uma base apolítica.

Os "maximalistas" não formavam então um partido político. Criaram a "União dos Socialistas-Revolucionários Maximalistas". Essa "União" editou algumas brochuras expondo seu ponto de vista. Publicou também alguns periódicos, de curta duração. Seus membros foram, pouco numerosos, e sua influência foi quase nula. Ela desenvolveu sobretudo uma forte atividade terrorista. Mas ela participou de todas as lutas revolucionárias e vários de seus membros morreram como verdadeiros heróis.

Pelo conjunto de suas idéias, os maximalistas se aproximavam muito do anarquismo. Na verdade, o maximalismo não seguia cegamente os "marxistas": negava a

utilidade dos partidos políticos; criticava vigorosamente o Estado, a autoridade política. Todavia, ele não ousou renunciar imediatamente e totalmente ao Estado. Estimava impossível a passagem rápida a uma sociedade integralmente "anarquista". (Ele fazia assim uma distinção entre o "socialismo integral" e o anarquismo). Propunha então uma "República dos Trabalhadores" onde os elementos de Estado e de autoridade seriam "reduzidos ao mínimo", o que permitiria, segundo o maximalismo, sua rápida extinção. A conservação "provisória" do Estado e da autoridade separava o maximalismo do anarquismo.

(Como todas as correntes de idéias em desacordo com o bolchevismo, o maximalismo foi sufocado por esse último ao longo da revolução de 1917.)

Quanto às concepções **anarquistas e sindicalistas** (nós nos ocuparemos delas de perto em uma outra parte de nosso estudo), eram quase desconhecidas na Rússia nessa época.

Fora da Rússia, muitos acreditam que a Rússia era desde longo tempo um país de idéias e de movimentos anarquistas, visto que Bakunin e Kropotkin — os "pais" do anarquismo — eram russos. É um erro profundo. Tanto Bakunin (1814-1876) quanto Kropotkin (1842-1921) tornaram-se anarquistas **no estrangeiro**. Nem um, nem outro, jamais militaram como anarquistas na Rússia. E quanto a suas obras, elas apareciam também no estrangeiro, geralmente até mesmo em língua estrangeira. Apenas alguns trechos de seus escritos, traduzidos, adaptados ou editados especialmente para a Rússia, eram aí introduzidos clandestinamente, dificilmente, em quantidades muito limitadas. Além do mais, a difusão dessas poucas publicações no interior do país era quase impossível. Enfim, toda a educação social, socialista e revolucionária dos russos não tinha **absolutamente nada de anarquista**, e, salvo as exceções, ninguém se interessava pelas idéias anarquistas no país.

Quanto ao sindicalismo, nenhum movimento operário tendo existido na Rússia antes da Revolução de 1917, a concepção sindicalista era aí totalmente desconhecida — se deixarmos alguns intelectuais eruditos à parte. Pode-se admitir que essa forma russa de uma organização operária, o “Soviet”, foi rapidamente encontrada em 1905 e retomada em 1917, justamente **em razão da ausência da idéia e do movimento sindicalistas**. Sem dúvida alguma, se o mecanismo sindical tivesse existência, seria ele que teria tomado a direção do movimento operário.

Nós já dissemos que alguns grupos anarquistas existiam em São Petersburgo, em Moscou, no Oeste e no Sul. Era tudo. Entretanto, os anarquistas de Moscou participaram ativamente dos acontecimentos de 1905 e se destacaram na insurreição armada de dezembro.

(Após 1917, os bolcheviques esmagaram o movimento anarquista como todos os que não concordavam com eles. Mas isso não foi tão fácil. A luta entre o bolchevismo e o anarquismo ao longo da Revolução de 1917 — luta tenaz, encarniçada e no entanto quase totalmente desconhecida no exterior, luta que durou mais de três anos e da qual o movimento “makhnovista” foi o episódio mais saliente — essa luta será evocada na última parte dessa obra).

Passemos às conseqüências morais, aos **efeitos psicológicos** da epopéia de 1905. Sua importância para o futuro ultrapassava aquela das poucas realizações concretas imediatas.

Em primeiro lugar — nós já o assinalamos — a “lenda do czar” se dissolveu. Os olhos das **amplas massas** se abriram sobre a verdadeira natureza do regime e sobre a necessidade vital para o país de se desembaraçar dele. O absolutismo e o czarismo foram moralmente destronados.

Isso não é tudo. Ao mesmo tempo, as massas populares dirigiram-se afinal em direção dos elementos que, desde muito tempo, combatiam o regime: os círculos intelectuais de vanguarda, os partidos políticos de esquerda,

os revolucionários em geral. Assim, um contato sólido e bem amplo se estabeleceu entre os meios avançados e a massa do povo. A partir de então esse contato ia poder se estender, se aprofundar, se consolidar. O "paradoxo russo" já não existia.

Dois pontos capitais estavam então assegurados. De um lado, existia um elemento **material** ao qual uma eventual revolução poderia se apegar: era a **Duma**. De outro lado, o obstáculo **moral** que impedia o avanço de toda revolta de grande envergadura se desmoronara: **as massas haviam compreendido o mal** e iam enfim dirigir-se a seus postos avançados na luta pela libertação.

O terreno para a próxima revolução decisiva estava pronto. Esse foi o importante "Ativo" da grande comoção de 1905.

Mas o seu "Passivo" era igualmente pesado de conseqüências.

Materialmente — e infelizmente — **o movimento de 1905 não foi capaz de criar um organismo operário de classe:** nem sindicalista nem mesmo puramente sindical ou profissional. O direito de organização não foi conquistado pelas massas trabalhadoras, que continuaram sem ligação nem organização.

Moralmente, esse estado de coisas as predispunham a tornar-se, na próxima revolução, **o inconsciente objeto de disputa dos partidos políticos,** de suas rivalidades nefastas, de sua abominável luta pelo poder onde os trabalhadores não tinham nada a ganhar, ou antes, tinham tudo a perder.

Assim, a ausência, nos princípios da Revolução, de um movimento e de um organismo operários propriamente ditos escancarava as portas para a predominância — que digo? — para a dominação futura de tal ou tal **partido político,** em detrimento da verdadeira ação e da verdadeira causa dos **trabalhadores.**

O leitor verá mais adiante que em efeito, o peso enorme desse "Passivo" será fatal para a Revolução de 1917, que ele terminará por esmagar.

Algumas palavras sobre o destino pessoal de Nossar-Khroustaleff, primeiro presidente do primeiro Soviet operário de São Petersburgo.

Preso no momento do esmagamento do movimento ao final de 1905, Nossar foi julgado e condenado ao exílio na Sibéria. Ele conseguiu fugir e se refugiou no estrangeiro. Mas, assim como Gapone, não soube se adaptar à nova forma de existência e ainda menos, se submeter a um trabalho regular. Certo, ele não levou uma vida devassa, não cometeu nenhum ato de traição. Mas ele arrastou no estrangeiro uma existência irregular, miserável, infeliz.

Isso até a Revolução de 1917. Desde que essa eclodiu, ele se precipitou — como tantos outros — em voltar a seu país e aí participou das lutas revolucionárias. Entretanto, não teve nelas nenhuma função de destaque.

A seguir, foi perdido de vista. Segundo certas informações de uma fonte digna de fé, ele terminou passando à oposição contra os bolcheviques, e foi fuzilado por eles.

CAPÍTULO V

A "PAUSA"

(1905-1917)

Os doze anos — exatamente — que separam a verdadeira Revolução de seu esboço, ou a "explosão" da "comoção" não apresentam nada de excepcional do ponto de vista revolucionário. Ao contrário, foi a reação que logo triunfou em toda a linha. Notemos, entretanto, algumas greves importantes e uma tentativa de revolta na frota do Báltico, em Cronstadt, que foi selvagememente reprimida.

A sorte da Duma foi a manifestação mais impressionante desse período.

A Duma começou seus trabalhos em maio de 1906, em São Petersburgo. Um entusiasmo popular excepcional acolheu seu nascimento. Apesar de todas as traças do governo, ela revelou-se nitidamente de oposição. O partido constitucional-democrático dominava-a pelo número e pela qualidade de seus representantes. O professor da Universidade de Moscou, S. Muromtzeff, um dos membros mais eminentes desse partido, foi eleito presidente da Assembléia. Os deputados de esquerda — social-democratas e socialistas-revolucionários ("trabalhistas") formavam igualmente um bloco poderoso. A população inteira acompanhava os trabalhos da Duma com um interesse apaixonado. Todas as esperanças para lá convergiam. Eram esperadas pelo menos reformas amplas, juntas, eficazes.

Mas, desde o primeiro contato, uma hostilidade — surda a princípio, e a seguir cada vez mais aberta — se estabeleceu entre o “Parlamento” e o governo, que se colocava muito acima da Duma, com um desprezo nem ao menos camuflado. Ele a tolerava com dificuldade, admitindo-a raramente, mesmo a título de instituição meramente consultativa. A Duma, por sua parte, tentava ao contrário impor-se como uma instituição legislativa, constitucional. As relações entre um e outro interlocutor tornavam-se mais e mais tensas.

Naturalmente, o povo tomava partido pela Duma. A situação do governo tornava-se desvantajosa, ridícula, até mesmo perigosa. E no entanto, não havia nenhuma revolução imediata a temer. O governo o sabia. E além do mais, ele contava com sua polícia e suas tropas. Decidiu-se então logo por uma medida enérgica. O novo ministro Stolypin se encarregou disso com mãos de ferro, tomando por pretexto um projeto de “Apelo ao Povo” elaborado pela Duma que se referia principalmente ao problema agrário.

Certa manhã, os “deputados” encontraram as portas da Duma fechadas e guardadas por soldados. Polícia e tropas ocupavam as ruas. A Duma — denominada “Primeira Duma” — estava dissolvida. Um decreto oficial anunciou e “explicou” esse gesto à população. Era o outono de 1906.

Excetuando-se uma longa série de atentados e algumas revoltas esparsas das quais as mais importantes foram as de Sveaborg e de Cronstadt (que já havia se rebelado pouco antes, em outubro de 1905), o país permaneceu tranqüilo.

Quanto aos deputados, eles não ousaram resistir com eficácia. O fato se explica facilmente. Resistir, seria retomar a ação revolucionária. Ora, sentia-se em toda parte que a Revolução estava, no momento, impotente. (Inclusive, se a situação fosse outra, o governo não teria ousado dissolver a Duma, sobretudo dessa maneira insolente. Ele

se sentia realmente forte e, pelo momento, não estava enganado.) A burguesia era excessivamente frágil para sonhar em uma revolução favorável a seus interesses. E quanto às massas trabalhadoras e a seus partidos, também não se sentiam preparados para lançar-se a uma revolução.

Assim, todos os deputados se submeteram à dissolução. Mesmo porque o decreto não suprimia a Duma, mas anunciava que seriam realizadas novas eleições a curto prazo, sobre bases um tanto modificadas. Os "representantes do povo" se limitaram a lançar uma nota de protesto contra este ato arbitrário. Para elaborar essa nota com toda liberdade, os ex-deputados — tratava-se principalmente dos membros do partido constitucional democrático — dirigiram-se a uma cidade da Finlândia (onde estavam mais seguros graças a uma certa legislação independente dessa parte do império russo): a cidade de Vyborg, donde o nome do documento, "Apelo de Vyborg". Após qual, voltaram tranqüilamente às suas casas.

Apesar do caráter anódino dessa revolta, eles foram julgados algum tempo mais tarde por um tribunal especial e condenados a penas leves. (Perderam, em todo o caso, o direito de se reeleger para a Duma).

Um único deputado, um jovem camponês do departamento de Stavropol, o "trabalhista" Onipko, não se resignou. Foi o animador do levante de Cronstadt. Preso entre os revoltosos, quase foi fuzilado. Foi salvo graças a certas intervenções e a alguns temores. Finalmente, foi julgado e condenado ao exílio na Sibéria. Daí conseguiu fugir e se refugiou no estrangeiro. Voltou à Rússia em 1917. Sua sorte posterior nos é desconhecida. Seguindo certas indicações muito sérias, ele teria continuado a luta como membro do partido socialista-revolucionário de direita, erguendo-se contra os bolcheviques e morrendo fuzilado por eles.

Logo após a dissolução da "primeira Duma", o governo alterou a lei eleitoral, recorreu a outras medidas sem

escrúpulos e a manobras preventivas, e convocou a "segunda Duma". Muito mais moderada em suas atitudes e sobretudo mais medíocre que a primeira, ela pareceu ainda "excessivamente revolucionária" ao governo. É verdade que, apesar de todas as maquinações, a Duma contava ainda com vários deputados de esquerda. Foi também dissolvida a seu turno. Dessa vez, a lei eleitoral foi sensivelmente modificada. De resto, a população perdeu logo todo interesse pela atividade — ou antes, pela inatividade — da Duma, a não ser em certos momentos raros onde uma questão apaixonante ou algum discurso excepcional despertavam a atenção por algum tempo.

Dissolvida a segunda Duma, veio uma terceira, e uma quarta Duma. Essa última, instrumento dócil entre as mãos do governo reacionário, pode arrastar sua morna e estéril existência até a Revolução de 1917.

No que se refere a reformas, leis úteis, etc., a Duma não chegou a nada. Mas sua presença não deixou de representar algum resultado. Os discursos de críticas de certos deputados da oposição, a atitude do tzarismo diante dos problemas cruciantes do momento, a impotência mesma do "Parlamento" em resolvê-los enquanto o absolutismo se obstinasse em manter-se de pé, todos esses fatos esclareciam mais e mais as vastas massas da população sobre a verdadeira natureza do regime, sobre o papel da burguesia, sobre as tarefas a realizar, sobre os programas das formações políticas, etc. Para a população russa, todo esse período foi, em suma, uma longa e fecunda "lição experimental", a única possível na ausência de outros meios de educação política e social.

Dois processos paralelos caracterizam sobretudo o período em questão: por um lado, a degenerescência acelerada, definitiva — o "apodrecimento" é a verdadeira palavra — do sistema absolutista; por outro lado, a evolução rápida da consciência das massas.

Os indícios incontestáveis da decomposição do tzarismo eram conhecidos no exterior. A atitude e o modo

de vida da Corte Imperial pertenciam a esse gênero "clássico" que precede em geral a queda das monarquias. A incapacidade e a indiferença de Nicolau II, o cretinismo e a venalidade de seus ministros e funcionários, o misticismo vulgar que se apoderou do "monarca" e de sua família (a famosa epopéia do padre Rasputin, etc.), este conjunto de fenômenos não era nenhum segredo no estrangeiro.

Muito menos conhecidas eram as modificações profundas que se efetuavam na psicologia das massas populares. E no entanto, o estado de espírito de um homem do povo do ano de 1912, por exemplo, nada mais tinha de comum com a sua mentalidade primitiva de antes de 1905. Camadas populares cada dia mais amplas tornavam-se nitidamente antitzaristas. Somente a reação feroz, proibindo toda organização operária e toda propaganda política ou social, impedia as massas de fixar definitivamente suas idéias.

Assim, a ausência de fatos revolucionários de destaque não significava de modo algum a interrupção do processo revolucionário. Esse continuava às escondidas, sobretudo no terreno das mentalidades, de uma forma intensa.

Enquanto isso, todos os problemas vitais continuavam sem solução. O país se encontrava num impasse. **Uma revolução violenta e decisiva tornava-se inevitável.** Falta-
vam apenas o impulso necessário e as armas indispensáveis.

TERCEIRA PARTE

A EXPLOSAÇÃO (1917)

CAPÍTULO I

GUERRA E REVOLUÇÃO

O último choque entre o Tzarismo e a Revolução

Da mesma forma que os governos de outros países, o tzarismo conseguiu despertar entre as massas, no princípio da guerra, toda uma gama de maus instintos, de paixões animalescas atávicas, de sentimentos nefastos como o nacionalismo, o chauvinismo, etc.

Como em todos os outros países, na Rússia igualmente milhões de homens foram enganados, desorientados, fascinados e obrigados a correr em direção das fronteiras, como um rebanho de animais em direção ao abatedouro.

Os graves, os verdadeiros problemas do momento foram abandonados, esquecidos.

Os primeiros "sucessos" obtidos pelas tropas russas aqueceram mais ainda "o grande entusiasmo do povo".

Entretanto, uma nota particular se introduzia nesse concerto artificial e dirigido; uma "idéia" bem encravada nos espíritos se escondia atrás desse "entusiasmo". Está bem — era o pensamento generalizado por toda a parte, entre o povo e no exército — vamos combater e vamos vencer. Mas que o governo não se iluda! Terminada a guerra, nós lhe apresentaremos a conta. Em recompensa

por nossa fidelidade e nossos sacrifícios, vamos exigir a mudança definitiva do regime. Vamos reivindicar nossos direitos, nossas liberdades... Isso não pode continuar assim depois da guerra...

E os soldados cochichavam entre si: "Terminada a guerra, vamos conservar as armas, custe o que custar".

Entretanto, bem rapidamente a aparência das coisas mudou na Rússia. Começou a série de derrotas e com ela voltaram as inquietudes, as decepções amargas, o descontentamento agudo, a cólera do povo.

A guerra custava terrivelmente caro, em dinheiro e sobretudo em homens. Milhões de vidas humanas foram sacrificadas sem nenhuma utilidade, sem a menor compensação. O regime atestava novamente, e abertamente, a sua incapacidade, sua podridão, sua falência. Além disso, certas derrotas, que custaram montanhas de vítimas, eram inexplicáveis, misteriosas, suspeitas. Através do país inteiro falou-se logo não apenas de negligências criminosas, de incapacidade flagrante, mas sobretudo de venalidade das autoridades, de espionagem no interior do comando superior, da origem alemã da dinastia e de vários chefes, enfim, de alta traição no seio da própria corte. Membros da família imperial eram acusados quase abertamente de alimentar simpatias pela causa alemã, de manter contatos diretos com o inimigo. A Imperatriz era designada quase em público, com ódio e desprezo, como "a boche". Boatos alarmantes, sinistros, corriam entre o povo.

A princípio a Corte pouco se incomodou com isso. Pouco depois algumas medidas foram tomadas — tardia e desajeitadamente. Como eram, além disso, puramente formais, essas medidas foram ineficazes, não satisfizeram a ninguém e não consertaram em nada a situação.

Para levantar o moral das tropas e do povo, Nicolau II assumiu em pessoa o comando supremo, ao menos nominalmente, e dirigiu-se à frente de batalha. Mas esse gesto não modificou em nada a situação geral que se agravava dia após dia, e contra a qual o tzar absolutamente incapaz

e ocioso continuava incapaz. Tudo se desagregava, no exército e no interior do país.

Em desespero de causa, vários complôs foram fomentados nos círculos liberais e mesmo entre os grupos mais próximos ao tzar. Pensou-se em fazê-lo abdicar em favor de um "monarca" mais atualizado e mais popular: o grande-duque Nicolau, tio do tzar, por exemplo, "para salvar a guerra e também a dinastia" da qual todo o mundo presentia a queda iminente.

Começaram por suprimir o nefasto Rasputin. Mas, quanto às próximas atitudes a tomar, os conspiradores hesitaram, demoraram-se, não chegando a se por em acordo.

As coisas estavam nesse pé quando, brutalmente, estourou a explosão de fevereiro.

Não foram propriamente os eventos de ordem militar, nem os boatos sobre as traições e a atitude da Corte, nem mesmo a incapacidade e a impopularidade pessoais do tzar que desencadearam essa brusca explosão.

Aquilo que desesperou as massas do povo, a derradeira gota d'água, foi sobretudo a **desorganização completa da vida econômica — da vida mesma — no interior do país**. "A desorganização é tamanha, reconheceu o ministro Krivocheïn referindo-se à administração e a todos os serviços do Estado, que parece que estamos num hospício de loucos". Nesse aspecto a impotência do governo tzarista e os efeitos desastrosos de sua conduta impuseram às massas uma ação urgente e decisiva.

Todos os países em guerra passaram por grandes dificuldades nessa mesma época, dificuldades de ordem econômica e financeira, resultantes da necessidade de alimentar e abastecer integralmente a milhões de homens sobre a imensidão desmesurada das frentes de batalha e de assegurar simultaneamente a vida normal no interior. Em todos os países essa dupla tarefa exigiu uma grande tensão de forças. Mas em todos os países — mesmo na Alemanha onde a situação era particularmente difícil — ela foi solucionada com maior ou menor sucesso. Em to-

dos os países, exceto na Rússia, onde nada havia sido previsto, nem prevenido, nem organizado.⁽⁵⁾

Acrescentemos que os efeitos terríveis dessa desagregação total do Poder e do Estado teriam se manifestado mais cedo se os esforços envidados por certas forças vivas do país como a "União das Cidades", o "Comitê da Indústria de Guerra" e outras, criadas espontaneamente, não houvessem conseguido providenciar em certa medida os recursos mais vitais para o exército e o país.

A atividade enérgica e positiva desses organismos assim como a dos "zemstvos", das municipalidades, etc., — atividade que, repetimos, se desenvolvia e se impunha espontaneamente, contrariando as leis e as resistências burocráticas — trouxe também um resultado moral muito importante. Todos os dias, no exército e no interior do país, chegava-se à compreensão prática, não somente da falência total do tzarismo, mas ainda da existência de elementos perfeitamente capazes de o substituir, e também da forma vil na qual o regime agonizante, temendo esses elementos, dificultava sua ação encaminhando assim o país Intelro rumo a uma catástrofe.

Quotidianamente o povo e o exército viam com seus próprios olhos que eram esses Comitês e essas Uniões livres que, por sua iniciativa e com um zelo sublime asseguravam a produção, organizavam os transportes, controlavam os estoques, garantiam as chegadas e as distribuições de víveres e de munições, etc. E quotidianamente o povo e as tropas viam o governo **se opor** a essa atividade indispensável e **impedi-la** sem nenhuma preocupação pelos interesses do país.

Essa derradeira "preparação moral" do exército e do povo para a queda do tzarismo e para sua substituição por outros elementos teve uma dimensão enorme. Ela encerrou o processo pré-revolucionário e deu a última mão à obra preparatória.

Em janeiro de 1917 a situação tornou-se insustentável. O caos econômico, a miséria da população trabalha-

dora, a desorganização social atingiram um ponto tal que os habitantes de algumas grandes cidades — em particular Petrogrado — começaram a não ter mais não somente combustíveis, roupas, carne, manteiga, açúcar, etc., mas nem mesmo pão.

Durante o mês de fevereiro essa situação se agravou mais ainda. Apesar dos esforços desenvolvidos pela Duma, pelos "zemstvos", as municipalidades, os Comitês e as Uniões, não apenas a população das cidades estava condenada à fome, mas o próprio abastecimento das tropas tornou-se inteiramente falho. E ao mesmo tempo a derrota militar se tornava completa.

Ao final de fevereiro, era absoluta e definitivamente impossível para o país — impossível material e moralmente — de continuar a guerra. E era absoluta e definitivamente para a população trabalhadora das cidades encontrar víveres.

O tzarismo não queria saber de nada disso. Obstina-se cegamente a fazer funcionar a velha máquina completamente estropiada. E à guisa de remédio, recorria, como sempre, à repressão, à violência contra os homens ativos ou os militantes dos partidos políticos.

Foi da impossibilidade, para o povo, de continuar a guerra e de arrastar uma existência de fome, de um lado, e da obstinação cega do tzarismo por outro lado, que nasceu a Revolução, dois anos e meio após "o grande entusiasmo".

A 24 de fevereiro as confusões começaram em Petrogrado. Provocadas principalmente pela falta de víveres, elas não pareciam dever se agravar. Mas no dia seguinte, 25 de fevereiro de 1917 (velho calendário), os acontecimentos tomaram uma configuração mais aguda: os operários da capital, sentindo-se solidários com o país inteiro, encontrando-se em extrema agitação a semanas, famintos e não recebendo nem mesmo mais pão, desceram em massa nas ruas, manifestaram-se ruidosamente e se recusaram firmemente de se dispersar.

Nesse primeiro dia, porém, as manifestações foram prudentes e inofensivas. Em massas compactas, os operários com suas mulheres e crianças lotavam as ruas e gritavam: "Pão! Pão! Não temos nada para comer! Dêem-nos pão ou fuzilem-nos a todos! Nossos filhos estão morrendo de fome! Pão! Pão!"

O governo enviou contra a multidão, além da polícia que perdera o controle da situação, destacamentos de tropas a cavalo, os cossacos. Ora, havia poucas tropas em Petrogrado (exceto os reservistas, pouco seguros). Ademais, os operários não se deixaram amedrontar: eles ofereciam o peito aos soldados; tomavam seus filhos nos braços e gritavam aos soldados: "Matem-nos todos se têm coragem! Antes morrer a tiros que morrer de fome!...". Finalmente — e esse foi o ponto capital da questão — em quase todos os lugares os soldados trotavam prudentemente através da multidão, sorriso nos lábios, sem fazer uso de suas armas, sem ouvir as ordens dos oficiais. Mesmo esses não insistiam. Em certos locais, os soldados confraternizavam com os operários chegando mesmo até a lhes dar seus fuzis, descer do cavalo e se misturar ao povo. Naturalmente, essa atitude das tropas encorajou as massas.

Aqui e ali, no entanto, a polícia e os cossacos atacaram grupos de manifestantes que levavam bandeiras vermelhas. Houve alguns mortos e feridos.

Nos quartéis da capital e dos subúrbios os regimentos hesitavam ainda em tomar o partido da Revolução. E o governo, por sua parte, hesitava em fazê-los sair para combatê-la.

Na manhã de 26 de fevereiro produziu-se um fato novo: o governo declarou dissolvida a Duma por um decreto.

Isso foi uma espécie de sinal que todos pareciam esperar para passar a uma atividade decisiva. A notícia, conhecida em todos os cantos num piscar de olhos, estimulou os acontecimentos. A partir desse momento as

manifestações transformaram-se rapidamente em movimento revolucionário. "Abaixo o tzarismo! Abaixo a guerra! Viva a Revolução!" eram os gritos da multidão cuja atitude tornava-se agora de hora em hora mais decidida e combativa. Aqui e ali, os manifestantes atacavam resolutamente a polícia. Vários edifícios administrativos foram incendiados, principalmente o Palácio de Justiça. As ruas cobriram-se de barricadas. As bandeiras vermelhas apareceram em massa. Os soldados mantinham sempre uma neutralidade simpática; mas cada vez mais freqüentemente, eles se misturavam com a multidão. O governo contava com um número cada vez menor de tropas fiéis.

Ele lançou então contra os manifestantes todas as forças policiais da capital. Os policiais formaram precipitadamente destacamentos de ataque em massa. Instalaram metralhadoras em vários pontos sobre os tetos das casas e mesmo sobre algumas igrejas. Ocuparam todos os pontos estratégicos. A seguir começaram uma ofensiva geral contra as massas em revolta.

A luta foi violenta durante todo esse dia 26 de fevereiro. Em vários locais a polícia foi desalojada, seus agentes massacrados e suas metralhadoras reduzidas ao silêncio. Mas noutros pontos, as forças policiais resistiam com firmeza.

O tzar, que se encontrava na frente de batalha, foi prevenido por telégrafo da gravidade dos acontecimentos. **A Duma decidiu manter-se em sessão permanente e não ceder às tentativas de dissolução.**

CAPÍTULO II

O TRIUNFO DA REVOLUÇÃO

A ação decisiva se desenrolou a 27 de fevereiro.

Desde o amanhecer, regimentos inteiros da guarnição abandonaram as hesitações e se amotinaram saindo dos quartéis em armas e ocuparam certos pontos estratégicos da cidade após breves escaramuças com a polícia. A Revolução ganhava terreno.

A um dado momento, uma massa compacta de manifestantes, particularmente ameaçadora, decidida e parcialmente armada, concentrou-se na praça "Znamenskaïa" e nas imediações da estação "Nicolaïevsky". O governo enviou dois regimentos de cavalaria da Guarda Imperial, os últimos em quem podia ainda confiar, assim como um forte destacamento de polícia montada e a pé. As tropas deviam apoiar e consolidar a ação dos policiais.

Após as intimidações de praxe, o oficial da polícia deu a ordem de ataque. Mas nesse momento se produziu um novo e derradeiro "milagre": o oficial que comandava os regimentos da Guarda ergueu seu sabre e, ao grito: "Carga contra a polícia, avante!", lançou os dois regimentos contra as forças policiais que foram rapidamente destroçadas.

Logo as últimas resistências da polícia foram rompidas. As tropas revolucionárias apoderaram-se do arsenal e ocuparam todos os pontos vitais da cidade. Cercados por uma multidão em delírio os regimentos se dirigiram, bandeiras desfraldadas, ao Palácio Tauride, a sede da

Duma — a pobre “quarta Duma” — e se puseram à sua disposição.

Um pouco mais tarde os últimos regimentos da guarnição de Petrogrado e dos subúrbios se reuniram ao movimento. O tzarismo já não dispunha de força armada na região da capital. A população estava livre. A Revolução triunfava.

Os acontecimentos que se seguiram são suficientemente conhecidos.

Um governo provisório formado pelos membros influentes da Duma foi constituído e freneticamente aclamado pelo povo.

O Interior do país aderiu com entusiasmo à Revolução.

Algumas tropas retiradas apressadamente da frente de batalha e enviadas por ordem do tzar contra a capital rebelada não conseguiram atingi-la: por um lado, os ferroviários recusaram-se a transportá-los quando se aproximavam da cidade; e por outro, os soldados recusaram-se a obedecer aos oficiais e passaram para o campo da Revolução. Uns regressaram à frente, outros se dispersaram simplesmente pelo país.

O próprio tzar, que se dirigia à capital, viu seu trem parar na estação de Dno e voltar a Pskov, onde foi entrevistado por uma delegação da Duma e por personalidades militares adeptas da Revolução. Era imperioso render-se à evidência. Após algumas questões de detalhe, Nicolau II assinou a abdicação por si e por seu filho Alexis, no dia 2 de março.

Por um momento, o governo provisório pensou em colocar no trono o irmão do ex-imperador, o grande-duque Miguel. Mas esse recusou a oferta, declarando que o destino do país e da dinastia deveriam ser depositados nas mãos de uma Assembléia Constituinte regularmente convocada.

As tropas da frente de batalha aclamaram a Revolução vitoriosa.

O tzarismo calra. A Assembléia Constituinte foi inscrita na ordem do dia. Até sua convocação o governo provisório tornava-se a autoridade oficial, "reconhecida e responsável". O primeiro ato da Revolução estava encerrado.

Se narramos os fatos dessa Revolução de fevereiro de forma tão detalhada, foi para isso destacar um ponto capital:

Mais uma vez, a ação das massas foi uma ação espontânea que coroou logicamente, fatalmente, um longo período de experiências vividas e de preparação moral. Tal ação não foi nem organizada nem guiada por nenhum partido político. Sustentada pelo povo em armas — o exército — ela foi vitoriosa. O elemento de organização devia intervir — e interveio — imediatamente após.

(De resto, em razão da repressão, todos os organismos centrais dos partidos políticos de esquerda, bem como os seus líderes, encontravam-se fora da Rússia no momento da Revolução. Martoff, do partido social-democrático; Tchernoff, do partido socialista-revolucionário; Lenin, Trotsky, Lunatcharsky, Losovsky, Rykoff, Bukharin, etc., todos viviam no exterior. Somente após a Revolução de fevereiro é que voltaram a seu país.)

Um outro ponto importante a sublinhar:

Mais uma vez, o impulso imediato e concreto foi dado à Revolução pela impossibilidade absoluta para o país de continuar a guerra: impossibilidade que se chocou, naturalmente, contra a obstinação do governo. Essa impossibilidade resultou da desorganização total, do caos inextricável em que a guerra mergulhara o país.

CAPÍTULO III

RUMO A REVOLUÇÃO SOCIAL

O Governo Provisório e os problemas da Revolução

O governo provisório formado pela Duma era, bem entendido, nitidamente burguês e conservador. Seus membros, o Príncipe Lvoff, Goutchkoff, Miliouliv e outros pertenciam quase todos (exceto Kerensky, que era vagamente socialista) à política do partido constitucional-democrático e às classes privilegiadas. Para eles, destruído o absolutismo, a Revolução estava encerrada. (Na verdade, ela começava apenas. Agora, tratava-se de "restabelecer a ordem", de melhorar pouco a pouco a situação geral no interior do país e nas frentes de batalha, de "empurrar" a guerra mais ativamente que nunca insuflando-lhe um novo impulso, e sobretudo de preparar tranqüilamente a convocação da Assembléia Constituinte, que deveria estabelecer as novas leis fundamentais do país, o novo regime político, o novo modo de governar, etc. Até lá, o povo tinha apenas que esperar com paciência, comportando-se como bom menino que era, os favores que seus novos senhores tinham a intenção de lhe prodigar).

Esses novos senhores, o governo provisório os concebia, naturalmente, como bons burgueses moderados cujo poder não teria nada a invejar àqueles dos demais países "civilizados".

As idéias políticas do governo provisório não iam além de uma boa monarquia constitucional. A rigor, cer-

tos membros talvez admitissem timidamente uma república burguesa bem moderada.

O problema agrário, a questão operária, etc., deveriam ser resolvidos pelo futuro governo definitivo conforme os modelos ocidentais que "tinham sido aprovados".

Em síntese, o governo provisório estava mais ou menos seguro de poder utilizar o período preparatório — esticando-o se necessário — para reduzir à calma, à disciplina e à obediência as massas populares, no caso destas manifestarem muito violentamente seu desejo de ultrapassar os limites assim previstos. O passo seguinte consistiria em assegurar por meio de manobras de bastidores as eleições "normais" que conduziriam, no momento desejado, a uma Assembléia Constituinte direita e bem-comportada, burguesa evidentemente.

É engraçado constatar o quanto os "realistas", os homens políticos "experimentados", os eruditos, os economistas e os sociólogos, estavam enganados em suas previsões e cálculos. **A realidade lhes escapava completamente.**

Lembro-me de ter assistido em Nova York, em abril ou maio de 1917, a uma grande conferência russa de um honrado professor que fazia uma copiosa análise da composição e da ação prováveis da próxima Assembléia Constituinte. Fiz uma única pergunta ao respeitável professor: **Que previa ele para o caso de a Revolução Russa ignorar uma Assembléia Constituinte?** Bastante desdenhosamente, bastante ironicamente, o eminente professor limitou-se a responder que ele era um "realista" e que o aparteante era certamente "um anarquista cuja hipótese fantasista não lhe interessava". O futuro demonstrou logo que o douto professor se enganava magistralmente e que o "fantasista" era precisamente ele. Em sua preleção de duas horas, ele havia omitido uma única possibilidade: **justamente aquela que se verificou alguns meses mais tarde...**

Que me seja permitido formular, a esse respeito, aqui mesmo, algumas apreciações pessoais.

Em 1917, os senhores "realistas", os homens políticos, os escritores, os professores — russos e estrangeiros — com raríssimas exceções, foram incapazes de prever — desdenhosa e magistralmente — o triunfo do **bolchevismo** na Revolução Russa. Atualmente, como o bolchevismo é — momentaneamente e por pouco tempo sob uma perspectiva histórica — um fato consumado, muitos desses senhores apressam-se em admiti-lo, em interessar-se, em ocupar-se dele. Chegam mesmo a admitir — enganando-se magistralmente de novo — sua "grande importância positiva" e "seu triunfo mundial definitivo".

Tenho absoluta certeza de que com o mesmo "realismo", a mesma "perspicácia", o mesmo desprezo a princípio e o mesmo "know-how" a seguir, esses mesmos cavalheiros deixarão de prever a tempo, para aceitá-lo a posteriori, **o triunfo — verdadeiro e definitivo — da idéia libertária na Revolução Social mundial.**

O governo provisório não se dava certamente conta dos obstáculos intransponíveis que iam fatalmente erguer-se à sua frente.

O obstáculo mais sério era o caráter mesmo dos problemas que o governo provisório teria de afrontar antes da convocação da **Assembléja Constituinte**. (Diga-se inclusive, ele não concebia absolutamente que o provo trabalhador poderia não querer ouvir essa convocação, coisa que era perfeitamente de seu direito).

Primeiro, o problema da guerra.

O povo, desenganado, esgotado, continuava a guerra a contra-gosto ou pelo menos se desinteressava completamente dela. E quanto ao exército, estava no último limite, física e moralmente. O estado miserável em que se encontrava o país, por um lado, e a Revolução por outro, desequilibraram-no definitivamente.

Duas soluções se apresentavam ao espírito: seja cessar a guerra, concluir uma paz em separado, desmobilizar

o exército, e consagrar-se inteiramente aos problemas internos; seja fazer o impossível para manter a frente, salvaguardar a disciplina, "reerguer" o moral das tropas e continuar a guerra a todo o custo, pelo menos até a convocação da Assembléia Constituinte.

A primeira solução era, evidentemente, inadmissível para um governo burguês, "patriótico", aliado a outros beligerantes e considerando uma "desonra nacional" a ruptura eventual dessa aliança. Além disso, em tanto que governo "provisório", ele se via obrigado a seguir estritamente a fórmula: nenhuma mudança importante antes da convocação da Assembléia Constituinte que teria plenos direitos para tomar qualquer decisão.

O governo provisório adotou dessa forma a segunda solução. Acontece que nas condições existentes, isso era irrealizável.

É preciso insistir sobre esse ponto que geralmente não é suficientemente realçado.

A Rússia não podia continuar a guerra nem física, nem moralmente. A obstinação do governo czarista em não compreender esse fato foi a causa imediata da Revolução. E como essa impossibilidade se mantinha, todo governo que não a levasse em conta seria, em toda a lógica, derrubado tal como o fora o czar.

Certo, o governo provisório esperava poder modificar o estado de coisas: eliminar o caos, reorganizar o país, dar-lhe um novo alento, etc. Ilusões: nem o tempo disponível, nem a situação geral, nem o estado de espírito das massas não o permitiriam.

A máquina chamada "Estado burguês" fora quebrada, na Rússia, em fevereiro de 1917. Seus fins e sua atividade foram sempre contrários aos interesses e às aspirações do povo. Esse, tendo-se tornado naquele momento senhor de seu próprio destino, a referida máquina não mais podia ser reparada e recolocada em funcionamento. **Pois é o povo que — à força ou por livre consentimento — faz funcionar "a máquina", e não os governantes.** O apa-

relho quebrado não podia nem exercer nem reestabelecer a coação. Ora, **livremente**, o povo não "andava" mais por objetivos alheios aos seus próprios.

Era preciso **substituir** o aparelho quebrado por um outro, adaptado à nova situação, em lugar de perder tempo e forças em vãs tentativas de recolocá-lo em marcha e de fazê-lo servir de novo.

O governo burguês e nacionalista não podia compreender isso. E insistia para manter "a máquina" e a maldita herança do regime deposto: a guerra. Por isso, ele já ia se tornando impopular. E como a máquina estava quebrada, ele se viu impossibilitado de **impor** sua vontade guerreira.

O primeiro problema do momento — o mais grave, o mais imediato — estava assim fatalmente condenado a restar sem solução possível para o governo provisório.

O segundo problema espinhoso era o **problema agrário**.

Os camponeses — 85% da população — aspiravam à posse da terra. A Revolução deu a essas aspirações um entusiasmo irresistível. Reduzidas à impotência, exploradas e enganadas há séculos, as massas camponesas já não queriam saber mais nada, nem ouvir. **Queriam a terra, custe o que custasse, e já, sem trâmites nem cerimônias.**

Já em 1905, no Congresso Camponês convocado pouco após o Manifesto de 17 de outubro (quando existiam ainda as "liberdades") em previsão às eleições para a Duma, os delegados porta-vozes dessas aspirações haviam sido numerosos.

"Toda alusão a um **resgate das terras** me revolta — dizia ao Congresso o delegado dos camponeses da região de Moscou. — Propõem a indenização dos escravagistas de ontem que ainda hoje mesmo, ajudados pelos administradores do país, fazem de nossa vida uma corrida de obstáculos! Pois já não os indenizamos ricamente por meio do arrendamento? É impossível calcular a quantidade de sangue camponês que tem sido vertida sobre a terra. E isso não é tudo: nossas avós eram obrigadas a

criar os cães de raça desses senhores com o leite dos seus seios. Isso não é considerado como um resgate? Durante séculos, temos sido meros grãos de areia, arrasados pelo vento. E o vento, eram eles. E agora, precisamos pagar mais ainda pela terra? Ah, não! Não precisamos de discussões diplomáticas, só existe um bom caminho revolucionário. De outra forma vão nos enganar mais uma vez. Falar de um "resgate das terras" já é sinal de concessão. Camaradas, não vamos repetir o erro de nossos pais! Em 1861 alguém foi mais esperto que eles e os enganou: deram-lhes uma migalha para evitar que eles tomassem tudo."

"Nós nunca lhes vendemos a terra, diziam os camponeses da região de Orel: então não temos porque comprá-la deles. Nós já pagamos e muito, trabalhando a um preço desumanamente baixo. Não! Em caso algum, nada de resgate! O cavalheiro proprietário não trouxe suas terras da lua, elas foram roubadas por seus avós."

"Como — diziam os camponeses ao eminente sábio N. Roubakin, entre 1897 e 1906 — como é que todos esses senhores, Orloff, Demidoff, Balachoff, ganharam de graça suas terras, de presente dos tzares e das tzarinas. E agora temos de comprar essas terras por esse preço? Isso não é apenas injustiça, é um roubo descarado!"

Por essas razões os camponeses não queriam mais esperar. Aqui e ali eles tomavam para valer as terras, expulsando os proprietários quando esses não haviam fugido. Dessa forma, resolviam o "problema agrário" ao modo deles, por decisão própria e sem se preocupar com as deliberações, maquinações e decisões do governo ou da Constituinte.

O exército, composto sobretudo de camponeses, estava certamente disposto a apoiar essa ação direta.

O governo provisório se viu acuado, forçado ou a se inclinar diante de tal estado de coisas ou a resistir, o que significaria lutar contra os camponeses revoltados e também, quase certamente, contra o exército. Naturalmente,

ele adotou a tática da espera, acreditando que, da mesma forma que em relação ao problema da guerra, poderia ir arranjando as coisas com manobras inteligentes e com muita habilidade. O governo provisório exortava os camponeses a esperar pacientemente a Constituinte que teria o direito de estabelecer todas as leis e daria com certeza razão aos camponeses. Mas não havia nada a fazer. Esses apelos quase não eram ouvidos e essa tática de espera não tinha nenhuma chance de sucesso. Os camponeses não tinham a menor confiança nas palavras dos “senhores” que ocupavam o poder. Tinham sido muito enganados para voltar a acreditar! Sentiam-se agora suficientemente fortes para **tomar** a terra. Para eles, isso era pura justiça. E se algumas vezes, hesitavam ainda, era somente por medo de serem punidos.

O **problema operário** era tão insolúvel para um governo burguês quanto o problema camponês. As massas operárias procuravam obter da Revolução o máximo de bem-estar e de direitos. Ora, o governo esmerava-se — como é natural — em reduzir esses direitos ao mínimo. Lutas imediatas e muito sérias podiam ser previstas igualmente sobre esse terreno. E com que tipo de meios poderia o governo provisório fazer prevalecer suas teses?

O **problema puramente econômico** era também gravíssimo, visto que estava intimamente ligado aos demais problemas, e que não podia ser adiado sob nenhum pretexto. Em plena guerra e em plena revolução, numa situação caótica e em um país convulsionado, urgia organizar novamente a produção, os transportes, as trocas, as finanças, etc.

Restava enfim o **problema político**. Naquelas condições concretas, o governo provisório não apresentava tampouco nenhuma solução válida. Ele se encarregava, é verdade, de convocar o mais cedo possível a Assembléia Constituinte. Mas essa tarefa não poderia ter êxito, por mil razões. E, antes de tudo, o governo devia seguramente **temer** essa Assembléia. Contrariamente às suas

promessas, seu desejo íntimo era o de **adiar** a convocação o mais possível e de procurar instalar por meio de um golpe de mão bem sucedido, uma monarquia "constitucional". Ora, enquanto assim sonhava, outros perigosos obstáculos surgiram à sua frente.

O mais sério deles foi a **ressurreição dos Soviets operários**, especialmente o de Petrogrado, que se reorganizou nos primeiros dias da Revolução — por tradição e também, como em 1905, pela falta de outros organismos operários. É certo que nesse momento de reorganização, os operários elegeram socialistas moderados (mencheviques e socialistas-revolucionários de direita) como delegados. Mas, em todo o caso, a ideologia e o programa do Soviet eram absolutamente contrários aos projetos do governo provisório e, naturalmente, a influência moral e a atividade do Soviet de Petrogrado passaram rapidamente a rivalizar com aquelas do governo, que ficou em posição desvantajosa.

O Soviet de Petrogrado tornou-se uma espécie de segundo governo para o país. Ele dava o tom para todo o vasto emaranhado de Soviets das províncias e coordenava suas ações. Apoiando-se assim sobre toda a massa trabalhadora do país, tornou-se logo poderoso. Sua autoridade se impunha progressivamente sobre o exército. Em breve as ordens e instruções do Soviet começaram a suplantam, e muito, as do governo provisório. Nessas condições, esse último estava forçado a colaborar com os Soviets.

É claro que o governo teria preferido combatê-los. Mas, afrontar os operários organizados no dia seguinte a uma revolução que proclamava a liberdade absoluta de palavra, de todo tipo de organização e de toda ação social, era tarefa impossível. E além do mais, em que força real poderia ele se apoiar para desenvolver essa luta? O governo não dispunha dessa força.

O governo provisório foi então obrigado a fazer o único jogo possível, a tolerar seu temível concorrente e

mesmo "flirtar" com ele. Tinha consciência da fragilidade das simpatias com que contava no seio das massas trabalhadoras e do exército. Percebia que no primeiro conflito social mais sério, essas duas forças decisivas se colocariam inevitavelmente ao lado dos Soviets.

Ele "esperava", incapaz de sair de tantos impasses. Tratava de ganhar tempo. Mas a presença desse segundo "diretório" não-oficial, tão incômodo, e com o qual era preciso tratar, representava para o "governo provisório" — oficial mas impotente — um dos maiores obstáculos a enfrentar.

A crítica violenta, a propaganda vigorosa de todos os partidos socialistas e principalmente dos elementos de extrema-esquerda (socialistas-revolucionários de esquerda, bolcheviques, anarquistas) tampouco podiam ser menosprezadas. Porque, naturalmente, o governo não poderia pensar em recorrer a medidas repressivas contra a liberdade de expressão. E se ele ousasse, quais seriam as forças que executariam suas ordens? Ele não tinha nenhuma à sua disposição!

Mesmo uma burguesia poderosa, organizada e enérgica, experimentada em mais de um combate contra os elementos adversos e disposta de uma grande força material (exército, polícia, dinheiro, etc.), teria muito trabalho para descobrir uma saída satisfatória para um semelhante conjunto de problemas e impor sua vontade, seu poder e seu programa em tais condições. Ora, **não existia na Rússia uma burguesia desse tipo**. Em tanto que **classe** consciente de si mesma, a classe capitalista russa estava apenas nos primeiros passos. Fraca, desorganizada, sem tradição nem experiência histórica, ela não podia esperar nenhum sucesso. E inclusive, não estava exercendo nenhuma atividade.

Devendo representar "em princípio" uma burguesia quase inexistente e inoperante, o governo provisório estava fatalmente condenado a funcionar no vazio. E essa foi sem dúvida a causa primordial de sua falência.

CAPÍTULO IV

RUMO A UM GOVERNO SOCIALISTA?

A MISÉRIA DO SOCIALISMO

O primeiro "governo provisório", essencialmente burguês, foi assim fatal e rapidamente reduzido a uma impotência manifesta, ridícula, mortal. O pobre fazia o que podia para se manter: ia e vinha, tergiversava, ele "se arrastava"... E enquanto isso, todos os problemas candentes "se arrastavam" também. A crítica, logo seguida pela cólera generalizada contra esse governo fantasma cresciam dia após dia. Em breve, a sua existência tornou-se impossível. Após somente 60 dias de sua instalação, teve de ceder, sem luta, o lugar para um governo bem moderado dito "de coalisão" (com uma participação socialista), no dia 6 de maio. O membro mais influente do novo governo era A. Kerensky, socialista-revolucionário (ou, melhor, socialista "independente").

Esse governo social-burguês poderia ter esperanças de atingir melhores resultados? Certamente não. Porque as condições de sua existência e a impotência de sua ação deveriam ser fatalmente as mesmas do primeiro governo provisório. Obrigado a apoiar-se sobre a burguesia impotente, forçado a continuar a guerra, incapaz de trazer uma solução real para os problemas cada vez mais urgentes, atacado vigorosamente pelas esquerdas e debatendo-se em meio de dificuldades de todo tipo e de toda hora, esse segundo governo pereceu ingloriamente, da mesma forma

que o primeiro e aproximadamente no mesmo prazo (no dia 2 de julho), para ceder seu lugar a um terceiro governo não menos "provisório" composto essencialmente de socialistas, com alguns elementos burgueses.

Nesse momento Kerensky, senhor e chefe supremo desse terceiro e depois enfim de um quarto governo (bastante semelhante ao precedente) tornou-se durante algum tempo uma espécie de **duce** do país, e o partido socialista-revolucionário, em colaboração estreita com os mencheviques, pareceu fadado a vencer em definitivo tornando-se o dirigente da Revolução. Mais um passo — e o país teria tido um governo socialista podendo apoiar-se sobre forças bem reais: o campesinato, a massa operária, uma grande parcela da camada intelectual, os Soviets, o exército, etc.

E no entanto, nada disso aconteceu.

No momento de sua chegada ao poder, o último governo de Kerensky parecia muito forte. E, com efeito, **ele poderia vir a sê-lo.**

Kerensky, advogado e deputado de tendência socialista, tinha uma enorme popularidade, mesmo entre as massas e o exército. Seus discursos na Duma, na véspera da Revolução, eram acontecimentos retumbantes. Sua chegada ao poder suscitou imensas esperanças no país. Ele poderia se apoiar, sem reservas, sobre os Soviets — isso é, sobre toda a classe trabalhadora — porque nesse momento a imensa maioria dos delegados era socialista e os Soviets estavam inteiramente sob a orientação dos socialistas-revolucionários de direita e dos social-democráticos mencheviques.

Nas primeiras semanas do ministério Kerensky, era perigoso criticá-lo publicamente, tamanha era a confiança do país em sua pessoa. Alguns agitadores de extrema-esquerda fizeram essa constatação na prática, quando tentavam falar contra Kerensky em locais públicos. Houve até mesmo alguns casos de linchamentos.

Para aproveitar todas essas excepcionais vantagens, bastava que Kerensky preenchesse — mas de forma efetiva, com atos — **uma única condição**: aquela preconizada antigamente por Danton. Era-lhe necessário **audácia, mais audácia e sempre audácia**.

Mas qual! Essa era justamente a qualidade que ele não possuía em absoluto!

Na situação concreta, "audácia" significava: 1.º o abandono imediato da guerra (sob alguma fórmula a se encontrar); 2.º a ruptura decisiva com o regime capitalista e burguês (e formação de um governo inteiramente socialista); 3.º a orientação imediata de toda a vida econômica e social do país rumo a um sistema francamente socialista.

Tudo isso teria sido, inclusive, perfeitamente lógico e "indicado" para um governo de tendência **socialista**, com uma maioria socialista, com um chefe socialista... E afinal, nada disso! Como sempre, como em todos os outros países, os socialistas russos e Kerensky em pessoa, ao invés de compreender a necessidade histórica, de aproveitar o momento propício de avançar e de cumprir enfim seu verdadeiro programa, ficaram presos a seu "programa" bastardo (dito "mínimo") que lhes prescrevia imutavelmente a luta por uma **república democrática burguesa**.

Em lugar de se colocar francamente ao serviço das massas trabalhadoras e de sua emancipação, os socialistas e Kerensky, prisioneiros de sua mole ideologia, não encontraram nada de melhor a fazer que o pogo do capitalismo russo e internacional.

Kerensky não ousou nem abandonar a guerra, nem apoiar-se firmemente sobre as classes trabalhadoras (para isso teria de virar as costas à burguesia), nem mesmo simplesmente continuar a Revolução! (Ele não ousou nem mesmo apressar a convocação da Assembléia Constituinte!)

Kerensky queria continuar a guerra! A todo o preço e por todos os meios!

Kerensky, sentindo-se cada vez mais frágil, não **ousava** atacar os bolcheviques com resolução, abertamente. Ele recorria, de uma forma insegura, a meias-medidas que, insuficientes para abater o adversário, faziam-lhe ainda mais publicidade, chamando a atenção sobre ele, a estima e enfim a confiança das massas. Na verdade, essas tímidas reações reforçavam o inimigo em lugar de enfraquecê-lo. E ademais, Kerensky, como tantos outros, não via o perigo. A esse momento, quase ninguém fazia fé na vitória dos bolcheviques. (É notório que no próprio interior do partido, Lenin era praticamente o único que acreditava na certeza da vitória e que insistia praticamente só na oportunidade de preparar a insurreição).

Em segundo lugar, Kerensky, pressionado pelos países aliados, fascinado por seus sonhos guerreiros e, provavelmente, por seus próprios discursos, teve a infelicidade de desfechar, a 18 de junho, sua famosa ofensiva sobre a frente alemã: ofensiva que fracassou lamentavelmente e causou um golpe terrível contra sua popularidade. Já a 3 de julho estourou em Petrogrado uma revolta armada contra o governo, com participação de tropas (particularmente de marinheiros de Cronstadt), aos brados de "Abaixo Kerensky! Viva a Revolução Social! Todo o poder aos Soviets!". Por essa vez, Kerensky pode ainda — mas com dificuldade — dominar a situação. Mas perdeu até mesmo a sombra de sua antiga popularidade.

Enfim, uma acontecimento particular transformou-se no tiro de misericórdia. Desesperado pela marcha ascendente da Revolução e pela indecisão de Kerensky, um general "branco", Korniloff, retirou da frente alguns milhares de soldados (pertencentes na maioria a tropas caucasianas, espécie de tropas coloniais, mais fáceis de se manejar e de se enganar), mentiu-lhes sobre o que se passava na capital e os enviou contra Petrogrado, sob o comando de um general fiel, "para acabar com os **bandos de criminosos armados** e defender o governo incapaz de exterminá-los".

Por razões que talvez um dia serão esclarecidas, Kerensky opôs às tropas de Korniloff uma resistência mole, de pura aparência. A capital foi salva unicamente graças a um impulso feroso, a um esforço prodigioso e a um espírito sublime de sacrifício dos próprios operários. Com a ajuda da esquerda do Soviet de Petrogrado, alguns milhares de operários se armaram precipitadamente e partiram espontaneamente para a resistência contra Korniloff. Uma batalha, nas proximidades de Petrogrado, terminou de forma indecisa. Os operários não cederam uma polegada do terreno. Mas deixaram sobre ele muitos cadáveres e não sabiam se poderiam ter no dia seguinte suficientes homens e munições. Entretanto, graças a uma ação rápida e enérgica dos ferroviários e dos empregados do telégrafo, ajudados vigorosamente por comitês de soldados da frente, o QG de Korniloff foi isolado das tropas e do país. Por outro lado, de noite, os soldados de Korniloff, surpresos pela resistência heróica dos "bandidos", dos "criminosos" e dos "vagabundos" e desconfiando que haviam sido enganados, quiseram examinar os corpos. Eles constataram que os cadáveres tinham todos as mãos calosas de verdadeiros trabalhadores. Enfim, alguns grupos de socialistas caucasianos vindos de Petrogrado conseguiram fazer entrar uma delegação no campo das tropas de Korniloff. A delegação conversou com os soldados, colocando-os a par da verdadeira situação, destruiu definitivamente a fábula de "bandidos" e os persuadiu a abandonar a luta fratricida. Na manhã seguinte os soldados de Korniloff declararam ter sido enganados, recusaram-se a combater seus irmãos e retornaram à frente. A aventura fracassou.

Desde o dia seguinte, a opinião pública acusou Kerensky de ter sido secretamente conivente com Korniloff. Verdadeira ou não, essa versão foi acreditada. Moralmente, era o fim do governo Kerensky e dos socialistas moderados em geral. O caminho para uma ofensiva corajosa do partido bolchevique estava desimpedido.

Então produziu-se um fato cujo papel foi capital na seqüência dos acontecimentos. Nas novas eleições dos delegados (para os Soviets, os Comitês de fábrica as células do exército, etc.), **os bolcheviques obtiveram uma vitória esmagadora sobre os socialistas moderados.** Assim, o partido bolchevique se apoderou definitivamente de toda a ação operária e revolucionária. Com o concurso dos socialistas-revolucionários de esquerda, ele ganhou assim vastas simpatias entre os camponeses. Excelentes posições estratégicas para um ataque decisivo estavam agora entre suas mãos.

Desde esse momento, Lenin concebeu a idéia da convocação de um Congresso pan-russo dos Soviets que deveria se insurgir contra o poder de Kerensky, derrubá-lo com a ajuda do exército e inaugurar o poder do partido bolchevique.

Os preparativos para a execução desse plano começaram imediatamente, parte abertamente, parte clandestinamente. Lenin, obrigado a se esconder, dirigia as operações à distância. Kerensky, mesmo percebendo o perigo, era incapaz de conjurá-lo. Os acontecimentos se precipitavam. O último ato do drama ia se desenrolar.

Resumamos.

Todos os governos conservadores ou moderados que se sucederam, de fevereiro a outubro de 1917, provaram sua incapacidade em resolver, nas condições dadas, os problemas de uma gravidade e de uma agudeza excepcionais postos diante do país pela Revolução: essa foi a razão principal pela qual o país jogou sucessivamente por terra, no curto intervalo de oito meses, o governo burguês conservador constitucionalista, a democracia burguesa e enfim o poder socialista moderado.

Dois fatos sobretudo marcaram essa incapacidade: 1.º — a impossibilidade para o país de continuar a guerra, e, para os governos em questão, de interrompê-la; 2.º — a urgência que o país emprestava à convocação da Assem-

bléia Constituinte e a impossibilidade em que se encontravam esses governos de convocá-la.

A vigorosa propaganda da extrema-esquerda pela cessação imediata da guerra, pela convocação rápida da Constituinte e pela Revolução social integral como único meio de salvação, com outros fatores de menor importância, animaram essa marcha fulminante da Revolução.

Assim a Revolução Russa, desencadeada em fins de fevereiro de 1917 contra o tzarismo, queimou rapidamente as etapas de uma revolução política burguesa: democrática e socialista moderada.

Em outubro, o caminho estando desembaraçado de todos os obstáculos, a Revolução se colocou efetiva e definitivamente sobre o terreno da **Revolução Social**. E era inteiramente lógico e natural que, após a falência de todos os governos e partidos políticos moderados, as massas trabalhadoras se voltassem em direção do último partido existente, o único que restava de pé, o único que encavrava sem temor a Revolução Social, o único que prometia, sob a condição de chegar ao poder, a solução rápida e feliz de todos os problemas: o **Partido Bolchevique**.

O movimento **anarquista**, repetimos, era ainda excessivamente fraco para ter uma influência imediata e concreta sobre os acontecimentos. E o movimento **sindicalista** não existia.

Do ponto de vista **social**, a situação era a seguinte:

Três elementos fundamentais se encontravam em confronto: 1.º — a burguesia; 2.º — a classe operária; 3.º — o Partido Bolchevique, figurando como ideólogo e "vanguarda".

A **burguesia**, como o leitor sabe, era fraca. O Partido Bolchevique não teve grande dificuldade em esmagá-la.

A **classe operária também era fraca**. Não organizada (no verdadeiro sentido do termo), inexperiente e, no fundo, inconsciente de sua verdadeira tarefa, ela não soube agir **por si mesma**, pela sua **própria conta**. Ela deixou-se levar pelo Partido Bolchevique, que se apossou da ação.

Acrescentemos aqui uma nota que na verdade se antecipará um pouco aos fatos, mas que permitirá ao leitor de melhor os seguir, de melhor os compreender.

Esta insuficiência da classe operária russa no início da Revolução será fatal para a seqüência dos acontecimentos e também para a Revolução como um todo. (Já falamos do nefasto "Passivo" da revolução abortada de 1905-6: a classe operária não conquistou o direito de se organizar; ela permaneceu dispersa. Em 1917 ela se sentirá disso).

O Partido Bolchevique, dizemos, apoderou-se da ação. E em lugar de simplesmente prestar apoio aos trabalhadores em seus esforços pela concretização da Revolução e para se emanciparem; em lugar de **ajudá-los** em sua ação, papel que em pensamento os operários lhe confiavam, esse papel que deveria ser normalmente aquele de todos os ideólogos revolucionários e que não exige absolutamente a tomada nem o exercício do "poder político",⁽⁹⁾ em lugar de preencher essa responsabilidade, o Partido Bolchevique, uma vez no poder, aí se instalou naturalmente como **senhor absoluto**; ele aí se corrompeu rapidamente; ele se organizou como uma casta privilegiada e, mais tarde, **esmagou e subjugou a classe operária para explorá-la, sob novas formas, em seus próprios interesses.**

Por esse fato, toda a Revolução será falseada, desviada, perdida. Porque, quando as massas populares tomarão consciência do erro e do perigo, **já será muito tarde**: após uma luta entre elas e os novos senhores solidamente organizados e dispendo de forças materiais, administrativas, militares e policiais suficientes — luta áspera, mas desigual, que durará cerca de três anos e restará por muito tempo quase ignorada fora da Rússia — o povo sucumbirá. A verdadeira Revolução emancipadora será mais uma vez sufocada pelos próprios "revolucionários".

CAPITULO V

A REVOLUÇÃO BOLCHEVIQUE

A queda do governo Kerensky.

A vitória do Partido Bolchevique

A partir de outubro, o desenlace se aproxima. As massas estão prontas para uma nova revolução. Alguns levantes espontâneos desde julho (aquele já citado de Petrogrado, o de Kaluga, o de Kazan) e outros movimentos de massas e de tropas, aqui e ali, o provam suficientemente.

O Partido Bolchevique se vê, de agora em diante, em condições de se apoiar sobre duas forças reais: a confiança das vastas massas e uma forte maioria do exército. Ele passa à ação e prepara febrilmente a batalha decisiva em que pretende tomar a ofensiva. Sua agitação torna-se frenética. Ele se ocupa dos últimos detalhes na formação dos quadros operários e militares para o combate decisivo. Ele organiza também, definitivamente, seus próprios quadros e prepara, para o caso de sucesso, a lista eventual do próximo governo bolchevista, Lenin à frente. Esse último supervisiona os acontecimentos de perto e transmite suas derradeiras instruções. Trotsky, braço direito muito ativo de Lenin, chegado há vários meses dos Estados Unidos onde permanecera após sua fuga da Sibéria, participará do poder em um posto importante.

Os socialistas-revolucionários de esquerda agem de acordo com os bolcheviques.

Os anarquistas e os anarco-sindicalistas, pouco numerosos e mal organizados, mas também muito ativos, fazem de sua parte tudo o que podem para sustentar e encorajar a ação das massas contra Kerensky. Entretanto, eles se esforçam por orientar a nova Revolução, não pela via política, rumo à conquista do poder por um partido, mas sobre o caminho verdadeiramente social: rumo a uma organização e uma colaboração livres, de espírito libertário.

A seqüência dos acontecimentos é mais ou menos bem conhecida. Citemos os fatos, brevemente:

A fraqueza extrema do governo Kerensky tendo sido uma vez constatada, a simpatia de uma maioria esmagadora das massas conquistadas, assegurado o apoio ativo da frota de Cronstadt — sempre na vanguarda da Revolução — e da maioria das tropas de Petrogrado, o Comitê Central do Partido Bolchevique fixou a Insurreição para a noite de 25 de outubro (7 de novembro conforme o novo calendário). O Congresso Pan-russo dos Soviets foi convocado para a mesma data.

Os membros do Comitê Central do Partido Bolchevique estavam convencidos de que este congresso de maioria bolchevique e obediente às diretivas do partido, devia proclamar e apoiar a revolução e reunir todas as forças revolucionárias do país, fazer frente a resistência de Kerensky, etc.

A insurreição se realizou, efetivamente, a 25 de outubro pela noite. O Congresso dos Soviets se reuniu em Petrogrado no mesmo dia. Mas não precisou intervir.

Não houve tampouco nem combates de rua, nem barricadas: nenhuma luta de grande importância.

Tudo se passou de uma forma simples e rápida.

Abandonado por todo o mundo, o governo Kerensky, apegando-se a quimeras, ocupava o Palácio de Inverno, que era defendido por um batalhão de "elite", um batalhão feminino e um punhado de jovens oficiais aspirantes.

Os destacamentos de tropas fiéis aos bolcheviques, agindo segundo um plano definido em ligação estreita com

o Congresso dos Soviets e o Comitê Central do partido, cercaram o palácio e atacaram seus defensores. A ação das tropas foi sustentada por navios de guerra da frota báltica vindos de Cronstadt e alinhados ao longo do rio Neva, defronte ao Palácio. Aí estava notadamente o cruzador **Aurora**.

Depois de uma curta escaramuça e alguns tiros de canhão do cruzador, as tropas bolcheviques tomaram o Palácio.

Entrementes Kerensky conseguiu fugir. Os outros membros do governo foram aprisionados.

Assim, a "insurreição" de Petrogrado limitou-se a uma pequena operação militar conduzida pelo Partido Bolchevique. Desocupada a cadeira do poder, o Comitê Central do partido aí se instalou como vencedor. Foi quase uma revolução de palácio.

Uma tentativa de Kerensky de marchar sobre Petrogrado com algumas tropas retiradas da frente (cossacos e, de novo, a divisão caucasiana) fracassou — graças a uma vigorosa intervenção armada das massas operárias da capital e principalmente, de novo, dos marinheiros de Cronstadt vindos rapidamente em socorro. Em uma batalha perto de Gatchina, perto de Petrogrado, uma parcela das tropas de Kerensky foi batida; uma outra passou-se para o campo revolucionário. Kerensky fugiu e se refugiou no estrangeiro.

Em Moscou e outros locais a tomada do poder pelo Partido Bolchevique se efetuou com mais dificuldade.

Moscou viveu dez dias de combates encarniçados entre as forças revolucionárias e as da reação. Houve muitas vítimas. Vários bairros da cidade foram grandemente avariados pelo fogo da artilharia. Finalmente, coube a vitória à Revolução.

Em certas outras cidades igualmente a vitória foi arrancada à custa de muita luta.

O campo, de maneira geral, permaneceu tranqüillo ou mesmo indiferente. Os camponeses estavam por demais

absorvidos com suas preocupações locais: desde muito tempo, eles estavam resolvendo eles mesmos "o problema agrário". E eles não viam nenhum inconveniente na tomada do poder pelos bolcheviques. Desde que eles tinham a terra e não temiam mais o retorno do "pomestchik", eles estavam razoavelmente satisfeitos e se preocupavam muito pouco com os ocupantes do poder. Não esperavam nada de mal da parte dos bolcheviques. Havia ouvido dizer que eles pretendiam fazer cessar a guerra, o que lhes parecia perfeitamente justo e concebível. Não tinham pois nenhuma razão para combater a nova revolução.

O modo como essa revolução foi realizada ilustra otimamente a inutilidade de uma luta em torno do "poder político". Se, por tal ou tal razão, esse é sustentado por uma forte parcela da população, e principalmente pelo exército, é impossível abatê-lo; então, não vale a pena tentar. Se, pelo contrário, esse é abandonado pela maioria e pelo exército — o que se produz em toda verdadeira revolução — então não vale a pena de ocupar-se especialmente dele: ao menor gesto do povo em armas, ele cai como um castelo de cartas. É necessário ocupar-se, não do poder "político" mas do **poder real da revolução**, de suas inesgotáveis forças espontâneas, potenciais, de seu impulso irresistível, dos imensos horizontes que ela abre, em suma, de todas as enormes possibilidades que ela carrega em seu seio.

Entretanto, como se sabe, em várias regiões — notadamente a leste e no sul — a vitória dos bolcheviques não foi completa. Movimentos contra-revolucionários logo se esboçaram; eles ganharam corpo, tomaram importância e passaram a uma verdadeira guerra civil que se prolongou até o fim de 1921.

Um desses movimentos, dirigido pelo general Denikin (1919), tomou proporções de um levante muito perigoso contra o poder bolchevique. Partido das profundezas da Rússia meridional (região do Don e do Kuban, Ucrânia,

Criméia, Cáucaso), o exército de Denikin chegou, no verão de 1919, quase às portas de Moscou. (O leitor tomará conhecimento das razões que fizeram a força desse movimento, assim que a forma como esse perigo iminente pôde ser afastado, **uma vez mais fora do "poder político" bolchevique**, pronto a abandonar o terreno).

Muito perigoso foi igualmente o levante desencadeado mais tarde pelo general Wrangel, nas mesmas regiões.

Bastante ameaçador foi, antes, o movimento comandado militarmente pelo almirante Koltchak, no Leste.

Outras rebeliões contra-revolucionárias, em várias regiões, foram menos importantes.

A maior parte desses movimentos foram, numa certa medida, sustentados e alimentados por intervenções estrangeiras. Algumas foram assistidas e mesmo dirigidas politicamente pelos socialistas moderados: os socialistas-revolucionários de direita e os mencheviques.

Por outro lado, o poder bolchevista teve de sustentar uma luta, longa e difícil: 1.^o — contra seus ex-aliados, os socialistas-revolucionários de esquerda; 2.^o — **contra as tendências e o movimento anarquistas**. Naturalmente, esses movimentos de esquerda combateram os bolcheviques, não ao lado dos contra-revolucionários, mas ao contrário, em nome da "verdadeira Revolução Social" traída, em suas opiniões, pelo Partido Bolchevique no poder.

Voltaremos a falar de todos esses movimentos, de maneira mais detalhada, na última parte de nossa obra. Mas notemos aqui mesmo que o nascimento, e sobretudo a amplitude e o vigor desses movimentos contra-revolucionários foram o resultado fatal da carência do poder bolchevique, de sua incapacidade de organizar a nova vida econômica e social. O leitor verá mais adiante qual foi a evolução **real** da Revolução de Outubro, e também quais foram os meios pelos quais o novo poder soube finalmente se impor, se manter, dominar a tempestade e "resolver" à sua maneira os problemas da Revolução.

Em suma, é somente a partir do ano de 1922 que o partido bolchevista no poder pôde se sentir definitivamente — ao menos por um momento histórico dado — senhor da situação.

A explosão e seus efeitos imediatos chegaram a um fim. Sobre as ruínas do tzarismo e do sistema feudal-burguês, era necessário agora começar a edificar a nova sociedade.

NOTAS

1. Pode-se encontrar alguma analogia entre essa situação da Rússia no século XIX e até as vésperas da revolução de 1917 e a da França no século XVIII, antes da revolução de 1789. Mas naturalmente, algumas particularidades são especificamente russas.
2. Lênin, em suas obras, e Bukharin, em seu "ABC do Comunismo", constatam, se bem que rapidamente, que os "Soviets" foram criados espontaneamente pelos operários, em 1905; mas não dão nenhuma precisão, deixando supor que esses operários eram bolcheviques ou pelo menos simpatizantes.
3. Sou forçado a formular uma certa reserva. Citei os referidos fatos num breve estudo sobre a Revolução Russa, publicado por Sébastien Faure na "Enciclopédia Anarquista" sob o verbete "Revolução". Depois, Faure editou um volume com o título "A verdadeira Revolução Social", onde reeditou alguns estudos aparecidos na Enciclopédia, entre os quais se encontrava o meu. Como o "grande público" não lê a literatura libertária, os fatos citados passaram praticamente despercebidos.
4. Nossar tinha uma mulher, cuja sorte posterior me é desconhecida, e um jovem irmão, Estevão, que reencontrei mais tarde na prisão. Depois, perdi-o de vista. Meu relato poderia ser confirmado por essas pessoas no caso em que estejam ainda vivas.
5. O leitor não se espantará com essa falência. Não se deve perder de vista que na Rússia, a **burguesia** — fraca, desorganizada e totalmente à margem da vida do Estado — não tinha nenhuma iniciativa, não desempenhava nenhum papel organizador na economia nacional; que o operário e o camponês — escravos sem voz nem direitos — eram menos que nada na organização econômica do país e ridicularizavam abertamente o Estado czarista; que assim **todo o mecanismo**: político, econômico e social se encontrava, de fato, entre as mãos da classe dos **funcionários czaristas**. Desde que a guerra desorientou essa classe e desregulou aquele mecanismo senil, **tudo desmoronou**.
6. O "Poder político" não é uma força "em si". Ele é "forte enquanto se pode apoiar sobre o capital, sobre a armação do Estado, sobre o exército, sobre a política. Sem esses apoios, ele fica "suspense no vazio", impotente e inoperante. A Revolução Russa disso nos fornece a prova formal: a burguesia russa, tendo em mãos o "poder político" após fevereiro de 1917, foi impotente, e seu "poder" caiu por si mesmo dois meses mais tarde; porque ela não dispunha mais de nenhuma força real: nem de um capital produtivo, nem de uma massa confiante, nem dum sólido aparelho de Estado, nem de um exército para si. O segundo e o terceiro "governos provisórios" caíram igualmente e pela mesma razão. E é

muito provável que se os bolcheviques não tivessem precipitado os acontecimentos, o governo de Kerensky teria também caído algum tempo mais tarde como os anteriores.

Deduz-se daí que se a Revolução Social está em vias de triunfar (de forma que o capital — solo, subsolo, fábricas, meios de comunicação, dinheiro, etc. — começam a passar às mãos do povo, e o exército faz causa comum com esse último), não há nenhuma necessidade de se preocupar com o "poder político". Se as classes derrotadas tentassem, por tradição, de formar um "poder político", que importância poderia ele ter? Mesmo que elas conseguissem formá-lo, seria um governo fantasma, ineficaz e fácil de se suprimir com um minúsculo esforço do povo armado. E quanto à **Revolução**, que necessidade teria ela de um "governo", de um "poder político"? Sua única tarefa seria a de avançar pelo mesmo caminho popular, de se organizar, de se consolidar, de se aperfeiçoar economicamente, de se defender se necessário, de se estender, de construir uma nova vida social para as massas, etc. Tudo isto é um efeito, nada tendo a ver com o "poder político", porque é uma **função normal do povo revolucionário**, dos seus múltiplos organismos econômicos e sociais e de suas federações coordenadoras, de suas formações de defesa, etc.

Que é no fundo um "poder político"? O que é uma atividade "política"? Quantas vezes eu fiz esta pergunta aos membros dos partidos políticos de esquerda, sem nunca obter uma resposta ou uma definição inteligente! Como se pode definir a atividade política, em tanto que atividade "em si", específica e útil para a comunidade, tendo um domínio determinado a servir? É possível conceber e definir, mais ou menos nitidamente, a atividade social, econômica, administrativa, jurídica, diplomática, cultural... Mas uma atividade "política"? Que seria isso? Pretende-se designar sob esse nome, precisamente, uma atividade **administrativa central**, indispensável a extensão de um país. Mas nesse caso, "poder político" significaria "poder administrativo"? Evidentemente, essas duas noções não são de modo algum idênticas. Consciente ou inconscientemente, confunde-se assim **poder e administração** (tal como se confunde geralmente **Estado e Sociedade**.) De fato, a atividade, "administrativa" não é separada — nem a separar — de qualquer ramo da atividade humana: ela faz parte integrante dela; funciona em toda atividade, em tanto que princípio de organização, de coordenação, de centralização **normal** (de forma federada, na medida em que isso seja necessário: da periferia ao centro). Para certos ramos da atividade humana, pode-se conceber uma administração geral. Em cada domínio — ou num conjunto de domínios — homens possuindo o dom e o conhecimento de organização devem exercer normalmente a função de organizadores, de "administradores": função que, simplesmente, faz parte de toda a atividade no domínio em questão. Esses homens, trabalhadores como os demais, devem assegurar assim a "administração das coisas" (ligação, coesão, equilíbrio, etc.), sem que por isso seja necessário dirigir um "poder político" rígido em si. E o "poder político" como tal, como "coisa à parte", resta indefinível, pois ele não corresponde a nenhuma atividade humana normal, real, concreta. E eis porque um "poder político" se esvazia e cai por si mesmo quando as funções reais são preenchidas normalmente, pelos serviços que lhes correspondem. "Como tal", ele não pode existir, pois não existe função "política" específica numa comunidade humana.

O Sr. Goldenweiser, jurista russo, conta em suas memórias (**Arquivos da Revolução Russa**, revista dos emigrados refugiados em Berlim antes da guerra) que ele vivia, na época da Revolução, numa cidade da Ucrânia, em uma zona muito movimentada. Pelo jogo dos acontecimentos, a cidade permaneceu sem "poder" (nem branco, nem vermelho) por algum tempo. E, espantado, o senhor Goldenweiser constata que durante todo esse período, a população vivia, trabalhava e se ocupava de suas necessidades tão bem — e até melhor — que quando o "poder" estava ali presente. O senhor Goldenweiser não é o único a constatar esse fato. O que não deixa de ser surpreendente, é que o senhor Goldenweiser tenha se espantado com isso. Será que é o "poder" que faz os homens viver, agir e se entender para satisfazer as suas necessidades? Será que, ao longo da História dos homens, terá existido um "poder" que teria tornado a sociedade bem organizada, harmoniosa, feliz? É justamente o contrário que a História nos ensina: as sociedades humanas se encontravam — na medida em que era historicamente possível — felizes, harmoniosas e progressistas exatamente naquelas épocas onde o "poder político" era fraco (Grécia antiga, certos períodos da Idade Média, etc.) e onde a população se encontrava mais ou menos abandonada a si mesma. E vice-versa: um "poder político" forte, verdadeiro, não trouxe jamais aos povos outra coisa a não ser desgraças, guerras, miséria, estagnação e ausência de progresso. O poder "político" surgiu na evolução das sociedades humanas por razões históricas determinadas **que, atualmente, não existem mais**. Não podemos nos ocupar disso aqui, pois nos distanciaríamos demasiado de nosso tema. Limitemo-nos a constatar que no fundo, há milênios, o "poder" não soube jamais fazer outra coisa que as guerras. Os manuais escolares aí estão para demonstrá-lo. E a época atual testemunha de forma fulgurante essa afirmação.

Pretende-se que para poder "administrar" é necessário poder **impor, comandar, recorrer a medidas coercitivas**. Um "poder político" seria então uma administração central de um grande território (um país) dispoindo de meios coercitivos. Mas, em caso de necessidade, um serviço administrativo popular pode recorrer a medidas desse gênero sem precisar instalar para isso um "poder político" específico permanente, e mesmo com mais eficácia.

Pretende-se ainda que as massas populares são incapazes de se organizar e de criar por sua própria conta uma administração eficiente. Ao longo dessa obra o leitor encontrará, espero, provas suficientes de que essa alegação é falsa.

Se, em plena Revolução Social, os diversos partidos políticos querem brincar de "organizar o poder", o povo deve simplesmente continuar sua tarefa revolucionária, deixando esses partidos no isolamento: esse brinquedo inútil vai logo cansá-los. Se, após fevereiro, e sobretudo após outubro de 1971, os trabalhadores russos, ao invés de criar para si novos senhores, tivessem simplesmente continuado sua obra, ajudados por todos os revolucionários, defendidos pelo **seu** exército, apoiados pelo país inteiro, a própria idéia de um "poder político" teria logo desaparecido para sempre.

Ao longo dessa obra, o leitor encontrará numerosos fatos, até agora ignorados, que confirmam essas teses.

Esperemos que a próxima revolução poderá vislumbrar o verdadeiro caminho e não se deixará confundir por "revolucionários de salão" políticos.

ÍNDICE DOS PRÓXIMOS VOLUMES

SEGUNDO VOLUME

BOLCHEVISMO E ANARQUIA

- PRIMEIRA PARTE: **As duas idéias da Revolução**
SEGUNDA PARTE: **Em torno da Revolução de outubro**
TERCEIRA PARTE: **Depois de outubro**
QUARTA PARTE: **A Repressão**
QUINTA PARTE: **O Estado Bolchevique**
-

TERCEIRO VOLUME

AS LUTAS PELA VERDADEIRA REVOLUÇÃO SOCIAL

- PRIMEIRA PARTE: **Cronstadt (1921)**
SEGUNDA PARTE: **Ucrânia 1918-1921)**

LEIA

John Reed
DEZ DIAS QUE ABALARAM O MUNDO

Maiakovsky
POÉTICA — COMO FAZER VERSOS

Karl Marx
A ORIGEM DO CAPITAL: A ACUMULAÇÃO PRIMITIVA

Marta Harnecker
O CAPITAL: CONCEITOS FUNDAMENTAIS

Marx/Turgot
TEORIAS DA MAIS-VALIA: OS FISIOCRATAS

Alexandra Kollontai
A NOVA MULHER E A MORAL SEXUAL

Leon Trotsky
COMO FIZEMOS A REVOLUÇÃO

Wilhelm Reich
PSICOPATOLOGIA E SOCIOLOGIA DA VIDA SEXUAL

Lenin
AS TRÊS FONTES E AS TRÊS PARTES CONSTITUTIVAS DO MARXISMO

Stalin
MATERIALISMO DIALÉTICO E MATERIALISMO HISTÓRICO

Lenin
COMO ILUDIR O POVO

Marx
DIFERENÇA ENTRE AS FILOSOFIAS DA NATUREZA EM DEMÓCRITO E EPICURO

Engels
DO SOCIALISMO UTÓPICO AO SOCIALISMO CIENTÍFICO

Trotsky
AS LIÇÕES DE OUTUBRO

Samora Machel/A. Kollontai/Vito Kapo e outros
A LIBERTAÇÃO DA MULHER

Marx/Engels
SOBRE LITERATURA E ARTE

Marx/Engels/Lenin
SOBRE A MULHER

Kropotkin/Bakunin/Malatesta/Engels
O ANARQUISMO E A DEMOCRACIA BURGUESA

Althusser/Badiou
MATERIALISMO HISTÓRICO E MATERIALISMO DIALÉTICO

Sweezy/Marx
PARA UMA CRÍTICA DA ECONOMIA POLÍTICA

Eric Hobsbawm
AS ORIGENS DA REVOLUÇÃO INDUSTRIAL

Bakunin
O SOCIALISMO LIBERTÁRIO

Lenin
IMPERIALISMO FASE SUPERIOR DO CAPITALISMO

Kautsky
AS TRÊS FONTES DO MARXISMO

Marx/Adam Smith
TEORIA DA MAIS-VALIA: ADAM SMITH E A IDÉIA DO TRABALHO PRODUTIVO



global editora